



WILLIAN FRANCISCO DE MOURA

**A INTERTEXTUALIDADE MULTIMODAL EM MEMES DO
INSTAGRAM: UMA ANÁLISE BASEADA NA GRAMÁTICA DO
DESIGN VISUAL**

**LAVRAS - MG
2023**

WILLIAN FRANCISCO DE MOURA

**A INTERTEXTUALIDADE MULTIMODAL EM MEMES DO INSTAGRAM: UMA
ANÁLISE BASEADA NA GRAMÁTICA DO DESIGN VISUAL**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, área de concentração em Linguagem, Cultura e Sociedade, para a obtenção do título de Mestre.

Profa. Dra. Patricia Vasconcelos Almeida
Orientadora

**LAVRAS - MG
2023**

**Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da Biblioteca
Universitária da UFLA, com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).**

Moura, Willian Francisco de.

A intertextualidade multimodal em memes do Instagram: uma análise baseada na gramática do design visual / Willian Francisco de Moura. - 2023.

120 p. : il.

Orientador(a): Patricia Vasconcelos Almeida.

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Lavras, 2023.

Bibliografia.

1. Intertextualidade Multimodal. 2. Memes. 3. Gramática do Design Visual. I. Almeida, Patricia Vasconcelos. II. Título.

WILLIAN FRANCISCO DE MOURA

**A INTERTEXTUALIDADE MULTIMODAL EM MEMES DO INSTAGRAM:
UMA ANÁLISE BASEADA NA GRAMÁTICA DO DESIGN VISUAL**

**MULTIMODAL INTERTEXTUALITY IN INSTAGRAM MEMES: AN
ANALYSIS BASED ON VISUAL DESIGN GRAMMAR**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, área de concentração em Linguagem, Cultura e Sociedade, para a obtenção do título de Mestre.

APROVADA em 27 de fevereiro de 2023.

Prof.^a Dra. Mauricéia Silva de Paula Vieira – UFLA

Prof.^a Dra. Ana Carolina de Laurentiis Brandão – UNEMAT



Documento assinado digitalmente

PATRICIA VASCONCELOS ALMEIDA

Data: 19/04/2023 14:04:49-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof.^a Dra. Patricia Vasconcelos Almeida – UFLA
Orientadora

**LAVRAS – MG
2023**

*Aos meus queridos pais, amigos e familiares.
Dedico*

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, pela oportunidade de chegar ao mestrado, apesar das minhas raízes simples e de todas as dificuldades vividas durante minha formação acadêmica.

Aos meus pais e irmãos que sempre estiveram comigo, apoiando, orando por mim, sempre torcendo pelo meu sucesso e acreditando que sou capaz de conquistar o mundo. Em especial minha querida mãezinha, Maria das Graças, que me ensinou a acreditar e confiar, mesmo nos momentos mais difíceis.

À minha orientadora, Patricia Vasconcelos Almeida, ser humano admirável, por todo carinho e respeito. Desde o primeiro momento, ainda na banca de seleção, demonstrou ser uma pessoa cheia de luz, fato que pude comprovar durante esses dois anos de orientação. Obrigado por não desistir de mim, você foi fundamental nesse processo. Gratidão por tudo e por tanto.

À Universidade Federal de Lavras por me proporcionar estar junto de tanto conhecimento e de pessoas incríveis, em especial os professores do Programa de Mestrado em Letras e meus colegas mestrandos.

À banca de qualificação composta por Mauricéia e Ana Carolina, que ampliaram minha visão acerca desta pesquisa, possibilitando a execução de um trabalho dentro dos parâmetros de uma dissertação de mestrado.

Aos meus amigos de vida que, mesmo indiretamente, estiveram sempre me apoiando e me fazendo acreditar que sou capaz. Minha vida é melhor com vocês. Gratidão!

“Todo texto é um objeto heterogêneo, que revela uma relação radical de seu interior com seu exterior; e, desse exterior, evidentemente, fazem parte outros textos, que lhe dão origem, que o predeterminam, com os quais dialoga, que retoma, a que alude, ou a que se opõe.”

Ingedore Villaça Koch

RESUMO

Os processos linguísticos relacionados aos textos visuais foram diretamente impactados pelo avanço das tecnologias digitais e as constantes modificações nas práticas de linguagem. Os textos tornaram-se cada vez mais multimodais e intertextuais, possibilitando novas formas de comunicação. Koch e Elias (2010) argumentam que a intertextualidade está presente na constituição de todos os textos, porém a maneira como ela é apresentada depende dos propósitos comunicativos de cada produtor. Por isso, propõe-se que a intertextualidade e a multimodalidade coexistem nos textos em um processo interdependente, podendo ser denominada como intertextualidade multimodal. O meme, enquanto gênero de texto de natureza multimodal e intertextual, é um exemplo de gênero textual em que essa relação torna-se evidente no que tange à construção de sentidos. Nesse contexto, a presente pesquisa tem por objetivo geral analisar o processo de construção da intertextualidade multimodal em memes do Instagram, a partir da Gramática do Design Visual, doravante GDV. Com o intuito de atingir o objetivo geral, firmaram-se os seguintes objetivos específicos: (i) investigar como as múltiplas semioses auxiliam o leitor na construção da intertextualidade; (ii) compreender como determinadas organizações multimodais se integram aos intertextos para estabelecer relações de sentido; e (iii) interpretar como as categorias de análise da GDV podem ser utilizadas para compreender como acontece a intertextualidade multimodal nos memes. Para tal propósito, encaminhou-se esta pesquisa à luz de teorias como a Intertextualidade, a Multimodalidade e a GDV, a partir de autores como Koch, Bentes e Cavalcante (2012), Koch e Elias (2006, 2008 e 2010), Koch (2015), Kress e van Leeuwen (1995, 1998, 2001, 2006), Kress (2003, 2010), Novellino (2007) e Santos (2020). Para isso, adotou-se uma abordagem qualitativa com objetivos exploratórios, cujas análises buscaram compreender como as múltiplas semioses contribuem para que o leitor construa a intertextualidade. Sob esse viés, observou-se que os memes analisados neste estudo possibilitaram perceber que tanto intertextualidade quanto multimodalidade interdependente e emergem enquanto fenômenos auxiliares na construção de sentidos de um texto.

Palavras-chave: Intertextualidade Multimodal. Memes. Gramática do *Design Visual*.

ABSTRACT

The linguistic processes related to visual texts have been directly impacted by the advances in digital technologies and the constant modifications in language practices. Texts have become increasingly multimodal and intertextual, enabling new forms of communication. Koch and Elias (2010) argue that intertextuality is present in the constitution of all texts, but the way it is presented depends on the communicative purposes of each producer. Therefore, it is proposed that intertextuality and multimodality coexist in texts in an interdependent process, which can be referred to as multimodal intertextuality. The meme, as a genre of text that is both multimodal and intertextual, is an example of a textual genre in which this relationship becomes evident in terms of meaning construction. In this context, the present research aims to analyze the process of constructing multimodal intertextuality in Instagram memes, based on the Visual Design Grammar, hereafter GDV. In order to achieve the general objective, the following specific objectives were established: (i) to investigate how multiple semiotics assist the reader in constructing intertextuality; (ii) to understand how certain multimodal organizations integrate with intertexts to establish relationships of meaning; and (iii) to interpret how the analysis categories of GDV can be used to understand how multimodal intertextuality occurs in memes. For this purpose, this research was conducted based on theories such as Intertextuality, Multimodality, and GDV, drawing on authors such as Koch, Bentes, and Cavalcante (2012), Koch and Elias (2006, 2008, and 2010), Koch (2015), Kress and van Leeuwen (1995, 1998, 2001, 2006), Kress (2003, 2010), Novellino (2007), and Santos (2020). A qualitative approach with exploratory objectives was adopted, and the analyses sought to understand how multiple semiotics contribute to the construction of intertextuality by the reader. Under this perspective, it was observed that the memes analyzed in this study made it possible to perceive that both intertextuality and multimodality are interdependent and emerge as auxiliary phenomena in the construction of meaning in a text.

Keywords: Multimodal intertextuality. Memes. Grammar of Visual Design.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – "Meme 1"	49
Figura 2 – "Meme 2"	66
Figura 3 - "Meme 3"	67
Figura 4 - "Meme 4"	70
Figura 5 - "Meme 5"	72
Figura 6 - "Meme 6"	85
Figura 7 - "Meme 7"	90
Figura 8 - "Meme 8"	94
Figura 9 - "Meme 9"	96
Figura 10 - "Meme 10"	104

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

GDV – Gramática do Design Visual

GSF – Gramática Sistêmico-Funcional

LT – Linguística Textual

PI – Participante Interativo

PR – Participante Representado

TDIC – Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	A INTERTEXTUALIDADE E OS SEUS DESDOBRAMENTOS	21
2.1	INTERTEXTUALIDADE <i>STRICTO SENSU</i>	27
2.2	INTERTEXTUALIDADE <i>LATO SENSU</i>	30
2.3	A INTERTEXTUALIDADE MULTIMODAL	32
3	A MULTIMODALIDADE.....	37
3.1	A MULTIMODALIDADE, AS TDIC E OS MEMES	41
3.2	O GÊNERO TEXTUAL MEME E SUAS MULTIPLAS SEMIOSES	45
4	A GRAMÁTICA DO DESIGN VISUAL - GDV	54
4.1	METAFUNÇÃO REPRESENTACIONAL (IDEACIONAL).....	57
4.1.1	Representações Narrativas	58
4.1.1.1	<i>Processo de Ação.....</i>	61
4.1.1.2	<i>Processo Reacional</i>	63
4.1.1.3	<i>Processos Verbal e Mental</i>	64
4.1.2	Representações Conceituais.....	64
4.1.2.1	<i>Processo Classificacional.....</i>	65
4.1.2.2	<i>Processo Analítico.....</i>	65
4.1.2.3	<i>Processo Simbólico.....</i>	67
4.2	METAFUNÇÃO INTERATIVA (INTERPESSOAL)	68
4.3	METAFUNÇÃO COMPOSICIONAL (TEXTUAL)	71
5	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	74
5.1	INTRODUÇÃO	74
5.2	O CARÁTER DA PESQUISA.....	75
5.3	O CONTEXTO DA INVESTIGAÇÃO	76
5.4	DESCRIÇÃO DO CORPUS	79
5.5	PROCEDIMENTOS E CATEGORIAS DE ANÁLISE	82
6	ANÁLISE DE CORPUS E RESULTADOS.....	84

6.1	MEMES DE ROMEU E JULIETA.....	85
6.2	MEMES DE DOM CASMURRO.....	93
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	108

1 INTRODUÇÃO

Historicamente, a imagem foi um dos primeiros meios de registro utilizados pelo homem, tendo a relação do sujeito com o visual se alterado com o tempo, de acordo com o ritmo em que as sociedades se transformavam. Assim sendo, de início, os elementos gráficos eram apenas desenhos que tinham como significado o que pareciam no contexto real de quem estava desenhando, ou seja, eram símbolos figurativos¹. Com a evolução humana e dos processos de comunicação, os seres humanos desenvolveram a escrita, a qual também passou por um processo de evolução em diversas sociedades humanas.

A partir de então, com o desenvolvimento da escrita, o texto tornou-se um elemento presente no cotidiano das sociedades. De acordo com Kress e Van Leeuwen (2006), as sociedades ocidentais dedicaram-se, por muito tempo, aos estudos de textos escritos e orais, deixando de lado os recursos semióticos presentes neles, mas, ainda assim, os textos visuais foram evoluindo, paralelamente à escrita. Essa situação, por sua vez, começou a se transformar após o surgimento da internet e de recursos tecnológicos, como os computadores e os celulares, ou seja, com recursos midiáticos que possibilitaram o aprimoramento dos textos em relação aos elementos visuais, tornando-se essenciais para a ampliação dos sentidos textuais.

É necessário ressaltar, primeiramente, que, neste estudo, o conceito de texto ao qual as discussões estão ancoradas, pauta-se nas proposições sobre texto que foram desenvolvidas no âmbito da Linguística Textual, doravante LT. No âmbito da LT, o texto é tido como um ato de comunicação, no qual são articulados fatores sociais, linguísticos e cognitivos. Esse conceito passou por muitas fases no decorrer da trajetória da LT. Atualmente, as abordagens teóricas sobre texto ocorrem à luz da quarta virada pragmática, em que essas organizações linguísticas estariam inseridas em um contexto real de uso que se produz significados (ALVES; XIMENES, 2019).

Nesse cenário, insere-se Koch (2008) que, em sua perspectiva sociolinguística, propõe relações estreitas entre linguagem e cognição, visto que a linguagem seria o mediador entre o mundo social e biológico. Essa noção traz também a noção de contexto enquanto um local de construção e reconstrução de significados. O texto, no âmbito da perspectiva construtivista, seria o espaço de interação entre os sujeitos onde se constroem e são construídos sentidos.

¹ Os símbolos figurativos são imagens que possuem significação clara e objetiva quanto ao seu referente no meio o qual circulam socialmente e que buscam explicitar a fonte de origem ou a última fonte de origem de tal documento (OTAOLA, 1997).

Assim, o texto seria um espaço de convergência de fatores múltiplos, como os linguísticos, cognitivos e sociais. Nessa zona de convergência que são os textos, percebe-se que eles estão mais relacionados a fatores contextuais de significação do que a estruturas e teorias em si. Portanto, seguiu-se a noção do texto como formas de estabelecer significação. Devido à relação deste estudo com as tecnologias digitais, foi proposto que compreender os textos característicos dos ambientes em rede é essencial.

Ao longo das últimas décadas, as discussões sobre os textos e os gêneros textuais² característicos dos meios digitais têm crescido bastante. De acordo com Rojo (2013), observa-se que os textos se tornaram cada vez mais multimodais, entendendo como multimodais aqueles textos que misturam diferentes modalidades da língua para produzir sentidos, como a linguagem verbal, a linguagem não verbal, a linguagem sonora, entre outras.

Nesse prisma, insere-se o meme, um gênero multimodal que se expandiu, principalmente, devido aos ambientes digitais e que tem como principal objetivo produzir humor por meio de narrativas visuais que, quase sempre, demandam de conhecimentos prévios por parte do leitor para produzir sentidos. Esse gênero, que será o mote desta investigação, ganhou expressividade nas mídias nos últimos anos, já que se tornou popular, sobretudo entre o público jovem, envolvido com os meios de comunicação em massa e que acessa as redes sociais.

Delimitar o gênero textual meme não é uma tarefa simples, uma vez que ao logo do tempo esse gênero ganhou novos contornos e funções na sociedade. Por isso, iniciou-se as abordagens apresentando como o meme vem sendo abordado em sociedade, desde a criação do termo até os estudos mais recentes e as possíveis relações com a intertextualidade multimodal. Para a compreensão do gênero de texto meme, buscou-se apoiar as discussões em autores como Fontanella (2009), Dawkins (2007), Martino e Grohmann (2017), entre outros. De modo geral, o meme pode ser entendido como um mecanismo de cópia e imitação que pode ser replicado para as outras pessoas, ou seja, tudo aquilo que é copiado e replicado pode ser considerado um meme, não está relacionado ao humor diretamente. Por ser um termo muito presente na internet, a existência dos memes está relacionada às informações virais.

² Nesta investigação, segue-se a perspectiva proposta por Marcuschi (2005, p. 19), na qual os gêneros textuais são “entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis de qualquer situação comunicativa”. Dessa maneira, o autor propõe que não há comunicação que não esteja baseada em gêneros textuais. Além disso, Ramos (2007, p. 21) propõe que os gêneros “consolidam as práticas ao mesmo tempo em que constroem outras, daí a sua natureza estável, mas não imutável, mutável, mas não ininteligível, pois são usados em lugar e tempo determinados, social e historicamente situados.

O termo meme foi cunhado pelo etólogo Richard Dawkins em estudos sobre a gene humana e cultura. O estudioso propôs que o meme seria uma espécie de unidade de replicação, na qual as informações seriam replicadas, assim como acontece nos genes, os quais carregam informações que saltam de um corpo para o outro (DAWKINS, 2007). Apesar de Dawkins não ter definido precisamente o que seria essa unidade de replicação, devido às suas construções teóricas é possível inferir que o estudioso se referia às práticas culturais, comunicativas e seus desdobramentos. De acordo Fontanella (2009), nas práticas comunicativas, o meme abrange ideias, brincadeiras, comportamentos, piadas e tudo aquilo que se espalha a partir de uma replicação viral.

O meme se tornou muito popular, principalmente, devido ao advento das mídias sociais. A partir disso, houve um aumento crescente de estudos no campo da linguagem, os quais buscam compreender as nuances desse gênero de texto nas práticas de linguagem, sejam elas presenciais ou em rede. Diante disso, para compreender melhor o gênero textual meme é necessário elaborar um panorama do que vem sendo estudado sobre os memes no âmbito dos estudos da linguagem e de que maneira esses estudos se relacionam às discussões propostas nesta pesquisa. Além disso, é necessário salientar que as discussões deste estudo foram propostas com o intuito de auxiliar na compreensão de como as diversas semioses auxiliam o leitor na construção da intertextualidade.

Os memes têm sua materialidade em forma de imagens, vídeos, frases, discursos e, até mesmo, em práticas sociais que estão presentes nos mais variados espaços de vivência. No entanto, o destaque para a existência dos memes está nos ambientes digitais, nos quais há uma proliferação notavelmente alta de memes (MARTINO; GROHMANN, 2017). Diante disso, na busca pela compreensão da função dos memes nas práticas de linguagem, é essencial entender que os sujeitos sociais estão, cada vez mais, imersos em ambientes em rede. Isso, aliado às características virais dos memes, possibilita a rápida aceitação e compartilhamento desses textos. Fato que retoma a replicação proposta por Dawkins (2007, p. 331 e 333), o qual propõe que “a transmissão cultural é análoga à transmissão genética”. Logo, a replicação desses textos seria semelhante à replicação dos genes, em um sentido biológico.

Ademais, os memes não possuem características fixas, tornam-se memes devido a sua replicação nos mais diferentes contextos, mas tendem a apresentar propriedades semelhantes, contextos de uso, suportes, entre outros fatores. Conforme Martino e Grohmann (2017, p. 97), “em sua utilização corrente, memes são imagens, dos mais variados tipos, as quais são geralmente acrescentadas palavras que auxiliam a compor uma determinada mensagem”. A

partir da própria noção do que é um meme, nota-se a presença de múltiplas semioses em seu processo de constituição.

As discussões acadêmicas recentes sobre os memes, colocam-lhes diretamente relacionados à cultura digital. Seja pela popularização desse gênero principalmente em ambientes virtuais, seja pelas possibilidades de criação, edição e compartilhamento possibilitadas pelas tecnologias digitais. O meme está, na grande maioria das vezes, inserido nos debates sobre tecnologias digitais, textos multimodais e semiótica. Seu grande consumo e divulgação podem ser uns dos motivos para atrair os estudiosos. Martino e Grohmann (2017, p.94) argumentam que os memes são uns dos principais elementos da cultura digital, sendo definidos a partir do construto de uma ideia compartilhada entre os seres humanos. Além disso, os ambientes digitais apresentam-se enquanto ambientes adequados para sua multiplicação, principalmente devido à velocidade de compartilhamento das construções meméticas.

Nesse escopo, o meme também é um gênero que atrai interesse quando se discute sobre intertextualidade. Devido ao seu caráter de cópia e replicação, seus exemplares tendem a surgir a partir de outros textos. Meili (2014) aborda sobre a natureza intertextual dos memes, propondo que eles perpassam inúmeros textos e mídias (multimídias), constituindo-se paródias e firmando-se a partir de múltiplas referências. Dessa forma, essas multimídias intertextuais, que são os memes, possuem papel de destaque nas práticas comunicativas, no Brasil e no mundo. Por isso, ao longo das discussões, buscou-se responder a seguinte pergunta de pesquisa: como as múltiplas semioses contribuem para que o leitor construa a intertextualidade. Além de tentar entender de qual forma as categorias de análise da GDV auxiliam na compreensão da intertextualidade multimodal.

Nesse contexto, a elaboração deste estudo justifica-se pela presença cada vez mais comum dos memes nas práticas de linguagem dos sujeitos sociais. Desde a infância, ainda na pré-escola, até a idade mais avançada, há memes que conseguem atrair a atenção do leitor, de modo que as semioses presentes nesses textos produzam sentido e, conseqüentemente, passem uma mensagem ao interlocutor. Pensar em redes sociais sem a presença dos memes é quase inviável, uma vez que eles fazem parte da essência dessas plataformas, atraem os usuários para que continuem a navegar durante horas. Assim como nas mídias digitais, os memes estão presentes em sala de aula e nos demais ambientes nos quais executam-se trocas linguísticas. Apesar das alterações que os memes passam ao longo do tempo, continuam a exercer papel fundamental e de destaque em sociedade.

Este estudo visa contribuir com o entendimento acerca das múltiplas semioses presentes nos memes e como tais recursos auxiliam na construção dos sentidos, possibilitando a constituição da intertextualidade. Há discussões sobre o caráter intertextual dos memes, mas é preciso também entender como essa intertextualidade se manifesta, ou seja, de que modo as múltiplas semioses interagem para constituir o sentido intertextual. De certo modo, esses processos dependem dos conhecimentos do próprio interlocutor, uma vez que a intertextualidade é um fenômeno que acontece a partir do diálogo entre diferentes textos, seja em conteúdo ou em forma.

No âmbito das investigações sobre linguagem, há muitos estudos que discorrem acerca da intertextualidade. No entanto, nota-se lacunas no que tange a discussões relacionadas à influência das tecnologias digitais nos processos intertextuais e de estudos que vão além dos gêneros de texto tradicionais das práticas de linguagem contemporâneas, como é o caso dos anúncios publicitários, das propagandas. Nesse contexto, insere-se o objeto deste estudo: o meme. Esse gênero de texto que, apesar de ser muito difundido nas práticas de linguagem *on-line*, ainda carece de abordagens de cunho linguístico-teórico, principalmente, de estudos que focam em suas múltiplas construções semióticas. Dessa maneira, buscou-se fazer um recorte da GDV de modo a compreender como as semioses presentes nos memes vão contribuir para que o leitor estabeleça uma rede intertextual com outros textos e memes.

O interesse por abordar esse tema surgiu durante a disciplina Tecnologias digitais: interações linguísticas e multimodalidade, do programa de pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Lavras. Ao longo da disciplina foram propostas discussões que auxiliaram nas reflexões acerca das tecnologias digitais e os textos multimodais no âmbito das diversas mídias existentes. Assim, tornou-se necessário aprofundar os estudos teóricos sobre o tema, de modo que os elementos visuais e as diversas semioses existentes foram postas em evidência. Tendo em vista a abrangência do estudo, propôs-se uma abordagem que utilizasse as categorias de análise da GDV, uma vez que o sistema de estruturação visual proposto por Kress e Van Leeuwen (2006) já traz categorias de análise prontos, o que possibilita o aprofundamento de outras questões teóricas relacionadas aos elementos visuais e intertextuais.

A partir desse cenário, é necessário levar em consideração que o interesse pelos elementos visuais presentes em sociedade se dá, em grande parte, pela evolução nos meios tecnológicos e de comunicação. Isso, porque o desenvolvimento de recursos tecnológicos possibilitou, nos textos, diferentes tipos de letras, cores variadas, texturas, movimentos, combinações, gráficos, símbolos, palavras, *layouts* e outros recursos. Dessa maneira, os gêneros

textuais que foram surgindo nesse novo período histórico passaram a estar carregados de recursos semióticos, a fim de cumprir seus objetivos comunicativos (VIEIRA; MOURA, 2018).

Assim, em meio aos textos que sofreram impactos pela ampliação das (multi)semioses, tem-se o meme, que se enquadra na perspectiva de textos com variados mecanismos multimodais para a constituição de sentidos, pois, além de, hodiernamente, ser característico de plataformas digitais, para cumprir os seus propósitos comunicativos, depende da mistura de diferentes modalidades da língua e dialoga com diferentes textos constantemente.

Isso posto, percebe-se que os memes misturam circunstâncias do cotidiano e situações que aconteceram em alguma mídia que, de certo modo, tornaram-se virais, transformando-as em uma situação cômica e que se espalha rapidamente pelas redes. Entretanto, são textos que não seguem uma característica estaque, visto que qualquer acontecimento pode virar meme. Levando isso em consideração, tem-se, também, que esse gênero textual é característico das sociedades conectadas, haja vista que são criações dos próprios usuários são veiculadas nas redes (SCHELL, 2020). Vale destacar, ainda, que para o leitor conseguir construir os sentidos proposto(s) no meme, é preciso que haja conhecimentos prévios sobre o acontecimento em destaque, de modo a compreender a situação.

Ademais, o processo de construção de sentidos em memes vai muito além da superfície verbal e não verbal do texto: é necessário haver um diálogo entre o texto em questão e o repertório textual que o leitor/interlocutor carrega, isto é, a memória textual. Seja em relação a uma situação viral veiculada a alguma mídia ou em relação a outro texto. Logo, é possível perceber que os mecanismos linguísticos que possibilitam a produção dos sentidos nos memes são diversos, partindo de um elemento visual à uma relação de referência a outro texto.

Nesse seguimento, a Linguística Textual³ discute um fenômeno que aborda essa relação entre os textos: a intertextualidade. Sobre isso, Garcia (2020) afirma que o termo “intertextualidade” foi cunhado por Kristeva (1974), a partir de contribuições bakhtinianas, remetendo ao fato de os textos se constituírem a partir dos conhecimentos prévios de leitor, de modo que não existam discursos solitários ou isolados.

Todavia, apesar de a intertextualidade ter sido apresentada, inicialmente, nos estudos de analistas do discurso, além de possuir diversas pesquisas sobre o assunto no âmbito da Análise

³ “A LT [...] configura uma linha de investigação interdisciplinar dentro da linguística e como tal exige métodos e categorias de várias procedências. Hoje é a perspectiva que vem fornecendo a base teórica mais usada no estudo da língua em sala de aula (MARCUSCHI, 2008, p. 74). Por fim, é possível sintetizar a LT enquanto uma disciplina da Linguística que tem o texto como objeto de estudo central.

do Discurso⁴, nesta investigação, esse fenômeno será abordado sob os pressupostos da LT, campo no qual os estudos sobre textos foram detalhados. Por isso, vale evocar Koch, Bentes e Cavalcante (2012), que argumentam que a LT incorporou o postulado de Bakhtin (2010 [1963]), no qual o texto (enunciado) não existiria isoladamente e não poderia ser avaliado como uma produção individual, pois ele sempre estaria em constante diálogo com outros textos (enunciados).

Ademais, nesta investigação, a intertextualidade será abordada juntamente à Teoria da Multimodalidade, tendo em vista que o meme é um gênero de texto que, por natureza, congrega esses dois recursos linguísticos para produzir sentidos. A esse respeito, segundo Garcia (2020), a intertextualidade é uma condição fundamental a todos os textos são, essencialmente, multimodais; dessa maneira, a intertextualidade seria um fenômeno multimodal. Além disso, todo texto traz em sua essência algumas características básicas que permitem serem visualizadas sob diferentes perspectivas de análise.

Posto isso, o objetivo geral desta pesquisa é analisar o processo de construção da intertextualidade multimodal em memes do Instagram, a partir da Gramática do Design Visual (GDV). Para tanto, propõe-se uma análise de *corpus* composto por 27 memes de obras da literatura global, desses 5 serão analisados de modo detalhado. O *corpus* é oriundo de páginas de conteúdo voltado para a literatura, no Instagram, e congregam recursos multimodais e intertextualidade em sua estrutura semiótica. As análises estarão focadas nos mecanismos intertextuais, a outro nos elementos multimodais e, por fim, uma que buscará analisar sob a perspectiva das categorias da GDV, como a intertextualidade se mostra como um fenômeno intertextual.

Além disso, os seguintes objetivos específicos são elencados: I) investigar como as múltiplas semioses auxiliam o leitor na construção da intertextualidade; II) compreender como determinadas organizações multimodais se integram aos intertextos para estabelecer relações de sentido; e III) interpretar como as categorias de análise da GDV podem ser utilizadas para compreender como acontece a intertextualidade multimodal nos memes.

Assim sendo, o meme, por ser um gênero de texto relativamente recente, foi pouco explorado sob o viés da intertextualidade multimodal, tendo como base as categorias de análise

⁴ A Análise do Discurso “[...] leva em conta o homem e a língua em suas concretudes, não enquanto sistemas abstratos, ou seja, considera os processos e as condições por meio dos quais se produz a linguagem. Assim fazendo, insere o homem e a linguagem à sua exterioridade, à sua historicidade” (MENDES; SILVA, 2005, p. 16).

da GDV, tornando-se um campo rico para análises e para descobertas teóricas. Nesse sentido, esta investigação caminha a partir da problemática de como a intertextualidade e os elementos multimodais presentes podem vir a auxiliar o leitor na construção de sentidos, e se a falta de algum desses elementos afetaria a recepção dessas produções verbo-visuais. Posto isso, é essencial destacar que além das revisões literárias sobre intertextualidade e multimodalidade, esse trabalho investigativo também terá como arcabouço teórico-analítico os preceitos da GDV, de Kress e van Leeuwen (2006).

Logo, torna-se preciso considerar que para Krees e van Leeuwen (2006), a GDV surgiu a partir da necessidade de abranger as estruturas composicionais, tanto de uma pintura a óleo, como também do diagrama de uma revista, de uma história em quadrinhos e das complexidades de um diagrama científico, por exemplo. De maneira mais específica, esses textos, apesar de já serem analisados pela gramática tradicional, precisavam de um olhar diferenciado para atender às suas especificidades, tendo em vista que as sociedades contemporâneas passaram a fazer um uso constante de textos visuais em suas práticas sociais. Dessa forma, Krees e Van Leeuwen (2006) mencionam que a gramática formal tem sido estudada isoladamente ao significado, e os teóricos analisados por eles veem na gramática uma oportunidade de codificar as interpretações das interações sociais.

Inicialmente, no capítulo 2, abordou-se a intertextualidade e seus desdobramentos teóricos, uma vez que o processo de um texto fazer referência a outros textos está relacionado aos objetivos desta investigação. Nesse contexto, será abordada na perspectiva da LT, que busca trazer esse fenômeno linguístico como algo inerente aos textos, podendo acontecer de modo *Stricto Sensu* e *Lato Sensu*. Por fim, a intertextualidade multimodal será apresentada no capítulo teórico e também detalhada nas análises de *corpus*. Todavia, já será possível perceber que a intertextualidade é um fenômeno multimodal e que está presente nos textos.

Ademais, no capítulo 3, temas relacionados à multimodalidade foram discutidos tendo como suporte teórico principalmente as obras de Kress e Van Leeuwen (2006). Tais autores fazem importantes apontamentos sobre os textos visuais e seus processos de constituição. Porém, a multimodalidade não se restringe aos textos visuais. Ela está relacionada aos diferentes modos semióticos pelos quais um mesmo significado pode ser comunicado ou apresentado. Além disso, é feita uma relação entre a multimodalidade e as tecnologias digitais e o gênero de texto que será objeto de análise desta investigação: o meme.

No capítulo 4, abordou-se temáticas relacionadas à GDV e suas metafunções, de modo que o leitor seja situado sobre as principais teorias e desdobramentos acerca da GDV em Kress

e Van Leeuwen (2006). Por fim, no capítulo 5, são apresentados os procedimentos metodológicos os quais apresentam as informações sobre esta pesquisa e sobre o desenvolvimento das análises de *corpus*. O capítulo 6 apresenta as análises detalhadas do corpus, trazendo também algumas aplicações de conceitos já trabalhados nos capítulos anteriores. Nas considerações finais, apontou-se conclusões acerca do tema e emite algumas opiniões inerentes à pesquisa e seu processo de constituição.

Espera-se, portanto, que esta investigação contribua para os estudos sobre linguagem, mais especificamente aqueles que abordam fenômenos como a intertextualidades e os textos multimodais de maneira integrada, visto que são temas que necessitam de mais aprofundamento no campo teórico. Os estudos sobre texto, intertextualidade e multimodalidade são importantes para os estudos da linguagem, uma vez que as novas mídias e tecnologias tendem a apresentar tais fenômenos de modo integrado. Ou seja, para uma melhor compreensão das novas organizações textuais é necessário apresentar teorias que abordem esses fenômenos de maneira interconectada. Os textos passaram a ser mecanismos que congregam várias linguagens e outros fenômenos linguísticos em seu processo de formação, sendo necessário saber que tais recursos se manifestam de modo interdependente.

2 A INTERTEXTUALIDADE E OS SEUS DESDOBRAMENTOS

O conceito de intertextualidade está presente nos estudos linguísticos desde Kristeva (1974) e se tornou um tema de interesse de diversos linguistas ao longo dos anos. Atualmente, ele se encontra, inclusive, na Educação Básica, pois é essencial que haja um processo de compreensão de que o texto não surge do nada, mas, sim, de que é um mosaico de citações e a transformação de outros textos (KRISTEVA, 1974). Isso posto, esse entendimento sobre o que vem a ser um texto deve permear até os estudos mais avançados sobre linguagem, devido à importância das pesquisas sobre intertextualidade para o campo de estudos de língua e de teorias sobre texto.

Nesse viés, Jenny (1979) propõe que a intertextualidade pode ser definida como um modo de leitura que promove a quebra da linearidade do texto, de modo que cada referência intertextual apresenta um diferente caminho de leitura: seguir a leitura observando apenas o fragmento indicado ou ir de encontro ao texto-origem e fazer uma análise mais complexa do elemento que se encontra “deslocado”. Essas alternativas encontram-se à disposição do leitor, pois é ele quem faz a escolha por um desses dois processos. Assim, confirma-se a proposição

de que a intertextualidade é um processo interdependente dos textos e dos sujeitos que os consomem.

Ainda, de acordo com Fiorin (1994), “a intertextualidade é o processo e a incorporação de um texto em outro, seja para reproduzir o sentido incorporado, seja para transformá-lo” (p. 30). Dessa maneira, a intertextualidade, enquanto elemento presente nos textos, é um fenômeno que auxilia nos modos comunicativos que ocorrem em sociedade, pois os textos são mecanismos usados nos processos de comunicação humana e exercem um papel essencial na sociedade. Nesse sentido, eles facilitam o entendimento sobre assuntos discutidos nas mais diversas esferas sociais, uma vez que conseguem ir além do verbal, materializando-se como instrumentos de registro e de comunicação humana. Porém, os textos não são produções totalmente novas; são produções construídas a partir de outros textos pré-existentes, ponto já mencionado por Kristeva (1974) e tendo os estudos acerca da intertextualidade que comprovam esse fato.

Já nos anos 2000, Fiorin (2006) afirma que o termo intertextualidade ficaria reservado aos casos de relação discursiva que se materializam nos textos e aponta que o termo foi um dos primeiros vocábulos tidos como bakhtinianos, isto é, uma palavra que se originou no âmbito das teorias de Bakhtin⁵, a ter prestígio na parte ocidental do mundo. Isso se deve aos estudos e obras de Júlia Kristeva, que ajudaram a consagrar o termo nas áreas da linguística e da literatura.

Considerando as definições apresentadas, vale destacar que os estudos propostos nesta investigação não irão se desdobrar pelo âmbito do discurso, mas, sim, pelos desdobramentos da intertextualidade que se materializa nos textos. Logo, os conceitos apresentados estão alinhados aos pressupostos da LT. Neste capítulo, então, tomou-se como referencial teórico os estudos realizados por Koch e Elias (2006, 2008 e 2010), Koch, Bentes e Cavalcante (2012) e Kristeva (1974) que, sendo que Kristeva (1974), mesmo não trabalhando a intertextualidade em uma perspectiva textual, cunhou o conceito de intertextualidade. Esses estudos partem do pressuposto de que a intertextualidade é um fenômeno que faz parte do texto.

Partindo desse pressuposto, o conceito de intertextualidade, cunhado por Kristeva, em um artigo publicado na Revista Critique, intitulado “Bakhtine, le mot, le dialogue, le roman⁶”, em 1967, passou por um processo de ampliação dentro da LT, em que é objeto de estudo em

⁵ No que tange ao teórico Mikhail Bakhtin, Rojo e Barbosa (2015) afirmam que ele é “um dos mais importantes teóricos da linguagem, o russo Mikhail Bakhtin (1895 – 1975) tornou-se referência em várias áreas do conhecimento, como na teoria e crítica literárias, na análise do discurso, na semiótica e na sociolinguística (p. 17).”

⁶ Em português brasileiro: “Bakhtin, a palavra, o diálogo, o romance”

pesquisas relacionadas aos textos e a seus processos constitutivos. Tempos depois, Koch e Elias (2010), mencionam que a intertextualidade é o processo pelo qual todo texto se remete a outro ou a outros textos, considerando que a intertextualidade se encontra na base de qualquer dizer. Em outras palavras, as autoras dizem que todo texto faz referência a outros textos que pertencem à memória social dos sujeitos.

Assim, a intertextualidade é um recurso textual essencial para a produção de sentidos, haja vista que, em muitos casos, a mensagem proposta pelo autor só poderá ser compreendida a partir dos intertextos⁷ presentes na obra. Dessa maneira, “é importante ressaltar que o conhecimento textual também está relacionado à presença de um texto ou mais de um texto em outro. Dessa maneira, falar de conhecimentos de textos significa também falar de intertextualidade” (KOCH; ELIAS, 2010, p. 43).

Seguindo essa linha de raciocínio, Koch e Elias (2006) também argumentam que o texto é o lugar de interação, e os interlocutores, enquanto sujeitos ativos, constituem e são constituídos pelas suas relações sociais. Além disso, análogo ao conceito de texto proposto por Koch e Elias (2006), está o conceito de intertextualidade, que é um espaço de interações que acontece no interior de um plano textual, no qual a produção de sentidos ocorre a partir do repertório de leituras de cada leitor. Então, como mencionado por Heine (2012), o texto não é apenas o signo verbal, isto é, ele vai além disso, ao passo que engloba as imagens, os sinais e os elementos pictóricos. Em outras palavras, isso significa dizer que a intertextualidade não acontece apenas com textos verbais, pois está presente em múltiplos cenários e repertórios.

Desse modo, de acordo com Koch e Elias (2008), identificar a presença de outro(s) texto(s) em uma obra está muito relacionado ao conhecimento do leitor, do seu repertório de leituras, ou seja, é um processo subjetivo e que envolve os conhecimentos prévios de cada sujeito. No entanto, esse conhecimento torna-se fundamental para a produção de sentidos, por isso, é fundamental que se conheça como acontece a produção de sentidos em um texto, pois esse processo não está relacionado apenas aos elementos linguísticos presentes na superfície dele, mas, sim, da relação desses elementos ao conhecimento de mundo que cada leitor carrega consigo.

⁷ De acordo com Carmelino e Kogawa (2020), a intertextualidade é demarcada por diferentes indícios, sendo os intertextos mecanismos delimitáveis nos textos, de modo que se apresentação de por meio de sinais tipográficos e semânticos. Dessa forma, o intertexto seria marca linguística explícita que demonstra que um texto provém de outro (s) texto (s).

Ademais, de acordo com o postulado, a intertextualidade é um processo por meio do qual diversos tipos de conhecimentos são ativados para que o leitor consiga produzir sentidos a partir dos signos linguísticos colocados em evidência. Esse fenômeno da linguagem é abarcado por fatores linguísticos, enciclopédicos, textuais e interacionais, pois o texto é um evento comunicativo que congrega diversos recursos de sentido. Em meio a isso, percebe-se que a intertextualidade é um fenômeno que se materializa nos textos, porém, que ela precisa, em algumas situações, dos conhecimentos prévios de cada leitor.

Por conseguinte, é válido mencionar que a intertextualidade, de acordo com Koch e Elias (2008), é um mecanismo presente no processo de escrita/leitura, compreendendo as diversas maneiras de produção/recepção dos conhecimentos de um texto em outro por parte dos interlocutores. Esses processos compreendidos pela intertextualidade tornaram-se ainda mais complexos devido à evolução dos textos, os quais estão cada vez mais multimodais – conceito que será detalhado mais adiante – e com alusões quase que instantâneas.

Sobre isso, Koch e Elias (2008), argumentam que os sujeitos, no ato de escrita/produção, recorrem aos conhecimentos armazenados em sua memória que estão ligados à língua, ao saber enciclopédico e às práticas de interação com outros sujeitos. Logo, esses processos de retomada de conhecimentos estão intimamente relacionados à intertextualidade, haja vista que a produção de sentidos a partir dos intertextos ocorre justamente devido à memória acumulada pelos indivíduos ao longo de sua vida.

Nesse contexto, ao mencionar os conhecimentos textuais como elementos de produção de sentidos, é importante lembrar que a LT se preocupa com o conceito de texto, de modo que, ao longo do tempo, tal conceito foi se transformando substancialmente. No que tange a isso, Koch (2015) menciona que, inicialmente, os estudos apontavam o texto como uma frase complexa e que, após um longo período, passou a envolver outros processos em sua constituição, como a cognição, a pragmática e a semântica, de acordo com a abordagem teórica. Assim, faz-se preciso trazer um dos conceitos de texto, cunhado por Heine (2012):

Considera-se o texto como evento dialógico, semiótico, falado, escrito, abarcando, pois, não somente o signo verbal, mas também os demais signos no seio social (imagens, sinais, gestos, meneios da cabeça, elementos pictóricos, gráficos, etc). Assim compreendido, apresentam-se duas camadas que lhe são constitutivas mutuamente: a camada linguístico-formal, que consiste dos princípios morfofonológicos, sintáticos, semânticos e semióticos; e a camada histórico-ideológica, caracterizada pelo processamento de sentidos inferenciais e efetivada a partir de diferentes estratégias (conhecimentos de mundo, conhecimentos partilhados, intencionais, conhecimentos ideológicos, dentre outros) que vão alicerçar a construção desses sentidos. (p. 18)

A partir dos múltiplos e diferentes mecanismos que constituem o plano textual, compreende-se o texto enquanto um recurso multifacetado e, assim, torna-se necessário, nesta produção, compreender os seus processos de constituição, seja nos textos verbais, seja nos textos visuais. Serão abordados, pois, dois fenômenos da linguagem que se materializam de modo interdependente nos textos: a intertextualidade e a multimodalidade, sob a perspectiva das narrativas visuais da GDV. Por isso, o leitor/interlocutor passa a ter um papel de destaque nos possíveis sentidos de um texto, uma vez que os conhecimentos acumulados durante a vida do sujeito podem alterar a sua interpretação.

Sob a perspectiva dos saberes adquiridos que alteram o modo como os sentidos são constituídos em relação aos textos, torna-se interessante apresentar mais detalhadamente os tipos de conhecimento, propostos de maneira didática por Koch e Elias (2008): *Conhecimento linguístico*, *conhecimento enciclopédico*, *conhecimento interacional* e *conhecimento textual*, sendo essenciais para que a intertextualidade aconteça, visto que ela se materializa nos textos a partir de outros textos.

Nesse seguimento, de acordo com as autoras, o *conhecimento linguístico* está relacionado à aquisição dos conhecimentos de ortografia, de gramática e do léxico de uma língua. Pode-se construir esses saberes de maneira esquematizada ou ao longo das práticas comunicativas, já que os conhecimentos sobre a estrutura da língua vão sendo adquiridos de maneira natural, criando o que se tem como gramática internalizada. Sobre a gramática internalizada, Duarte e Serra (2015), explicam que ela é um processo “cuja aquisição se dá de forma natural, durante a infância, à medida que a criança é exposta aos dados de sua língua materna no meio em que é criada” (p. 33). Além disso, também ocorre a fase da escolarização, na qual os conhecimentos da língua são abordados de maneira mais organizada.

Sobre o *conhecimento enciclopédico*, ele é aquele relacionado às vivências e às experiências adquiridas ao longo do tempo. Em linhas gerais, sempre, ao produzir um texto ou ao estabelecer um diálogo, recorre-se à memória para relacionar aos assuntos que já se teve contato no passado (KOCK; ELIAS, 2008). Essa situação é muito semelhante ao processo de intertextualidade, tendo em vista que os textos não partem do nada, sempre remetem a outro, seja em relação aos seus elementos composicionais, seja relação ao tema. Pode-se afirmar, portanto, que se nenhum texto parte do nada, todos os textos são intertextuais, ou seja, todos os processos que ocorrem no interior de um texto, em determinado momento, se relacionam à intertextualidade.

Ademais, Koch e Elias (2008) discorrem sobre os *conhecimentos interacionais*, os quais estão relacionados aos modelos cognitivos em que os produtores se baseiam para configurar a sua escrita e a intenção comunicativa. Tendo como base os diversos tipos de conhecimentos propostos pelas autoras, nota-se que, ao serem materializados no texto, esses conhecimentos podem auxiliar na produção dos sentidos intertextuais

Por fim, Koch e Elias (2008) propõem que o *conhecimento textual* é aquele que o produtor/escritor recorre a outros textos, a fim de ativar modelos socialmente definidos, de modo a se adequar às práticas comunicativas. Esse conhecimento é, de certo modo, mais ligado à esfera composicional do texto. Além disso, “é importante ressaltar que o conhecimento textual também está relacionado à presença de um texto ou mais de um texto em outro” (KOCH; ELIAS, 2008, p. 43).

Dessa maneira, nota-se que compreender a intertextualidade está intimamente relacionada aos processos constitutivos dos textos, pois esse fenômeno é um mecanismo que está presente em todos os textos, seja de maneira explícita, seja de maneira implícita ou, ainda, seja de maneira relacionada à composição textual, auxiliando na produção de sentidos por parte do leitor. Tendo isso em vista, conforme apontam Koch e Elias (2008):

Falar de conhecimento de texto significa também de intertextualidade, um princípio que entra na constituição de todo e qualquer texto, visto que este é produzido em resposta a outro texto, sempre. A escrita, portanto, é uma atividade que exige a retomada de outros textos, explícita ou implicitamente, dependendo do propósito da comunicação (p. 44).

Esse processo de um texto constituir-se a partir de outro e se referir aos conhecimentos do leitor, não é um processo isolado, ou seja, meramente linguístico. Pode-se observar que, principalmente com o advento dos meios de comunicação em massa, os intertextos são mecanismos de sentido carregados de ideologia que se unem por meio dos intertextos, cabendo ao usuário acessar seus conhecimentos para compreender a mensagem. Logo, há um constante mecanismo diálogo entre textos, entre ideologias e, também, de conhecimentos acumulados pelos interlocutores. Sobre isso, Marcuschi (2008) afirma que a constituição dos textos parte da “presença de partes de textos prévios dentro de um texto atual: O que se pode dizer é que a intertextualidade, mais do que um simples critério de textualidade, é também um princípio constitutivo que trata o texto como uma comunhão de discursos e não como algo isolado (p. 132)”.

Diante disso, nota-se que a intertextualidade está presente em diversos contextos e práticas linguísticas, tornando-se um fenômeno de grande ênfase nos estudos sobre linguagem.

Inclusive é um campo de análise frequentemente abordado nos estudos literários e no próprio ensino básico a partir do ensino de algumas variedades mais tradicionais da intertextualidade como a intertextualidade explícita e implícita. É importante compreender que o próprio ensino de línguas é um processo constante de relações intertextuais, já que, constantemente, os textos utilizados em sala de aula fazem referências explícitas ou implícitas a outros textos. Nesse contexto, Blikstein (1994) argumenta que, nunca, nenhum discurso é totalmente autônomo, que um discurso não é emitido por uma única voz, mas, sim, por um conjunto de vozes que se entrecruzam no espaço e no tempo. E quando isso acontece na esfera textual, nomeia-se de intertextualidade.

Com base no exposto, as discussões apresentadas até aqui relacionam a intertextualidade aos processos de leitura e à ativação dos conhecimentos por parte dos sujeitos que fazem contato com o texto. De certa maneira, pode-se dizer que a intertextualidade é um processo presente nos textos, mas que acontece a partir de cada sujeito e dos seus processos de leitura. Tendo em vista todas as discussões teóricas a respeito da intertextualidade no âmbito da LT, torna-se necessário apresentar os principais desdobramentos teóricos sobre a intertextualidade, haja vista o fato de ser um campo de análises em construção o qual possui teorias que poderão auxiliar no entendimento do que seria a intertextualidade multimodal.

Logo, abaixo serão apresentados alguns preceitos teóricos relacionados à intertextualidade e aos seus desdobramentos teóricos sob as perspectivas *lato sensu* e *stricto sensu*, propostos por Koch, Bentes e Cavalcante (2012). A intertextualidade é um fenômeno analisado sob diversas perspectivas, mas no que tange ao seu intercâmbio aos elementos visuais, toma-se, nessa pesquisa, as intertextualidades *Lato sensu* e a *stricto sensu*, já que algumas características intertextuais do gênero meme podem ser visualizadas no âmbito dessas perspectivas. É importante ressaltar que o foco deste estudo está compreendido entorno dos tipos de intertextualidade inseridos no âmbito da intertextualidade *stricto sensu*. Por isso, propôs-se um quadro teórico mais detalhado sobre esses tipos de intertextualidade, mas sem deixar de apresentar posteriormente um breve panorama sobre a *Lato sensu*.

2.1 INTERTEXTUALIDADE *STRICTO SENSU*

A intertextualidade *stricto sensu*, de acordo com Koch, Bentes e Cavalcante (2012), “ocorre quando, em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade ou da memória discursiva dos

interlocutores”. Sob esse prisma, pode-se observar que a intertextualidade *stricto sensu*, mesmo com nomenclatura diferente, já foi mencionada nesta pesquisa de maneira conceitual diversas vezes em face de suas ramificações. Logo, por esta investigação estar ancorada nos preceitos teóricos da LT, as teorias apresentadas sobre intertextualidade são semelhantes.

Em outras palavras, a intertextualidade *stricto sensu* necessita que o texto se remeta a outro texto ou fragmento de texto que tenha sido efetivamente produzido (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2012). Ademais, as autoras elaboraram diversas classificações dentro da intertextualidade *stricto sensu*, a fim de compreender as características de como cada modalidade é apresentada no plano textual.

A primeira classificação foi denominada pelas autoras de **intertextualidade temática**. A seu respeito, Koch, Bentes e Cavalcante (2012) propõem que ela ocorre em textos da mesma área do conhecimento ou da mesma corrente de pensamento, uma vez que eles partilham conceitos, temas e terminologias próprias, que já foram moldados no interior da área ou da corrente. Esse tipo de intertextualidade é muito comum em produções de cunho acadêmico, como nessa investigação, já que, em diversos momentos, termos e temas que consolidados no campo da linguística são recorridos.

A segunda classificação é a de **intertextualidade estilística**. De acordo com Koch, Bentes e Cavalcante (2012), essa intertextualidade está relacionada apenas à forma, ou seja, à maneira como determinado conteúdo é emoldurado. Isso pode ser observado quando o produtor de um texto repete estilos, imita e parodia determinados estilos e variações da língua. Dessa maneira, pode-se dizer que nessa classificação de intertextualidade preocupa-se mais com a forma do que com o conteúdo em si, e na maioria dos casos em que ela ocorre, há uma reprodução de padrões estéticos.

A terceira classificação apresentada é a de **intertextualidade explícita**, a qual é tida como aquela em que, no próprio texto, é feita a menção ao texto de origem do intertexto, ou seja, quando o fragmento citado é reportado a outro enunciador; seu produtor anterior. Esse é o caso das citações, das referências, das menções, das resenhas, dos resumos (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2012). Nessa perspectiva, ao fazerem essa subdivisão entre os diferentes tipos de intertextualidade, as autoras foram bem pontuais ao repartir as características em relação à composição, à estrutura, ao estilo e ao tema. No entanto, elas não restringiram os textos a um tipo de intertextualidade específica, isto é, levando em conta que em um mesmo texto podem ocorrer mais de um tipo de intertextualidade.

Para finalizar, Koch, Bentes e Cavalcante (2012) apresentam a **intertextualidade implícita**. No que tange a esse tipo, as autoras discorrem que esse tipo de intertextualidade acontece quando for introduzido um intertexto alheio sem nenhuma referência explícita à sua fonte, com o intuito de seguir uma orientação argumentativa, contradizê-lo, argumentar em oposição, entre outras possibilidades argumentativas. Nos casos em que esse tipo de intertextualidade ocorre, espera-se que o leitor/ouvinte ative os seus conhecimentos, os quais já foram mencionados anteriormente, de modo a reconhecer a presença do intertexto pela ativação do texto-fonte em sua memória discursiva.

Nesta investigação, serão utilizadas mais de um tipo de intertextualidade *stricto sensu*, já que esse fenômeno não se restringe a uma modalidade intertextual no interior do texto. Com isso, durante as análises de *corpus*, aquela intertextualidade que se mostrar mais presente para construir o sentido intertextual-multimodal será discutida e retomada. Por isso, mesmo que a teoria seja essencial no decorrer das discussões sobre o assunto, é necessário que seus processos se mostrem exequíveis no interior dos textos.

Ainda, um ponto de atenção para os textos que utilizam da intertextualidade implícita como um recurso argumentativo é que se o leitor/ouvinte não possuir o repertório de conhecimento necessário para fazer a relação entre os textos, provavelmente a produção não atingirá seu objetivo comunicativo o qual é possibilitar o entendimento de uma mensagem que possa ser compreendida pelo interlocutor.

De maneira geral, vale ressaltar que a intertextualidade implícita é um recurso muito empregado em gêneros que misturam diversas semioses, a exemplo, como ocorre no meme, um texto de caráter viral⁸ e que não tende a explicar as fontes de suas referências aos leitores/ouvintes, deixando esse processo aberto a interpretações. Em resumo, falar de intertextualidade *stricto sensu* remete ao fato de um texto fazer referência a outro, de modo explícito ou implícito e que o texto é um organismo vivo que passa por diversas transformações.

Os textos são, dessa forma, construções sociais que passam por um processo de variação diacrônica menos intenso do que a fala: enquanto a fala muda constantemente, pois é um mecanismo também vivo e sofre influências externas. O texto é mais estático por ser colocado

⁸ No que diz respeito à noção de viralidade, de modo mais específico, relacionada ao gênero meme, vale citar Lima (2018), que explica que isso “[...] implica que um texto se propaga, mas não envolve nenhuma exigência textual particular, nem a manipulação de um texto preexistente. Nem todos os virais são memes (nem todos os virais possuem uma estrutura memética) e nem todos os memes tornam-se virais (nem todos os textos que possuem uma estrutura memética viralizam), embora seja fácil testemunhar a sobreposição das duas categorias e a proliferação hipertextual seja um sintoma do sucesso viral (p. 22)”.

sob um viés idealizado de um contexto histórico e, em muitos casos, não é possível estabelecer um processo de edição. Tendo em vista essas constantes variações que estão presentes nos textos, faz-se necessário compreender também sobre determinados tipos de intertextualidades, as quais estão inerentes aos textos e que influenciam nos seus processos de significação. Além disso, quando se tece comentários acerca da intertextualidade, é importante que esse diálogo entre os textos acontece também em questões relacionadas à estrutura textual. Na próxima sessão, será abordada a intertextualidade em sua esfera ampla, a qual possui relações diretas com as questões de gênero e tipologia textual.

2.2 INTERTEXTUALIDADE *LATO SENSU*

A intertextualidade *Lato sensu* diz respeito à intertextualidade em sentido amplo. Em tradução literal do latim para o português brasileiro, segundo Koch, Bentes e Cavalcante (2012), o termo abrange a relação entre gênero de texto, intertextualidade e prática social, e para apresentar essa definição, as autoras se apoiam, principalmente, na perspectiva teórica da Linguística Antropológica, apresentada por Bauman e Briggs (1990). Logo, torna-se necessário retomar o conceito de intertextualidade proposto por Kristeva (1974), o qual está relacionado ao fato de que nenhum texto parte do nada, visto que eles são um mosaico de citações de outros textos. Vale ressaltar, ainda, que essas ligações não ocorrem apenas entre enunciados isolados e, sim, entre os modelos socialmente constituídos.

Isso posto, Azeredo (2007) menciona que “a nossa memória textual atua no tecido de nossos discursos, ligando os contextos históricos e impregnando de sentido os textos que produzimos” (p. 133). Nesse contexto, a intertextualidade *lato sensu*, por se relacionar às práticas sociais dos sujeitos, atua na produção e na recepção dos gêneros discursivos e dos tipos de textos vigentes, de modo a focar nas relações composicionais entre os gêneros e na manipulação deles por parte dos interlocutores. Com isso em mente, Koch, Bentes e Cavalcante (2012) apresentam as estratégias de manipulação de *intertextualidade genérica e tipológica*, as quais mostram diferentes formas de lidar com a intertextualidade *lato sensu*.

A **intertextualidade genérica**, de acordo com Koch, Bentes e Cavalcante (2012), está ligada ao fato de os exemplares de cada gênero manterem semelhanças de tema, de conteúdo e de composição, permitindo ao falante construir modelos e padrões textuais comunicativos. Essa proposição se relaciona às discussões acerca de gêneros de texto que serão trabalhadas mais

adiante, afinal, os textos são estruturas linguísticas complexas e que estabelecem diálogos uns com os outros, desde o seu processo de constituição.

Nesse sentido, considera-se que um texto sempre estabelece relação a outro, assim como Kristeva (1974) propôs para dar origem ao termo “intertextualidade”. Logo, o fato de um texto surgir a partir de um gênero de texto pré-moldado também é um evento de materialização da intertextualidade, haja vista que foi por meio das características de outro texto que um novo semelhante foi moldado. Isso deve-se, principalmente, à necessidade social de estabelecer “padrões” na comunicação, a fim de torná-la mais fluida.

Sobre a **intertextualidade tipológica**, é preciso destacar que ela “decorre do fato de se poder apreender, entre determinadas sequências ou tipos textuais, um conjunto de características comuns em termos de estruturação [...], os quais permitem reconhecê-las como pertencentes a determinada classe” (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2012, p. 76). Novamente, há uma aproximação da intertextualidade aos modelos sociais que utilizam dos textos, sejam eles verbais ou não verbais. Desse modo, os textos assemelham-se no que tange à tipologia, de acordo com o evento comunicativo que precisa ser estabelecido em determinada situação.

Dado o exposto, percebe-se que as discussões acerca da intertextualidade *lato sensu* são, de certo modo, mais relacionadas às práticas discursivas e como os sujeitos recebem esses textos em suas práticas sociais do que à própria relação textual em si. Nota-se, ainda, que para ocorrer a intertextualidade em sentido amplo, é necessário que os textos estejam inseridos em uma prática social, na qual ocupam uma função comunicativa aos interlocutores.

Em seguimento, ao mencionar os textos que estão inseridos nas práticas sociais dos interlocutores, pode-se voltar para o objeto de análise dessa pesquisa, isto é, os memes e a construção do sentido da intertextualidade multimodal a partir da Gramática do Design Visual. Assim, partindo do princípio que os memes são textos inseridos em uma prática social que os moldam e lhes dão sentidos, a intertextualidade, novamente, materializa-se no texto, mas depende de fatores externos ao texto para ocorrer, ou seja, há uma interdependência constante entre texto-interlocutor-meio.

Nesse contexto, a intertextualidade *Lato sensu* é um espaço em que se pode analisar as transformações textuais de uma maneira mais palpável, por isso, mesmo as tipologias textuais sendo mais estáveis, os gêneros de texto vão se transformando ao longo do tempo. Nessa perspectiva intertextual ampla, os gêneros de texto passam por um processo de construção a partir de outros gêneros pré-existentes. Assim, o meme é um gênero de texto que pode ser

inserido nesse escopo de gêneros que vão se ampliando ao longo do tempo, visto que, desde seu surgimento, as transformações quanto a sua estrutura composicional e genérica são significativas.

Sob esse viés, a intertextualidade possui diversos desdobramentos e, por isso mesmo, esgotar todas as discussões sobre o tema seria muito improvável. No entanto, ainda é necessário aprofundar um pouco mais a respeito de um tipo de intertextualidade, cujo termo foi cunhado recentemente: a intertextualidade multimodal. Isso, porém, tendo em vista as suas potencialidades teórico-metodológicas, o que tende a render outras produções acadêmicas.

2.3 A INTERTEXTUALIDADE MULTIMODAL

O conceito de intertextualidade multimodal é relativamente novo, com abordagens mais substanciadas, inicialmente, no artigo intitulado “Intertextualidade Multimodal”, de Carlos Eduardo Nunes Garcia (2020). Esse termo remete a duas teorias bem consolidadas na Linguística: à teoria da intertextualidade, a qual já foi abordada neste apanhado teórico, e à teoria da multimodalidade, que será trabalhada um pouco adiante. Dito isso, observa-se que a abordagem teórica acerca da intertextualidade e da multimodalidade já existe há algum tempo, porém, muitas vezes, o trabalho ocorre de maneira isolada, como se fossem mecanismos que estão presentes nos textos, mas que não são interdependentes.

Nessa perspectiva, pensar em uma intertextualidade multimodal parte da premissa de que os textos são, concomitantemente, multimodais e intertextuais. Logo, são fenômenos que coexistem no interior de um texto, de modo que um possa auxiliar o outro na construção de sentidos. Por isso, a presente investigação firma-se na ideia proposta por Kress e van Leeuwen (1995) de que todo texto, oral, escrito ou visual, é multimodal, pois a sua própria existência depende de elementos multimodais no seu processo de constituição. Assim sendo, nas palavras dos autores:

Todos os textos são multimodais. A linguagem sempre vem acompanhada de outros modos semióticos. Quando falamos, articulamos nossa mensagem não apenas com palavras, mas por meio de uma interação complexa de fala, expressão facial, gesto e postura. Quando escrevemos, nossa mensagem não é apenas expressa linguisticamente, mas também por meio de um arranjo visual de marcas em uma página. Qualquer forma de análise de texto que ignore isso

não será capaz de dar conta de todos os significados expressos nos textos. (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 25, tradução nossa)⁹.

Então, de acordo com Kress e Van Leeuwen (2006), a multimodalidade trata-se de um mecanismo linguístico que se faz presente nos textos e que se mescla a outros recursos textuais, como a intertextualidade, o que leva a constituir novos sentidos. Dessa forma, palavras, imagens, cores, sons, texturas, intertextos e uma série de outros elementos são combinados para que um texto exerça a sua função comunicativa, ampliando significativamente a maneira como os textos são estudados e vistos socialmente. Dito de outra forma, para Kress (2003), “saímos do dizer o mundo para o mostrar o mundo” (p. 140), ou seja, deixa-se de apenas falar, escrever, descrever, reescrever, para mostrar toda a complexidade das práticas sociais e o diálogo constante dos textos com outros textos e com a própria realidade.

Ainda no que diz respeito à multimodalidade, Garcia (2020) propõe que como os textos são multimodais, a intertextualidade é, pois, um fenômeno multimodal, o que parte da lógica posta por Kress e van Leeuwen (1995) de que todos os textos são multimodais, além da afirmação de Kristeva (1974) de que os textos são mosaicos de citações, absorções e transformações de outros textos. Assim, ao realizar tais associações, tem-se que mesmo sendo fenômenos linguísticos distintos, eles estariam em constante diálogo nos textos e, conseqüentemente, a intertextualidade é, realmente, um fenômeno multimodal.

A multimodalidade dos textos é uma característica menos condicionada aos conhecimentos que o leitor adquire durante sua vida. Enquanto isso, a intertextualidade é um fenômeno linguístico dependente da bagagem sociocultural do interlocutor. Isso, porque uma determinada informação pode ser apresentada utilizando-se de recursos multimodais e de intertextos, porém, a mensagem que o autor do texto quis passar pode não ser alcançada se o interlocutor não possuir em sua bagagem conhecimentos do intertexto que deu origem ao enunciado.

Nesse contexto, conforme Bakhtin (2002), todo texto possui um sujeito que é o autor, seja ele um orador, seja ele um escritor. Tendo isso em mente, o texto é determinado como um enunciado a partir de seu projeto e da sua realização, sendo essa interrelação entre autor e texto

⁹ No original: “All texts are multimodal. Language always comes in the company of other semiotic modes. When we speak we articulate our message not just with words, but through a complex interplay of speech, facial expression, gesture and posture. When we write our message is not only expressed linguistically, but also through a visual arrangement of marks on a page. Any form of text analysis which ignores this will not be able to account for all the meanings expressed in texts” (KRESS; VAN LEEUWEN, 1995, p. 25).

uma troca dinâmica e carregada de embates; característica que determina o caráter do texto. Dessa forma, é possível compreender que o autor exerce um importante papel na constituição dos textos e, de certa forma, é ele quem faz grande parte dos intercâmbios textuais para produzir significados.

No que tange à intertextualidade multimodal, toma-se que a constituição dos textos acontece a partir do diálogo entre diferentes textos e se materializa por meio de diversas semioses. Essa constituição torna-se, portanto, uma relação interdependente no interior dos textos. A respeito disso, Koch e Elias (2008) afirmam que o autor, ao produzir um texto, recorre a outro(s) texto(s), esperando que o leitor não apenas identifique o texto-fonte do intertexto, mas, também, que perceba o efeito de sentido que foi posto como propósito comunicacional e transforme os velhos textos em novos textos constituídos.

Entretanto, nem sempre apenas com as referências verbais é possível que um determinado texto seja retomado, principalmente na atualidade, com os textos passando a possuir cada vez mais elementos visuais. Por isso, Garcia (2020) afirma que o conceito tradicional de intertextualidade precisa ser ampliado, uma vez que exige-se mais do leitor conhecimentos acerca da relação entre imagens e palavras do que quando o termo foi cunhado, pois há textos em que a intertextualidade somente é recuperada a partir da articulação entre os modos semióticos da linguagem¹⁰.

A partir das considerações de que a intertextualidade e a multimodalidade estão presentes nos textos, torna-se preciso entender que esses dois fenômenos não são eventos que se derivam dos textos, mas mecanismos que possibilitam a existência dos textos, isto é, estão na base da constituição textual, em um processo de intercâmbio constante. Então, “afirma-se o primado do intertextual sobre o textual: a intertextualidade não é mais uma dimensão derivada, mas, ao contrário, a dimensão primeira de que o texto deriva” (BARROS; FIORIN, 2003, p. 4).

Posto isso, o texto se deriva de processos intertextuais, a intertextualidade multimodal se torna um fenômeno cada vez mais palpável nos textos, principalmente naqueles híbridos, ou seja, que integram o verbal e o visual, tendo em vista ser um fenômeno integrado à base do texto. Nesta investigação, o fenômeno da intertextualidade multimodal será trabalhado de modo a analisar o processo de construção da intertextualidade multimodal em memes do Instagram a partir da GDV.

¹⁰ Rosário (2018, p. 216) argumenta que “modo semiótico se refere ao mundo fechado dos signos da língua, ou seja, à significância da língua-sistema. As relações que se estabelecem entre os signos são paradigmáticas, fazendo com que cada signo da língua tenha, sempre, um valor genérico e conceitual, devendo ser reconhecido.”

A intertextualidade multimodal permite que o produtor articule elementos intertextuais aos multimodais para levar o leitor a inferir determinado sentido, dessa maneira o sentido seria planejando pelo produtor, ou seja, estaria pré-moldado. Sentidos pré-moldados estão relacionados àquilo que o autor de um texto quis passar quando produziu o texto; qual texto origem foi usado. Sabe-se que um texto pode ser interpretado e compreendido de diferentes maneiras pelos leitores, portanto, algumas estratégias podem ser utilizadas para que o sentido se assemelhe ao máximo ao sentido que o autor quer passar ao produzir o texto.

Ainda, é importante ressaltar que, apesar de serem fenômenos presentes nos textos, a intertextualidade e a multimodalidade nem sempre aparecem de maneira explícita, pois essa integração pode acontecer no interior do texto de forma sutil, apenas em características genéricas ou estruturais. Sobre isso, Cavalcante (2018) menciona que:

É constitutiva, portanto, a relação que um texto estabelece com outros. Em muitos textos, percebem-se indícios tangíveis de uma relação com outros, desde evidências tipográficas, que demarcam fronteiras bem específicas entre um dado texto e algum outro que esteja sendo evocado, até pistas mais sutis que conduzem o leitor à ligação intertextual por meio de inferências (p. 146).

Esse mesmo processo acontece com os recursos multimodais presentes no texto, os quais estão no interior do plano textual, não tão explicitamente, mas em um contexto secundário, não sendo o objeto principal dos textos. Dito isso, considera-se que todos os mecanismos semióticos utilizados pretendem fornecer ao leitor/interlocutor uma compreensão sobre determinada mensagem que está inserida em uma prática social. Por isso, ao escrever, discute-se acerca de intencionalidade discursiva, ou seja, aquilo que se pretende alcançar a partir de um enunciado.

De modo mais específico, a intencionalidade discursiva é a união de diferentes semioses em um processo interdependente, o qual utiliza de fatores internos e externos à superfície do texto a fim de atingir um objetivo discursivo pré-estabelecido. A intertextualidade multimodal torna-se, pois, mais um mecanismo que o autor/enunciador possui para construir sua argumentação e transmitir sua mensagem (MARCHON; GARCIA, 2021). Posto isso, tanto os recursos multimodais quanto os intertextuais podem emergir de modo unificado ou não e são modos que auxiliam na construção de sentidos nos textos. Esses fenômenos, por sua vez, passaram por um processo de transformação com o advento dos recursos tecnológicos digitais, possibilitando novas maneiras de análise linguístico-semiótica.

Tendo em vista os avanços relacionados aos estudos sobre texto e discurso, é notório que as pesquisas sobre intertextualidade e multimodalidade evoluíram bastante ao longo dos anos. No que tange à multimodalidade, Kress e van Leeuwen (2006) desenvolveram a GDV, que trouxe um novo olhar acerca da análise de imagens. Paralelo a isso, surgiram diversos estudos em áreas como Análise do Discurso, Linguística Textual e Literatura sobre a intertextualidade, abordando seus desdobramentos e suas ramificações.

Entretanto, nota-se que uma grande quantidade dos estudos continua focados nos textos verbais, ou seja, há uma zona fértil de estudos no que tange à intertextualidade nos textos de caráter visual. Isso ocorre, como explica Cavalcante (2018), porque “o fenômeno da intertextualidade foi pensado para textos da modalidade escrita. Como mencionado, muito há que se repensar ainda sobre os tipos de intertextualidade aplicados a textos não verbais e a outros que misturam diversas modalidades, diversas semioses” (p. 158). Isso posto, não se deve deixar de considerar que as imagens, as cores, os sons, as texturais, entre outros recursos semióticos são formas de construir o sentido intertextual em um texto. Também, não existem textos autônomos e livre dos aspectos intertextuais, ou seja, os textos puramente visuais, mesmo que não explicitamente, carregam a intertextualidade em seus mecanismos semióticos (MARCHON; GARCIA, 2021).

Nesse viés, a partir das constantes evoluções tecnológicas, pelas quais os textos foram muito influenciados, é preciso entender o processo de constituição dos textos de uma maneira mais efetiva e abarcar as especificidades no plano verbal, mas também no visual. Além disso, uma questão importante é que as práticas sociais dos sujeitos autores/escritores foram sendo ampliadas paralelamente ao processo de desenvolvimento tecnológico da sociedade, haja vista que os meios de acesso à informação tornaram-se mais difundidos.

Dessa maneira, o conhecimento de mundo que o leitor carrega é essencial para que os intertextos sejam compreendidos adequadamente, estando relacionado à memória social constituída de textos verbais, porém, também sendo ela composta pelos textos não verbais que se tem contato durante as relações sociais. No que concerne a isso, Koch e Elias (2010) mencionam que os sujeitos sempre recorrem aos conhecimentos sobre o mundo que estão guardados na memória e, dessa maneira, ela seria uma espécie de enciclopédia com diversos tipos de conhecimentos adquiridos a partir de vivências.

Neste estudo, portanto, toma-se como ponto de partida o trabalho com a intertextualidade em textos que congregam os diferentes modos semióticos. Por isso, torna-se necessário debruçar-se nas teorias que trabalham a imagem e os outros recursos semióticos

como produtores de sentidos nos textos. Assim sendo, nos capítulos seguintes serão abordadas a Teoria de Multimodalidade e a GDV, ambas inseridas em um campo que aborda a linguagem para além do verbo, entendendo-a como um processo de integração constante das diferentes semióses.

3 A MULTIMODALIDADE

A multimodalidade, de acordo com Kress e van Leeuwen (2001), está relacionada ao fato de um mesmo significado poder ser expresso por meio de diferentes modos semióticos. Nesse contexto, a multimodalidade seria o modo pelo qual a comunicação ocorreria por meio não apenas dos signos verbais, mas, também, a partir intercâmbio das diversas modalidades semióticas para produzir sentidos. Logo, de acordo com Rojo (2012), “a multimodalidade não é apenas a soma de linguagens, mas a interação entre linguagens diferentes em um mesmo texto” (p. 19).

Nesse ínterim, questiona-se o motivo de a multimodalidade ter despertado tanto interesse de pesquisadores nas últimas décadas, uma vez que as imagens já estão presentes há tempos nas culturas humanas. Nota-se, então, que já havia estudos sobre a imagem, mas o que acontece, atualmente, é uma tentativa de reunir sob uma teoria unificada todos os meios de fazer sentido. A partir disso, verifica-se que esse crescente interesse é explicado pelas mudanças nas formas de se comunicar no mundo contemporâneo, alavancadas por transformações econômicas, sociais, culturais e tecnológicas (KRESS, 2010).

Ainda no que diz respeito a isso, verifica-se que as culturas ocidentais se dedicaram por muito tempo à monomodalidade em suas obras e produções, além do mais, os gêneros mais valorizados socialmente eram essencialmente monomodais, ou seja, apresentavam apenas uma modalidade da língua. Com isso, os textos escritos vinham inteiramente sem ilustrações; nas artes, as pinturas quase sempre utilizavam o mesmo suporte (as telas); na música, os músicos vestiam-se de maneira idêntica e apenas o maestro apresentava algum tipo de expressão facial. Dessa maneira, cada área seguia seus próprios métodos e técnicas para constituir suas produções, quase não existindo misturas, o que significa dizer que havia poucas ligações entre os campos; que a mensagem era apresentada em uma única modalidade comunicativa (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001).

Todavia, pode-se observar que o termo “multi”, no âmbito das diferentes maneiras de estabelecer sentidos nos estudos sobre linguagem humana, em muitas situações se refere às

múltiplas modalidades semióticas as quais interagem no interior do texto como um mecanismo de constituição de significados. Essa multiplicidade de semioses deu-se, principalmente, pelo advento de recursos tecnológicos, com destaque para os digitais, já que eles potencializaram a edição de textos e de imagens. Kress e van Leeuwen (2001), inclusive, discorrem que a predominância da monomodalidade começou a se reverter não apenas nos meios de comunicação em massa, mas, também, em documentos produzidos por corporações, por universidade e por órgãos governamentais, porque textos que circulavam nesses ambientes passaram a abrigar ilustrações, *layouts* e tipografias sofisticadas.

Por isso, a definição da multimodalidade está relacionada à utilização de diversos modos semióticos na criação de determinado produto ou evento semiótico e à maneira como esses modos semióticos são combinados, podendo, inclusive, agir de forma complementar na construção dos sentidos (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001). Assim, vai-se ao encontro de Gualberto e Santos (2019, p. 6) quando afirmam que “a multimodalidade não é uma teoria, ela é uma característica inerente a todos os textos. Sob esse ponto de vista, os textos sempre possuem mais de um modo semiótico envolvido em sua constituição, sendo, portanto, *multi* modais” (p. 6, grifo das autoras).

Nessa direção, percebe-se que a escrita, a imagem e a cor desempenham diferentes papéis no trabalho semiótico, já que cada uma delas tem suas possibilidades particulares quanto aos seus significados. De certo modo as informações que são dispostas a partir de semioses visuais são, de acordo com Kress e Van Leeuwen (2006), mais facilmente compreendidas pelos leitores. Dessa forma, a imagem teria certa vantagem em relação à escrita porque se, talvez, a comunicação escrita não funcionasse, a imagem poderia, ainda assim, exercer o seu papel significativo, logo, a multimodalidade seria um estado natural da comunicação humana (KRESS, 2010).

Dito isso, nesta investigação, a multimodalidade é abordada sob os pressupostos teóricos de Kress e van Leeuwen (2001), que definem a multimodalidade como o uso de vários modos semióticos no *design* de um produto ou de um evento semiótico¹¹, de acordo com a forma particular que esses modos são combinados. Também, leva-se em conta que esses eventos comunicativos podem ser complementares uns aos outros, reforçando a interdependência entre eles.

¹¹ De acordo com Kress e Van Leeuwen (2001) a comunicação é um processo pelo qual os eventos semióticos são articulados e produzidos para promover o entendimento no processo de constituição da mensagem. Dessa maneira, o evento semiótico está relacionado aos diferentes mecanismos que são articulados para transmitir uma informação.

Nesse contexto, a abordagem teórica trazida pela Semiótica Social propõe que o texto é um evento comunicativo que combina diversos modos semióticos. Partindo desse ponto, ao analisar os memes como eventos sociais que congregam dois fenômenos distintos – a intertextualidade e a multimodalidade –, percebe-se que tais fenômenos auxiliam no processo de construção de sentidos.

Sob esse viés, pode-se mencionar que os textos, normalmente, possuem objetivos comunicativos que buscam informações na memória social do leitor. Isso está relacionado à necessidade de ir além da superfície do texto para produzir um ato comunicativo efetivo que tenha significado para o leitor. Pensando nisso, Kress e van Leeuwen (2001) propõem a comunicação como um evento em que um produto ou um evento semiótico é articulado, produzido e interpretado.

Também, de acordo com Kress (2003), os textos multimodais eram – e ainda são – organizados em hierarquias de modalidades, todavia, as modalidades foram se integrando nos processos de edição, ou seja, apenas um sujeito consegue controlar todo o processo de edição dos textos dentro de uma única interface. Dito de outra forma, o usuário consegue escolher se irá se comunicar com uma música, com uma imagem, com um som, verbalmente ou visualmente. Desse modo, tornou-se um processo mais complexo, porém, com mais autonomia a quem vai produzir os textos multimodais.

Levando esses pontos em consideração, torna-se válido retomar a proposição de Kress e Van Leeuwen (1998) a qual menciona que todo texto é multimodal, aumentando o campo de análise da teoria da multimodalidade, já que os processos de organização dos textos passam a poder ser observados pela perspectiva do verbal e do visual. Nesta pesquisa, a teoria da multimodalidade será suporte para a análise de um gênero de texto essencialmente multimodal: o meme. Dito isso, um aspecto que o faz se destacar diz respeito aos suportes em que é veiculado, sendo preciso, por isso, ressaltar que parte da construção de sentidos em relação aos memes não está apenas em suas características multimodais, mas, também, em seu suporte de comunicação. Nesse contexto, Chartier (2001) aponta:

Em contraste com a representação do texto ideal e abstrato – que é estável por ser desvinculado de toda materialidade, uma representação elaborada pela própria literatura – é fundamental lembrar que nenhum texto existe fora do suporte que lhe confere legibilidade; qualquer compreensão de um texto, não importa de que tipo, depende das formas com as quais ele chega até seu leitor (p. 219).

Diante dessa necessidade de os textos se apresentarem em um suporte, tem-se que a multimodalidade é uma característica inerente dos textos. Pensando nessa questão, Carvalho (2013) afirma que os estudos acerca da multimodalidade buscam analisar os principais modos de representação em função da maneira que determinado texto é produzido e realizado, bem como seu potencial para produzir significado em qualquer modo semiótico. Dessa maneira, buscam-se as especificidades de cada modo semiótico na comunicação, assim como as regularidades, as combinações e os seus valores nos mais diversos meios sociais.

Nesse sentido, os textos ocupam papéis sociais e, em determinadas situações, a modalidade por meio da qual são escritos designa a sua função comunicativa. A estrutura composicional de um texto, por exemplo, é organizada a partir de escolhas feitas pelos locutores, os quais são responsáveis por decidir se o texto irá ou não congregar as diferentes modalidades da língua e se conterà imagens, cores e *layouts*. O capítulo acerca da intertextualidade *lato sensu*, que foi apresentado anteriormente, trouxe as intertextualidades genérica e tipológica, construindo uma abordagem sobre alguns padrões textuais que certos textos possuem; padrões esses que, em nenhum momento, partem do vazio, ou seja, possuem os textos de que tomam bases composicionais e escolhas estilísticas. A esse respeito, Silva e Almeida (2018) salientam:

O que é expresso na linguagem verbal, produzido por meio de textos, por meio da escolha entre diferentes classes de palavras numa estrutura sintática é, na composição visual, expresso por meio da escolha entre diferentes usos, imagens, cores, layouts, ou diferentes estruturas de composição. Isso comprova que os significados atribuídos aos textos são resultantes da leitura do conjunto dos modos semióticos e da compreensão das modalidades verbal e visual neles presentes (p. 40).

A partir da ideia de que os textos se apresentam em um conjunto de modos semióticos da linguagem, compreende-se que analisar os textos em uma perspectiva multimodal é compreender os diferentes recursos semióticos por meio dos quais a linguagem acontece (CARVALHO, 2013). Neste trabalho, tal compreensão de como os textos são constituídos é muito importante, haja vista que o *corpus* de análise se constitui de textos essencialmente multimodais, e em meio aos recursos semióticos, provavelmente, pode-se encaixar a intertextualidade como um componente necessário para que a linguagem/comunicação aconteça.

Isso se dá, sobretudo, porque multimodalidade e intertextualidade, apesar de serem fenômenos distintos e que partem de campos de estudos diferentes, coexistem nos textos e, em alguns momentos, há um intercâmbio de recursos para produzir o sentido que tende a ser

interpretado pelo leitor. É válido mencionar, então, que, ao trabalhar as discussões teóricas acerca da multimodalidade e os seus diálogos com a intertextualidade, é preciso compreender que as mídias e as tecnologias digitais foram essenciais no processo de integração entre esses dois mecanismos da linguagem. Os textos se transformaram, os usuários passaram a ter mais repertório textual e imagético, conseqüentemente, (novos) gêneros foram surgindo nos ambientes digitais.

Infere-se, portanto, que a multimodalidade é uma maneira pela qual a comunicação acontece promovendo integrações entre diferentes modos semióticos a fim de produzir sentido. Nesse contexto, é importante destacar que as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação, doravante TDIC, foram essenciais para expansão e popularização dos textos multimodais, uma vez que essas tecnologias possibilitaram mecanismos de edição e construção de textos de modo mais facilitado. Tendo isso em vista, a seguir é apresentada uma sessão que discute de modo mais detalhado a influência das TDIC sobre a multimodalidade. pois o próprio meme, objeto de análise desta investigação, é um texto de caráter essencialmente multimodal e que teve sua expansão principalmente devido às tecnologias digitais.

3.1 A MULTIMODALIDADE, AS TDIC E OS MEMES

A multimodalidade e as TDIC estão relacionadas, haja vista que o gênero meme, objeto desta investigação, trata-se de um gênero multimodal que obteve expressiva expansão a partir das tecnologias digitais. Por isso, tornou-se necessário destinar um tópico para trabalhar as relações teórico-metodológicas existentes entre a multimodalidade e a TDIC. Outrossim, é imperativo ressaltar que as discussões acerca da multimodalidade são complementares aos debates sobre intertextualidade multimodal; relação que, apesar de há muito tempo estar presente nos textos, passou a receber um maior número de análises recentemente.

O uso das tecnologias digitais em rede tem sido um fator de transformação das sociedades contemporâneas, pois a internet possibilitou que vários processos, antes demorados e complexos, como mandar um recado para uma pessoa localizada geograficamente distante, anunciar um produto, fazer uma compra, assistir a um filme, entre outros, tornassem muitos rápidos ou, até mesmo, instantâneos.

Desse modo, percebe-se que os processos linguísticos são constantemente impactados, já que com as novas tecnologias vieram, também, novas organizações textuais, mídias variadas, interações linguísticas e textuais das mais diferentes formas e canais, ambientes virtuais de

aprendizagem, entre outros. Então, a comunicação visual deixou de ser objeto de análise apenas de especialistas, tornando-se essencial na comunicação cotidiana. Diante desse cenário, observa-se cada vez mais a existência de regras e de um ensino mais formal sobre os elementos visuais dos textos, a fim de promover uma “alfabetização visual” (KREES; VAN LEEUWEN, 2006).

Então, em primeira instância, não se pode deixar de considerar que o surgimento das tecnologias digitais possibilitou a criação e a divulgação de novos tipos de imagens, de *layouts* e de composições textuais; recursos essenciais na construção de sentido dos textos, já que estão ligados à sua função retórica. Nesse cenário de inovações, a combinação entre a escrita e o visual tornou-se cada vez mais difundida, sendo possível afirmar que os seres humanos vivem, na atualidade, em uma sociedade visual. Isso, porque a forma como os textos passaram a ser constituídos revelam que as relações humanas que acontecem em sociedade passaram a utilizar ainda mais os elementos imagéticos, tendo em vista que as imagens não são mais apenas uma forma de divulgação de informação, mas, sim, a representação de uma nova maneira de se comunicar em sociedade (DIONÍSIO, 2005).

Com isso, verificou-se que os meios de comunicação modificaram o modo como os textos são recepcionados pela sociedade, pois os leitores tornaram-se mais ativos e capazes de fazer escolhas a respeito de como receberão e procederão a leitura, ou seja, a linearidade se tornou opcional. Além do mais, a monomodalidade perdeu espaço para os textos multimodais nos contextos digitais, haja vista que os textos que circulam nas mídias misturam as diferentes modalidades da língua para produzir significado. Prova disso é que textos com cores variadas, texturas, hipertextos, *layouts* e diagramações sofisticadas tornaram símbolos das mídias digitais, porque esses canais de comunicação encaram a produção e a edição de imagem e texto como um sinônimo de qualidade.

Em meio a isso, de acordo com Koch (2002), o leitor da escrita digital faz suas escolhas e suas ligações por meio de interesses próprios e, a partir disso, associa ideias e seleciona opções para produzir a textualidade, que é uma construção relacionada às suas escolhas pessoais. Nessa mesma perspectiva, devido à expansão dos textos multimodais, os processos de leitura também foram se transformando, evidenciando que a multimodalidade dos textos promoveu diversas outras oportunidades, principalmente devido às tecnologias digitais, as quais auxiliam nos mecanismos de edição e produção de textos em diferentes suportes.

Então, o diálogo permanente que existe entre a multimodalidade e as TDIC promove a ideia de que os textos passaram a ser multimodais a partir do surgimento das tecnologias

digitais. Entretanto, ao investigar esse pensamento gerou-se questionamentos, pois os textos eram multimodais desde o advento da comunicação por meio de signos. Isso posto, para Dionísio (2011), as formas como os homens interagem entre si alteram-se de acordo com as necessidades de cada sociedade. Assim, as indigências atuais de comunicação fizeram com que os textos misturassem ainda mais a múltiplas semioses existentes, devido à necessidade comunicativa cada vez mais sonoro-visual nas mídias.

Nesse contexto, a afirmação de Kress e Van Leeuwen (2006) de que toda forma de comunicação é multimodal merece atenção, tendo em vista que as pessoas, em suas práticas sociais, objetivam estabelecer atos comunicativos e, para isso, utilizam de modos semióticos de forma integrada, o que possibilita a multimodalidade tomar uma amplitude ainda maior. Dessa maneira, Kress e Van Leeuwen (2006) desenvolveram a Gramática do Design Visual para possibilitar que análises de cunho sistêmico fossem feitas também com as imagens, pois essa sistematização já era possível com os textos verbais.

A partir disso, pode-se considerar que as mídias exercem influências nas mais diversas esferas da sociedade. Marcuschi (2008) afirma que no último século, com o advento de diversas mídias, criaram-se formas comunicativas próprias as quais são pautadas em múltiplas semioses. Isso, por sua vez, colocou em evidência que é um desafio manter a dicotomia entre linguagem oral e a escrita, ainda por cima, que os gêneros de textos passaram a integrar múltiplas semioses.

No que tange a essa investigação, pode-se salientar que o meme, gênero de caráter multimodal, tornou-se expressivo devidos às mídias digitais. Mais especificamente, redes sociais, como o *Facebook*, o *Instagram* e o *Twitter* proporcionaram um suporte ideal que se articula muito bem com o objetivo principal do meme: produzir humor. Apesar de existirem perfis que se especializaram nesse nicho de mercado, os quais se transformaram em profissionais com o intuito de lucrar, o meme ainda possui certa espontaneidade em seus processos de criação. Assim, o meme, normalmente, surge a partir de usuários que enxergam uma situação que pode causar humor entre outros usuários da comunidade. Porém, esse processo demanda da mobilização de conhecimentos extratextuais para que haja compreensão sobre o conteúdo apresentado no meme. Desde a organização dos elementos multimodais e semióticos aos intertextos presentes em determinado meme, todos os recursos influenciam nos sentidos produzidos pelo leitor/interlocutor.

Nessa perspectiva, para que haja a compreensão de textos multimodais, a exemplo, o meme, torna-se um processo que demanda da mobilização e reconhecimento de determinados fenômenos presentes no texto. Por isso, Gomes (2019) afirma que o ato de compreender um

texto como multimodal é, também, entender que existe uma série de mecanismos de sentidos mobilizados para a sua existência nas esferas social, histórica e estrutural. Logo, a partir das discussões acerca da multimodalidade e da intertextualidade, torna-se preciso compreender mais a respeito do gênero multimodal e intertextual meme.

O meme é, portanto, um gênero de base essencialmente multimodal. Sua expansão se deu, principalmente, pelo surgimento das tecnologias digitais. Entretanto, seus primeiros registros são anteriores a tais tecnologias. A produção memética estava inicialmente relacionado a fatores culturais, mas em seu processo de evolução passou a englobar outros setores, como por exemplo, tornou-se um gênero de texto. Por isso, é essencial compreender suas características e processos de composição formal a fim de analisar os sentidos alcançados por meio das múltiplas semioses existente nesse gênero de texto que, atualmente, está diretamente relacionado às tecnologias digitais.

Posto isso, é necessário fazer reflexões acerca do impacto das tecnologias digitais nas práticas de linguagem. O meme, nosso objeto de estudos, apesar de ser anterior ao advento das tecnologias digitais, teve sua popularização após o surgimento das redes sociais, da comunicação por meio de aplicativos de mensagens. Assim, infere-se que as tecnologias, de maneira ou de outra, modificaram os processos de comunicação humana, tornando as práticas de linguagem mais instantâneas e fáceis. As barreiras geográficas deixaram de ser um empecilho para haver comunicação, da mesma forma que as culturas e povos deixaram de estar isoladas, misturando-se a todo instante.

O meme é um gênero de texto que foi diretamente influenciado pelo avanço das tecnologias digitais em rede, uma vez que, apesar de ter suas raízes fora dos ambientes digitais, foi no contexto das redes que o meme ganhou novas funcionalidades e características multimodais, a partir de múltiplas semioses e recursos gráficos. Para Cavalcante (2010) produzir textos que misturaram a linguagem verbal e não verbal é uma atividade complexa e que se utiliza de vastos conhecimentos acerca do sentido das palavras e, também, o contexto sócio-histórico ao qual tal texto é produzido. Assim, pensar nas práticas de linguagem é pensar também em uma prática pedagógica que inclua as tecnologias digitais nos momentos de produzir. O meme é um gênero com bastante campo para essas práticas, seja pelo seu caráter multimodal, seja pelo interesse dos sujeitos em produzir e consumir esse gênero nas mídias, ou seja, em suas práticas de linguagem.

Um conceito que engloba com propriedade a relação dos sujeitos com as práticas de linguagem em ambientes em rede e, conseqüentemente, as particularidades do gênero meme, é

o conceito de Web 2.0. De acordo com Rojo e Barbosa (2015) a Web 2.0 se configura pelo fato de os usuários produzirem conteúdo a partir de postagens em redes sociais como o *Facebook*, *Instagram*, *Twitter*, entre outras redes. Nesse contexto, observa-se que a evolução desses ambientes de modo a possibilitar que o usuário participe ativamente do processo de manutenção das redes fez com que novas práticas emergissem. A partir desse cenário, a função do leitor em sua relação com os textos se modificou. Os papéis deixaram de ser fixos, estabelecendo-se enquanto sujeitos flutuantes: ora produz, ora consome. Sobre isso, Rojo e Barbosa (2015), em seus estudos sobre gênero, multiletramentos e hipermodernidade, propõem que:

Ampliando o olhar para o contexto em que se tramam essas identidades contemporâneas – sustentadas por novas (e frágeis) formas de identificação – , pode-se notar que as TDICs da maneira como foram arquitetadas, configuradas e disseminadas, potencializam esse processo. A Web 2.0 muda o fluxo de comunicação, e em tese acaba com cisão de produtores/leitores possibilitando que todos publiquem na rede e exerçam simultaneamente os dois papéis, o que Rojo (2013) denomina lator (p. 119).

Diante disso, o conceito de lator, proposto por Rojo (2013), aproxima-se diretamente às práticas de linguagem exercidas pelos sujeitos no que tange ao gênero de texto meme. O lator exerce simultaneamente, ao produzir um meme ou consumi-lo, o papel de autor e leitor. Apesar de ser complexa a situação, nota-se que, pelo baixo rigor técnico quando se produz memes, o leitor assume o papel de autor de maneira simples e natural. Nesse contexto, ao pensar nos memes, pressupõem-se que os sujeitos possuem liberdade de criação, autoria e compartilhamento, uma vez que as próprias características composicionais desse gênero necessitam de menor rigor técnico.

Assim, é notório que discutir sobre a linguagem em seus diversos contextos é uma tarefa complexa e que demanda de uma análise panorâmica em diversos setores. Por isso, quando se propõe analisar as diversas semioses e a construção do sentido intertextual dos memes, em algum momento, as tecnologias digitais serão pauta das discussões, uma vez que nelas o meme encontra suporte ideal para sua existência e proliferação. Na sessão a seguir, o gênero meme será detalhado, de modo que suas características e principais contextos linguísticos serão abordados.

3.2 O GÊNERO TEXTUAL MEME E SUAS MULTIPLAS SEMIOSES

O termo “meme” foi cunhado em 1976, pelo biólogo Richard Dawkins, em uma obra que tratava, principalmente, da evolução dos genes. Na perspectiva apresentada, propunha-se

que os seres humanos eram máquinas de sobrevivência preparadas para replicar estruturas biológicas, ou seja, os genes. Entretanto, seria possível haver outros tipos de replicadores, os quais levariam a demais tipos de evolução, assim como a que acontece nas culturas humanas, fazendo existir, então, uma espécie de replicador cultural por meio da qual as culturas evoluiriam (LIMA-NETO, 2021).

De acordo com Dawkins (2007), essa nova maneira de replicar as culturas precisaria de um nome para designar o modo de transmissão cultural, logo, a partir da “Mimeme”, que está relacionada à imitação, abreviou-se para “meme”. Assim, um novo vocábulo foi estruturado para nomear a propagação que acontece com algumas informações culturais que ficam guardadas na memória social dos sujeitos. Devido às transformações culturais, ao desenvolvimento social e a demais fatores, o termo tornou-se popular e se espalhou para outras esferas da sociedade. Todavia, nesta investigação, o interesse está relacionado ao meme como gênero de texto que está presente nas relações sociais.

Assim, considera-se que o meme é um gênero, por natureza, multimodal e que está intimamente relacionado ao desenvolvimento das mídias digitais em rede. Godoy (2020) argumenta que os memes não dependem da internet para existir. No entanto, devido ao atual período ser marcado pela comunicação instantânea a partir da internet, nota-se uma crescente relevância das mídias digitais em rede enquanto replicadoras de memes. Porto (2018) afirma que o estudo acerca da construção de sentidos em memes é um campo de estudos relativamente recente, possibilitando a apreciação do humor e da sua relação com a cultura, pois os memes são elementos culturais presentes no cotidiano dos sujeitos.

Além disso, Porto (2018) aborda sobre as características intertextuais dos memes, pois esses textos partem da junção de mecanismos linguísticos para produzir sentido, como a intertextualidade, a multimodalidade e recategorização, entre outros. Os sentidos do texto são alcançados a partir de processos cognitivos, pois o leitor estabelece ligações com outros textos que estão armazenados em sua memória textual. Todavia, esse não é o viés deste estudo, assim as discussões estão relacionadas aos processos de intertextualidade e a relação com as diversas semioses existentes no plano textual. Os memes sempre pertencem a uma coletânea, ou seja, a um grupo de textos que partilham características que dialogam entre si, uma vez que a replicação cultural acontece por meio de informações e contextos semelhantes. Diante disso, a intertextualidade é um elemento importante nas produções de sentidos nos memes, pois dialoga e, por vezes, reproduz aspectos de outros textos.

Porto (2018) e Godoy (2020) argumentam acerca das potencialidades do gênero de texto meme a partir de discussões pautadas na Linguística Textual. Ambos estudiosos associam o meme às mídias digitais, pois, mesmo que o termo tenha sido cunhado fora dos ambientes digitais, foi nesses espaços em rede que os memes encontram espaço e replicação. Ademais, Távora (2021) apresenta estudos sobre memes, estabelecendo conexões entre memes e compreensão leitora. Desse modo, a autora afirma que o meme é um gênero multimodal emergente nas mídias digitais, uma vez que sua utilização está cada vez mais presente nas práticas de linguagem dos sujeitos. Nesse sentido, Távora (2021) propõe que os memes sejam abordados didaticamente a fim de auxiliar alunos na compreensão leitora. Essa compreensão relaciona-se tanto a necessidade de se compreender textos visuais, como também, no fato de que os mecanismos linguísticos presentes nos memes são elementos a serem observados em sala de aula.

Apesar deste não ser um estudo direcionado para questões de ensino, observa-se que muitos dos estudos sobre memes estão relacionados às potencialidades pedagógicas desse gênero de texto, visto que são textos que estão presentes no cotidiano dos sujeitos que consomem conteúdos em mídias digitais, muitos deles, estudantes. Nesse contexto, observa-se também os estudos de Peruzzo (2020), nos quais os memes são apresentados enquanto uma estratégia de compartilhamento de valores, pois os jovens e adolescentes que consomem esses conteúdos estão em fase de construção de caráter. Assim, os memes são importantes transmissores de boas práticas e auxiliam na construção de valores morais.

Sob esse prisma, as mídias sociais e as tecnologias digitais possibilitaram a popularização e as diversas transformações em suas características composicionais dos memes. As propriedades e a estruturação dos memes se alteram com o passar do tempo, de modo que sempre há uma característica nova para ser analisada. No entanto, aqui, busca-se analisar mais especificamente como a intertextualidade e a multimodalidade se integram e se materializam nos memes para construir sentidos.

Mas, para isso, não se pode deixar de considerar que discutir acerca da multimodalidade dos memes é uma tarefa complexa, haja vista que o significado multimodal “[...] é muito mais do que a soma de aspectos linguísticos, visuais, espaciais, modos de significado gestual e auditivo. Envolve também processos de integração e movimentação com ênfase para trás e para frente entre os vários modos” (COPE; KALAMTZIS, 2009, p. 422-423). Logo, as considerações sobre os mecanismos linguísticos que compõem os memes necessitam de atenção

especial, pois muitos fatores influenciam sua constituição. Posto isso, como definem Knobel e Lankshear (2007):

Os memes são padrões virais de "informação cultural" que passam de mente em mente e geram e moldam diretamente as mentalidades e formas significativas de comportamento e ações de um grupo social. Os memes incluem elementos como músicas populares, frases de efeito, moda de roupas, estilos arquitetônicos, maneiras de fazer as coisas, ícones, jingles e afins (KNOBEL; LANKSHEAR, 2007, p. 199, tradução do autor)¹².

Mas, para além de serem padrões virais e atuarem dessa forma, um aspecto de extrema importância é que os memes dependem da memória social dos indivíduos, já que esse gênero de texto, normalmente, está relacionado a situações do dia a dia, a acontecimentos populares e a vários outros fatores presente nas vivências dos sujeitos. Outra característica relevante é a alta possibilidade que o meme tem de ser editado, reeditado e reformulado pelos usuários, o que permite dizer que ele é uma espécie de texto de código aberto, pois qualquer usuário pode modificar o sentido atual e produzir novos, fazendo outras conexões e reformando a ideia central.

Além disso, Jenkins (2009) afirma que os usuários passaram a ser produtores e consumidores de mídia, pois são funções que não aparecerem mais de maneira individualizada, ou seja, os usuários interagem com as mídias de acordo com o conjunto de regras vigente, mas nenhum usuário as entende por completo: ora produz, ora consome, não possuindo um papel fixo em relação a elas. Portanto, sempre existirá uma interdependência de um usuário com o outro; de um texto com o outro e do texto com as memórias do usuário.

Essas características de interdependência entre produtores, consumidores e obras interferem nos processos de construção dos memes, já que o meme é um gênero que apresenta grande plasticidade. A cada momento há um usuário produzindo um meme, outro compartilhando e outro copiando a fim de lançar novas estruturas composicionais singulares. Cabe mencionar ainda que, na mesma proporção que um meme é aceito e disseminado socialmente, ele tende a desaparecer. Esse processo de criação, desaparecimento e consumo rápido pelo qual os memes passam é uma das características que influencia nos sentidos do meme, uma vez que a memória textual dos leitores ainda estará, em grande parte dos casos,

¹² No original: "Memes are contagious patterns of "cultural information" that get passed from mind to mind and directly generate and shape the mindsets and significant forms of behavior and actions of a social group. Memes include such things as popular tunes, catch phrases, clothing fashions, architectural styles, ways of doing things, icons, jingles, and the like" (KNOBEL; LANKSHEAR, 2007, p. 199).

firmada no texto-fonte, não no meme que faz alusão ao texto, apesar de o meme também passar a fazer parte na memória textual do sujeito.

Assim, as características do gênero de texto meme estão relacionadas também ao seu papel social de texto perecível e intertextual, e que exerce influência sobre os sujeitos os quais o consomem e produzem. Entretanto, apesar de ser um gênero, como já mencionado, que apresenta grande volatilidade nas mídias e contextos que emergem, alguns exemplares se fecundam como estruturas de replicação social acentuada, tornando-se parte da memória textual de diversos sujeitos devido ao contato em repetição com os exemplares.

Isso auxilia nos processos de cópia e replicação de estruturas que ganham um padrão depois de um tempo. Tendo em vista esse processo de replicação, nota-se também um excesso de textos que não são possíveis encontrar seus suportes de origem, o que faz o usuário não tenha controle sobre os conteúdos que consome, precisando acumular o texto em sua memória textual ou não, podendo também compartilhar o exemplar para arquivar o texto por meio da interação com outros sujeitos. Nesse sentido, a seguir é apresentado uma meme que aborda essa perspectiva da volatilidade dos memes, demonstrando também outras características desse gênero de texto que está presente em diversas esferas sociais como a própria intertextualidade presente nos memes e a articulação entre os elementos multissemióticos e intertextuais.

Figura 1 – Meme 1
quando vc vê um meme bom e sem
querer atualiza a página e nunca mais
vê ele



Fonte: ifunny (2022) ¹³

O exemplo do meme acima na Figura 1 traz essa perspectiva integrada de fenômenos linguísticos, como a multimodalidade e a intertextualidade, haja vista que os elementos são combinados entre si, utilizando diversos mecanismos linguísticos e semióticos para construir o significado. A seleção da imagem, as informações textuais, a referência intertextual, a escolha do participante interativo apresentando semblante de tristeza, as cores frias apresentadas na

¹³ Disponível em: <https://br.ifunny.co/picture/J50WITdv7>. Acesso em 13 de julho de 2022.

imagem, entre outros aspectos são operadores de sentidos que se integram para produzir o sentido intertextual multimodal, uma vez que tanto os elementos intertextuais quanto os multimodais estão dispostos de modo interdependente na construção de sentidos.

Nesse viés, cabe ressaltar que o produtor, no momento da construção do meme, tende a agir de modo espontâneo para construir os memes, mas há uma intertextualidade genérica que influencia na estrutura composicional dos memes, os firmando enquanto cópias culturais em conteúdo e gênero. Ruiz e Faria (2012, p 108) propõem que “a intertextualidade (inter)genérica se dá quando o produtor do texto, contando com o conhecimento prévio dos interlocutores a respeito dos gêneros textuais possíveis na nossa sociedade, apresenta”.

Por isso, apesar de serem textos que apresentam acentuada fugacidade, pois não costumam perdurar nos conhecimentos textuais do leitor, seus atributos genéricos perpassam um exemplar e tendem a ser replicados em outros memes. O próprio texto da figura 1 traz a questão da efemeridade dos memes, os quais, muitas vezes, são produzidos, divulgados e, logo, desaparecem, permanecendo apenas na memória textual do leitor. Desse modo, esta se apresenta como uma das características dos memes: são efêmeros.

É possível perceber na figura 1 uma relação intertextual explícita do meme com o filme *Titanic* (1998). As informações verbais e visuais estão organizadas de modo que o leitor perceba a retomada da perda uma lembrança ou de um artefato que exercia influência para o participante representado, assim como acontece no filme em que a personagem descarta um objeto que lhe trazia memórias afetivas para que restassem apenas as memórias.

Além do mais, a imagem e a fala: “Agora só existe na minha memória”, que aparecem no meme, têm origem no filme *Titanic*, firmando-se enquanto um intertexto. Assim, as diversas semioses e a os intertextos incorporados ao meme auxiliam ao apresentar a mensagem. Devido aos suportes diversos dos memes, eles possuem um caráter perecível e atualização constante das mídias. Dessa maneira, os memes tornam-se textos que emergem e desaparecem na mesma proporção. Diferente de outros casos, na Figura 1, a mensagem apresentada pode ser interpretada pelo leitor mesmo sem que ele tenha tido contato com o texto fonte: o filme *Titanic* (1998), pois os elementos multimodais integrados aos verbais presentes no texto conseguem fazer com que ela seja compreendida, porém, ainda assim, outros tipos de intertextualidade exercem influência sobre o sentido do texto.

Nesta investigação, os memes serão objeto de análise devido à sua natureza multimodal e à influência desses textos na sociedade, pois esse gênero de texto está presente na escola, nas redes sociais e em diversas práticas de linguagem que se têm contato diariamente. Ainda, a

própria definição de meme é muito ampla, porque ele vai além do verbal, sendo multimodal e possuindo múltiplas linguagens, ou seja, é um gênero *multi*. Melo (2012) propõe:

Meme é tudo o que se aprende por cópia a partir de uma outra pessoa. Desde coisas simples, como comer usando talheres, até ações mais complexas, como escrever textos excelentes em blogs. Resumindo ao máximo, alguém faz, você vê, gosta e copia. Outras pessoas vão ver você fazendo, também gostarão e copiarão. Desta maneira, a evolução de um meme é quase sempre viral e exponencial (MELO, 2012, p. 23).

Essa característica viral dos memes proposta por Melo (2012) auxilia no processo de produção de novos exemplares do gênero, porque qualquer usuário tem a possibilidade de se tornar autor, de produzir e de ressignificar um meme. Por ser um gênero de texto que não exige um planejamento textual bem elaborado, a maioria dos memes busca apresentar de modo acelerado a mensagem e o possível humor por meio dos elementos visuais, restando para os elementos verbais serem complementares à ideia central do texto. Pensando nisso, Knobel e Lankshear (2007) propõem que “o termo “meme” é usado para descrever uma ideia que é disseminada e aceita rapidamente, sendo ela apresentada por meio de textos escritos, imagens, linguagens em movimento ou algum elemento cultural” (p. 202, tradução do autor)¹⁴.

A partir dessas proposições, faz-se necessário compreender o cenário contemporâneo de discussão sobre os memes. Atualmente, muitos estudiosos se dedicam a compreender o gênero meme e suas particularidades no que tange seus aspectos linguísticos. O meme é um gênero anterior à Era virtual, porém a internet exerce um papel importante no que se relaciona à popularização desse gênero de texto (CHAGAS et. al., 2015). Diante desse cenário, Guerreiro e Soares (2016) argumentam que a pós-modernidade, enquanto um modo de vida levado pela sociedade, promoveu rupturas e criou tendências relacionadas às diversas práticas e manifestações linguísticas e sociais. Assim, torna-se inviável conceber que a linguagem e a comunicação não seriam influenciadas por essas transformações, dando-se destaque no período com grandes transformações nas mídias, que foram os anos 60, nos quais estabeleceram-se recursos como TV e cinema.

No que tange aos estudos sobre memes, Martino e Grohmann (2017), que desenvolvem pesquisas sobre os memes em ambientes digitais, apontam que os estudos sobre memes estão

¹⁴ No original: ““meme” is a popular term for describing the rapid uptake and spread of a particular idea presented as a written text, image, language “move,” or some other unit of cultural “stuff” (KNOBEL; LANKSHEAR, 2007, p. 202).

em constante crescimento nos últimos anos, sobretudo em pesquisas relacionadas às culturas digitais. Além disso, apontam que, em um passado próximo, o número de trabalhos sobre o tema era bastante reduzido, quase não contendo pesquisas sobre o assunto anteriores a 1990. Nesse sentido, percebe-se que o interesse sobre os meme está correlacionado à popularização das redes digitais, uma vez que a partir da expansão dessas redes virtuais, houve, também, a expansão dos memes.

A partir da popularização das tecnologias digitais, junto à evolução dos memes, também houve uma transformação nas práticas de linguagem pós-modernas, como já discutido anteriormente. Essas práticas passaram a se constituir, principalmente, de modo multimodal, fundindo as múltiplas semioses a fim de criar novos efeitos aos textos. Layouts, texturas, fontes, softwares, entre outros recursos do ciberespaço modificaram a relação dos sujeitos sociais com os textos (GUERREIRO; SOARES, 2016). Diante desses novos recursos possibilitados pelo ciberespaço, o meme passa a ganhar espaço, principalmente, devido à informalidade no seu processo de elaboração.

Martino e Grohmann (2017) argumentam que a popularização dos memes está ligada, entre outros motivos, à facilidade de criação. Facilmente, é possível encontrar sites nos quais qualquer pessoa pode criar um meme, mesmo não tendo muitos conhecimentos de computação. Os recursos disponíveis em rede que, na maioria das vezes são gratuitos, tornou acessível a produção desses textos. Além disso, os memes são textos criados para a utilização rápida, no entanto alguns textos ultrapassam esse paradigma da perecibilidade e se mantêm nas interações dos sujeitos, agindo como remodeladores de práticas de linguagem.

Essas transformações nos padrões meméticos são comuns, inclusive o conceito fundador do termo meme e o modo como esse gênero é observado nas práticas de linguagem, atualmente, são diferentes. Guerreiro e Soares (2016) afirmam que o termo meme, na atualidade, faz referência direta a imagens postadas em redes sociais, configurando-se como criações dos próprios usuários e que mesclam situações que tiveram destaque nas mídias e, de certo, modo, tornou-se parte da memória textual de diversos sujeitos. Comumente, essas imagens são unidas a frases para construir seus significados e apresentam um caráter humorístico. Desse modo, percebe-se que o conceito de meme se transformou ao longo do tempo, não perdendo totalmente sua relação de multiplicação, mas passando a ser um gênero de natureza multimodal e diretamente relacionado às mídias, configurando-se como memes digitais.

Em termos conceituais, o meme digital, segundo Castro (2017), possui aspectos multimodais, destacando sua plasticidade e a rápida veiculação desses textos nos meios de

comunicação em rede. Em outras palavras, significa dizer os memes são criados e compartilhados por meio de várias redes, modificados, recategorizados, permitindo diferentes construções de sentido, de conteúdo e de semioses. Posto isso, verifica-se a necessidade de compreender essas construções de semioses pautadas na imagem e nas tecnologias digitais, surgindo, constantemente a intertextualidade de maneira interdependente aos recursos multimodais para construir os sentidos.

Os estudos sobre memes apresentam lacunas no que tange às abordagens teóricas de modo integrado, que no caso deste estudo, foi a intertextualidade e a multimodalidade. Ambos fenômenos possuem muitas pesquisas relacionadas ao gênero de texto meme, mas fazendo conexões limitadas entre os campos. Abordou-se memes que apresentam, de modo intertextual, obras como *Dom Casmurro*, de Machado de Assis; e *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare.

Tais obras serão analisadas em uma perspectiva visual, pois não cabe aos objetivos deste estudo compreender as nuances discursivas dessas obras e seus contextos históricos. Oliva (2017) argumenta que um dos motivos de Bento Santiago, protagonista do romance *Dom Casmurro*, ter ciúmes de seu amigo Escobar, dava-se pelo fato de Bentinho nutrir um sentimento proibido pelo amigo, mas que não poderia ser debatido no contexto-histórico que a obra foi produzida. Assim, os memes servem como releituras e ampliações de obras, pois partem dos contextos e práticas de linguagem dos sujeitos que os produzem.

Nesse escopo, o meme é um gênero muito comum nas práticas sociais dos sujeitos. Os estudos empíricos sobre memes versam acerca das potencialidades desse gênero de texto, tanto no que tange às práticas de linguagem, como também sobre as potencialidades pedagógicas dos memes no ensino. Passos (2012), em seus estudos sobre gêneros, afirma que atualmente há uma infinidade de gênero os quais são alterados, manuseados e se reconstróem a partir dos preceitos da sociedade vigente. Os gêneros são usados, reconstruídos, de modo que englobem as novas práticas de linguagem e estão de acordo com as intenções comunicativas dos sujeitos.

No cerce das funções sociais do meme, pode-se mencionar que ele ganhou novos traços e que apresenta, atualmente, características que são visibilidade às pessoas, de modo que possam emitir suas opiniões e críticas em um tom de humor. Isso explica o grande número de releituras de uma mesma foto, vídeo, acontecimento, pois são múltiplas opiniões e pontos de vista sobre a mesma situação podem ser apresentadas. Em outras palavras, tudo, nos ambientes em rede, pode se transformar em meme, depende, quase que exclusivamente, do usuário para criar e transformar o objeto social em meme. A plasticidade dos memes é uma característica

que coloca esses textos em evidência, visto que, ao se apresentar um exemplar com premissas de originalidade, esse texto tem a possibilidade de se tornar viral (BRAGA, 2018).

Em síntese, as discussões contemporâneas sobre meme possuem características parecidas. Em uma análise geral, faz-se sempre uma correlação dos memes com as tecnologias digitais e os processos comunicativos entorno dessa relação de interdependência. Em vários momentos, os estudos propostos se aproximam desta pesquisa, principalmente quando se discute sobre textos visuais, multimodalidade, tecnologias digitais. Guerreiro e Soares (2016) destaca que os memes são criados por intermédio de uma imagem a qual é retirada do cotidiano, de um texto, ou de um contexto, mas sempre, ao final, assumem características partilhadas socialmente que lhes dão o status de gênero textual meme. Além disso, há uma preocupação por parte dos produtores em relação ao design visual, pois são construídos de modo colaborativo e sem ter autoria divulgada.

Diante disso, o meme, como um texto visual que possui características composicionais que a gramática tradicional não consegue contemplar, demanda uma abordagem teórica de análise que contemple as suas especificidades visuais. A partir disso, são apresentados, adiante, os desdobramentos teóricos da GDV, uma teoria que aborda as composições e que descreve as estruturas semióticas visuais, nas quais o meme se encaixa. Assim, como nas gramáticas tradicionais que analisam a composição e a estruturação dos textos verbais, na GDV, analisa-se as estruturas imagéticas que apresentam sentidos e que produzem significados.

4 A GRAMÁTICA DO DESIGN VISUAL - GDV

O referencial teórico apresentado até o presente momento trouxe discussões acerca de fenômenos linguísticos, tais como a intertextualidade (em seus diversos desdobramentos) e a multimodalidade. Além disso, foram desenvolvidas discussões teórico-metodológicas sobre o gênero de texto meme. A partir das singularidades visuais desse gênero de texto, tornou-se necessário propor uma abordagem que contemple a parte visual dos textos, visto que os próprios textos verbais, em muitos casos, dependem dos elementos visuais para produzirem sentido.

Nesse contexto, as discussões encaminham-se para a Gramática do Design Visual (GDV), proposta por Kress e van Leeuwen (2006), adaptada do modelo teórico-descritivo da Gramática Sistêmico-Funcional (GSF), que se aplica à parte verbal dos textos. Em linhas gerais, a GDV ajusta-se de modo que as teorias apresentadas na Gramática Sistêmico-Funcional (GSF) passam a ser aplicadas nos modos semióticos dos textos. Em outras palavras, como explica

Santos (2020): “distanciando-se dos modelos formais de descrição visual, como também o faz a GSF em relação ao trato com a linguagem verbal, a GDV erige um modelo descritivo visual que se atém à codificação e representação de significados visuais” (p. 96).

Nesse sentido, a GDV, assim como uma gramática tradicional que descreve o modo como as palavras se combinam para formar frases e como sentenças se organizam para formar textos, na “gramática” visual, descreve-se como as múltiplas semioses se combinam para retratar a realidade, formando “declarações” visuais de maior ou de menor complexidade e extensão (KRSS; VAN LEEUWEN, 2006). De modo geral, a GDV toma como base os apontamentos teóricos da GSF para formar uma teoria que busca descrever as formas de organização dos textos visuais e como essas organizações afetam a produção de sentidos nos textos. Além disso, é possível afirmar que a GDV é uma gramática, pois apresenta categorias de análise que são dispostas por meio de estruturas padronizadas.

Siebra (2019) aponta que a GDV, apesar de parecer um conjunto de regras e normas acerca das análises visuais, apresenta um olhar mais pragmático ao descrever as imagens, ou seja, busca compreender os significados de produção dessas imagens e como esse processo acontece a partir de seus produtores. Além disso, Almeida (2009) propõe que a gramática visual auxilia a compreensão das imagens, tendo em vista seus fatores composicionais e não ideológicos, uma vez que, em sua metodologia de análise objetiva compreender a correlação das semioses para construir o significado.

As semelhanças com a linguagem que acontece a partir de palavras, existem. Porém, ganham outras formas na GDV, tornam-se vetores, objetos, participantes, entre outros elementos presentes na teoria. No entanto, Kress e Van Leeuwen (2006) deixam claro que nem todos os significados apresentados a partir da linguagem oral e escrita podem ser alcançados por meio das imagens e vice-versa (SIEBRA, 2019). A GDV, apesar de possuir um panorama bem completo de análise de imagens, ainda apresenta certas lacunas em relação aos novos textos que emergem nas mídias, os quais estão cada vez mais cheios de semioses para auxiliar a construção dos sentidos. Por isso, neste estudo, a GDV foi integrada a outras áreas da linguagem para auxiliar em uma compreensão global dos significados dos textos. Além de buscar entender que alguns fenômenos que estão no interior do texto podem se unir com o intuito de produzir tais significados.

Observa-se, nesse contexto, que as mídias possibilitaram o surgimento de múltiplas semioses. Os processos de leituras se alteraram, tonando-se cada vez mais multimodais. Rojo (2012) afirma, no âmbito de suas pesquisas sobre multimodalidade e multissemoses, que os

textos passaram a ser compostos por muitas linguagens, modos e semioses. Por isso, exige-se novas práticas de leitura e compreensão a fim de significar os textos. Assim, buscou-se trazer abordagens que estão inseridas na compreensão das imagens, porém sem perder de vista essas novas práticas de leitura necessárias para significar. Os estudos empíricos observados atualmente sobre a GDV também trazem uma abordagem semelhante, aplicando conceitos da GDV em gêneros e contextos, principalmente, oriundas das mídias digitais.

Assim como uma gramática tradicional, a GDV possui regras e estruturas formais a serem observadas ao se fazer uma análise. Nesse viés, o que a difere das outras gramáticas é que ela se preocupa com os elementos visuais do texto, inclusive o visual passa a ser considerado texto. Pois são as semioses integradas que conseguem apresentar sentido sem a dependência dos elementos verbais. Ademais, é possível perceber que os elementos visuais podem ser configurados de diferentes maneiras, a fim de produzir diferentes significados.

Logo, nota-se a presença de determinadas complexidades e múltiplas funções as quais necessitam de modos de análise diferentes entre si, pois seus desdobramentos, apesar de estarem relacionados às imagens, partem de composições distintas como cores, pontos de vista, olhar, distância, posicionamento e outros fatores que influenciam diretamente nos processos constitutivos dos textos. Por isso, a GDV se materializa em três metafunções: *representacional*, *interacional* e *composicional*; maneiras diferentes de compreender a função e o sentido das imagens. Mais adiante, essas metafunções serão detalhadas, devido à complexidade que cada uma possui e pela relevância que elas ocupam na análise do *corpus* desta pesquisa.

Tendo isso em vista, é necessário mencionar que as metafunções propostas pela GDV são uma transposição das metafunções da linguagem propostas por Halliday (1985; 1994; 2004), no âmbito da Linguística Sistêmico-Funcional. Assim, a proposta defendida por Kress e van Leeuwen (2006), busca apoiar-se em teorias que estariam, de certo modo, voltadas aos textos verbais, a fim de produzir uma gramática para os textos visuais. De acordo com Novellino (2007), trata-se “[...]de relacionar a noção teórica de metafunção de Halliday com a análise de imagens, e não de verificar se as estruturas linguísticas têm correspondentes nas estruturas visuais” (p. 50). Nesse contexto, a GDV é uma teoria que compartilha com a GSF determinadas características e perspectivas em relação ao trabalho com as imagens. Entretanto, há, na GDV, mais dedicação às composições essencialmente visuais.

Dado aos principais estudos sobre a GDV, em muitos casos, datarem aos anos 90 do século passado, muito se alterou em relação aos estudos propostos por Kress e Van Leeuwen (2006). O avanço das tecnologias digitais e, conseqüentemente, dos textos verbais e visuais

passou a deixar lacunas nas categorias de análise da GDV. Tornando-se necessário, então, a criação de análises integradas de estudos sobre texto, semioses e intertextos. Dessa maneira, este estudo visa enriquecer as discussões sobre um gênero de texto característico das redes digitais: o meme, o qual é rico em possibilidades de análise no que se refere às múltiplas semioses em sua estrutura composicional verbo-visual. Assim, uma parte considerável desta investigação está dedicada à compreensão de conceitos teóricos os quais são necessários para atingir os objetivos propostos nesta investigação.

Isso posto, nas próximas sessões, serão detalhadas as metafunções propostas pela GDV, uma vez que nelas é possível encontrar embasamento teórico para propor as articulações necessárias entre a intertextualidade e a sua relação com os elementos multimodais para construir significados. Essa construção de sentido, que está baseada nas metafunções da GDV, estaria relacionada às construções pré-estabelecidas por parte do produtor que, no momento da elaboração de texto, já articula determinados mecanismos para alcançar um objetivo comunicativo. A imagem que vai utilizar, a posição dos participantes nas imagens, as cores, as referências intertextuais, os próprios personagens e uma série de outros fatores são exemplos de como a construção dos sentidos pode ser influenciada pela composição imagética do texto.

4.1 METAFUNÇÃO REPRESENTACIONAL (IDEACIONAL)

A metafunção representacional se preocupa em analisar a relação entre os participantes do texto. De acordo com Silva (2018), a estrutura representacional está relacionada às estruturas de construção das cenas, isto é, analisa como se dispõem as ações e os comportamentos das personagens, os modos como ocorrem os acontecimentos nas composições imagéticas e as relações existentes entre os objetos e as pessoas envolvidas na narrativa visual. Dessa maneira, ao apresentar a função representacional, Kress e Van Leeuwen (2006) propõem que a própria disposição espacial das personagens e dos objetos em uma cena podem interferir na maneira como determinado texto é recepcionado pelos leitores/interlocutores.

Nessa perspectiva, pode-se inferir a partir dos estudos de Kress e Van Leeuwen (2006) que a linguagem verbal e a visual possuem características próprias que dependem de diversos fenômenos e de organizações composicionais para produzir sentidos. Enquanto na linguagem verbal muitas ações são definidas pelos verbos de ação que estão presentes no texto, nas imagens essas ações são formalmente descritas como vetores. É possível perceber que em algumas imagens, apesar de estáticas, possuem narrativa visual que lhes dão a impressão de

haver movimentos. Assim sendo, se por um lado a linguagem verbal possui locuções locativas que auxiliam o leitor na construção espacial dos ambientes, por outro lado, as imagens têm a ideia primeiro e segundo plano para constituir a noção espacial dos ambientes.

Dessa maneira, é possível perceber que as imagens e os textos verbais possuem características parecidas que vão se delineando a partir de suas características composicionais. O texto verbal, por meio das palavras; os textos visuais, por meio das imagens que compõem as narrativas visuais. Todavia, Kress e Van Leeuwen (2006) afirmam que nem todas as relações que acontecem na linguagem verbal podem ocorrer nas imagens e vice-versa, ou seja, alguns mecanismos de sentido são restritos aos textos verbais, não acontecem nos textos visuais, e outros são particulares dos textos imagéticos. Como o foco deste estudo está relacionado às representações narrativas e conceituais, categorias que pertencem à Metafunção representacional, propõem-se com mais propriedade as discussões com foco nessas representações e, por fim, apresenta-se um breve resumo sobre as demais metafunções.

Mapa Mental I – Metafunção Representacional



Fonte: elaboração do autor

4.1.1 Representações Narrativas

No interior da função representacional, destaca-se as Representações Narrativas, nas quais abrigam-se diversos processos. Novellino (2007) apresenta diversos mecanismos que estão relacionados à função representacional: Processo de Ação, Processo Reacional, Processo Verbal e Mental, Representações Conceituais, Processo Classificacional e, por fim, o Processo Analítico. Todavia, devido às as escolhas metodológicas, serão abordados detalhadamente os processos: de ação, reacionais, os verbais e mentais, os quais estarão presentes em nessas análises. Além de estabelecer um breve panorama sobre as representações conceituais e seus processos.

No âmbito da GDV, um ponto que merece atenção são as diferentes semioses. É preciso entender que, ao fazer o processo de ler imagens, diversos fatores precisam ser levados em consideração, ou seja, é preciso observar as múltiplas semioses que estão inseridas na organização textual. As imagens, no que se relaciona às teorias propostas neste estudo, podem ser consideradas textos, uma vez que são dotadas de significação. Nesse sentido, ao se analisar as imagens, a GDV tenta explicar os elementos linguísticos por trás das imagens e suas construções sociais, desde suas relações semânticas, até a distribuição das semioses para produzir os sentidos. Kress e Van Leeuwen (2006) apontam que:

O ponto importante neste estágio não é o detalhe da análise, mas a observação de que os modos semióticos de escrita e comunicação visual têm, cada um, seus próprios meios bastante particulares de perceber o que podem ser relações semânticas bastante semelhantes. O que na linguagem é percebido por palavras da categoria ‘verbos de ação’ é percebido visualmente por elementos que podem ser formalmente definidos como vetores. O que na linguagem é percebido por preposições locativas é percebido visualmente pelas características formais que criam o contraste entre o primeiro plano e o segundo plano. Isso não quer dizer que todas as relações que podem ser percebidas linguisticamente também possam ser percebidas visualmente – ou vice-versa, que todas as relações que podem ser percebidas visualmente também possam ser realizadas linguisticamente. Em vez disso, uma dada cultura tem uma gama de relações gerais possíveis que não está ligada à expressão em nenhum modo semiótico particular, embora algumas relações só possam ser percebidas visualmente e outras apenas linguisticamente, ou algumas mais facilmente visualmente e outras mais facilmente linguisticamente. Essa distribuição de possibilidades de realização entre os modos semióticos é determinada histórica e socialmente, bem como pelas potencialidades e limitações inerentes a um modo semiótico” (p. 46, tradução do autor).¹⁵

Diante do exposto, nota-se que a GDV traz categorias de análises para as imagens, partindo de uma teoria a qual foi concebida para abordar a esfera linguística, ou seja, os elementos visuais são um adendo teórico a fim de incluir os textos visuais. Entretanto, ao se

¹⁵ No original: “The important point at this stage is not the detail of the analysis, but the observation that the semiotic modes of writing and visual communication each have their own quite particular means of realizing what may be quite similar semantic relations. What in language is realized by words of the category ‘action verbs’ is visually realized by elements that can be formally defined as vectors. What in language is realized by locative prepositions is visually realized by the formal characteristics that create the contrast between foreground and background. This is not to say that all the relations that can be realized linguistically can also be realized visually – or vice versa, that all the relations that can be realized visually can also be realized linguistically. Rather, a given culture has a range of general, possible relations which is not tied to expression in any particular semiotic mode, although some relations can only be realized visually and others only linguistically, or some more easily visually and others more easily linguistically. This distribution of realization possibilities across the semiotic modes is itself determined historically and socially as well as by the inherent potentialities and limitations of a semiotic mode.”

analisar uma imagem, é possível observar que as semioses presentes no texto visual dão subsídios para construir análises baseadas no contexto da imagem, nos movimentos presentes, na organização dos elementos. As imagens são recursos organizados, também, para simbolizar significados. Kress e Van Leeuwen (2006) apontam que a ênfase de seus estudos sobre as representações narrativas não está na representação, nem se trata de reconhecer como são vistas as configurações de marcas de lápis, pinceladas ou pixels, como imagens de árvores, ou como as árvores podem representar ou simbolizar significados e valores além delas literalmente representado.¹⁶

Por isso, em vez que objetos passaram a usar o termo “participantes”, mais especificamente, “participantes representados”, uma vez que denotam o sentido que estão participando de algo, isto é, estão envolvidos nos atos semióticos. Além disso, propõe-se a existência dos participantes interativo e dos participantes representados. Em síntese, os participantes interativos são aqueles envolvidos nos atos de comunicação: ouvem, leem, produzem, falam, produzem imagem, as consome. Enquanto isso, o participante representado é aquele que se constitui como o assunto, ou seja, sobre quem está falando, que estão presente no contexto (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 47, tradução do autor).¹⁷

Nota-se que as diversas semioses das imagens, juntamente aos participantes, constituem-se enquanto instrumentos para construir os sentidos. O que na linguagem é percebido a partir de construções sintáticas, nas quais são utilizados verbos, substantivos, entre outros, visualmente são apresentadas pelas próprias construções no interior da imagem. Retomando o objeto de análise: o meme, percebe-se que na estruturação das semioses desses textos, as semioses verbais e visuais, quase sempre, aparecem de modo integrado. Isso auxilia no modo que o participante interativo irá receber tal produção, uma vez que a união dessas semioses contribui para que os possíveis intertextos sejam assimilados.

A disposição dos participantes representados é um mecanismo que contribui não apenas para narrar determinado contextos, mas também para compor a sintaxe visual e criar os

¹⁶ No original: “Our emphasis is not on depiction, nor on the question of recognition, on how we come to see configurations of pencil marks or brushstrokes or pixels as pictures of trees, or on how pictures of trees may connote or symbolize meanings and values over and above what they literally represent.”

¹⁷ No original: “In the introduction to the present chapter we tried to show how two design patterns can produce two different representations of broadly the same aspect of the world. Instead of ‘objects’ or ‘elements’ we will, from now on, use the term ‘participants’ or, more precisely, ‘represented participants’. This has two advantages: it points to the relational characteristic of ‘participant in something’; and it draws attention to the fact that there are two types of participant involved in every semiotic act, interactive participants and represented participants”

significados, por meios dos quais o participante interativo irá fazer uso para construir seu próprio sentido a partir de suas experiências sensoriais.

Cabe mencionar que, de acordo com Novellino (2007) “a função representacional é obtida nas imagens através dos participantes representados que podem ser pessoas, objetos ou lugares. Na linguagem a sintaxe é obtida através da ordem sequencial dos elementos, que são as palavras (p. 54)”. Dessa maneira, nota-se a importância de um conjunto de convenções, como uma espécie de gramática, para explicar a composição dos textos visuais. Os usuários, em grande parte, não se prendem a regras de gramática tradicional ao produzir um texto visual, como por exemplo, o meme. É um processo espontâneo e que se materializa a partir de idealizações pessoais do próprio sujeito produtor.

No entanto, é preciso retomar que, essas produções, mesmo que não seguindo conjuntos de regras relacionadas à sua estrutura de criação, ainda assim estão ancoradas em conhecimentos textuais que fazem parte de memória textuais do produtor. Kress e Van Leeuwen (2006) propõem que os sistemas semióticos apresentam uma multiplicidade de maneiras de promover escolhas na elaboração textual, promovendo um processo relacional entre os pares que estão envolvidos no processo de interação semiótica.

Kress e Van Leeuwen (2006), no âmbito da função representacional, propõem desdobramentos que explicam processos que acontecem no interior dos textos visuais, como as Representações Narrativas, os processos de ação, processos relacionais, processos verbais e mentais. Tais ramificações sustentam as discussões de que os textos visuais são passíveis de análises e que apresentam mecanismos linguísticos os quais estão presentes como estratégias de construção de sentidos. Essa perspectiva será detalhada nas análises de corpus, uma vez que, assim, será possível relacionar esses processos aos memes.

4.1.1.1 Processo de Ação

No que tange aos Processos de Ação, Kress e Van Leeuwen (2006) designam as ações dos participantes representados, ou seja, os padrões vetoriais, como narrativas. Esse processo se dá, pois, “em termos de sua essência generalizada e, mais ou menos, estável e atemporal, os padrões narrativos servem para apresentar ações em desenvolvimento e eventos, processos de mudança, arranjos espaciais transitórios” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 59, tradução do

autor)¹⁸. Logo, o principal elemento que diferencia as estruturas narrativas das conceituais é a presença de um vetor, os quais podem ser representados com linhas, corpos, membros e ferramentas “em ação”. Mesmo fazendo parte de uma imagem estática, os vetores dão uma espécie de movimento em potencial.

Esses vetores são conduzidos por atores, os quais são os participantes representados da narrativa. Em linhas gerais, os atores promovem a ação ou são parte da ação de outros atores, mostrando que esses elementos semióticos exercem influência sobre os sentidos do texto numa totalidade. Entretanto, é necessário saber que esses atores não são, necessariamente, pessoas, ou seja, são representações que podem ser personagens, mas também podem ser objetos, imagem abstratas, que possuem um vetor. A partir desse ponto, pode-se mencionar que os vetores funcionam semelhante aos verbos na linguagem oral e escrita, sendo rodeados por elementos dos quais o vetor irá promover a ação.

Nessa conjuntura, os processos de ação inserem-se enquanto explicações lógicas para o processo que envolvem movimento em uma semiose visual estática. Apesar de ser muito próximo de um paradoxo, Kress e Van Leeuwen (2006), em seus estudos, apontam que nas imagens uns elementos exercem ação sobre outros elementos ou sobre si próprio, mesmo estando estáticos. Afirmam que é do ator que sai o vetor, tornando-se o participante mais saliente, ou seja, aquele que se sobressai na semiose visual. Em linhas gerais o ator é o elemento que mais chama a atenção nas imagens, dele emanam os processos de ação, isto é, está em destaque e as semioses estão envolvidas nele.

No que se relaciona a quantidade de atores em uma imagem, pode-se dizer que, quando há apenas um participante, entende-se que esse participante é o Ator. Os processos de ação executados por esses atores são denominados de processos transacionais e não-transacionais. No processo transacional, a ação tem um objeto, os vetores têm um destino. Enquanto isso, nos processos não-transacionais os atores não têm um objeto, ou seja, a ação não é direcionada. Compara-se os processos não-transacionais aos verbos intransitivos da linguagem oral e escrita, os quais não aceitam objetos, seu sentido é alcançado por si só (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006).

Há diversas maneiras de conceber os processos de ação. Em alguns casos é o próprio ator o objeto do vetor, de modo que não é possível identificar a origem da ação. Em outros

¹⁸ No original: “in terms of their generalized and more or less stable and timeless essence, narrative patterns serve to present unfolding actions and events, processes of change, transitory spatial arrangements.”

casos, os processos de ação não evidenciam os atores de modo explícito, fazendo com que apenas os objetos tornem-se visíveis, o que Kress e Van Leeuwen (2006) denomina de evento. Os modos semióticos da linguagem são mecanismos da comunicação semelhantes, mas se manifestam de formas distintas. Enquanto numa imagem os processos de ação são estabelecidos por linhas/vetores, na linguagem oral/verbal esse processo acontece por meio dos verbos. Kress e Van Leeuwen (2006) destacam que:

No entanto, é importante aqui insistir na organização distinta dos dois modos. A estrutura visual das setas e caixas transmite uma forte sensação de "impacto" ou "direcionamento", que está ausente nas traduções verbais que vêm imediatamente à mente. A estrutura visual prioriza o procedimento sobre o conteúdo substantivo, o ato de 'impactar' sobre o que causa impacto, mais ou menos da mesma forma que, por exemplo, os especialistas em marketing muitas vezes se preocupam mais com as estratégias para atingir os consumidores do que com os bens e serviços que devem alcançá-los, ou que os especialistas pedagógicos estão mais preocupados com o formato da interação em sala de aula do que com o conteúdo das aulas (p. 66, tradução do autor)¹⁹.

Assim, ao se analisar os processos de ação é necessário compreender que, apesar de serem semelhantes, não são correspondentes. Funcionam a partir de processos distintos que, ora se aproximam, ora distanciam. Por fim, aborda-se sobre os elementos bidirecionais nos processos de ação, os quais podem desempenhar tanto a função de ator como também de objeto. Ou seja, tanto pode emitir os vetores, como também podem ser o objetivo dos vetores emitidos por outro ator, tornando-se objeto.

4.1.1.2 *Processo Reacional*

O processo reacional caracteriza-se pelo vetor ser formado por uma linha de olhar. Nesse contexto, a direção do olhar dos participantes representados é o que constrói a narrativa visual. Kress e Van Leeuwen (2006) apontam que nessas situações os participantes deixam de ser chamados de atores, passando a receber a denominação de Reacters, termo sem uma tradução precisa para o português e que estaria relacionado a um sujeito com olhos aparentes e passível

¹⁹ No original: “However, it is important here to insist on the distinct organization of the two modes. The visual structure of arrows and boxes conveys a strong sense of ‘impacting’ or ‘targeting’, which is quite absent in the verbal translations which come most immediately to mind. The visual structure foregrounds procedure over substantive content, the act of ‘impacting’ over what makes the impact, more or less in the way that, for instance, marketing experts are often more concerned about strategies for reaching consumers than about the goods and services that should reach them, or that pedagogic experts are more concerned about the format of classroom interaction than about the content of lessons”

de possuir expressões faciais. Enquanto isso, os objetos, os quais recebem os vetores nos processos de ação, passam a se chamar fenômeno. O fenômeno seria outro participante ao qual o Reacters estabelece contato visual. O processo reacional é, portanto, alcançado a partir do contato visual de um sujeito sobre outro que estabelece uma ação. Distanciando-se do conceito bidirecional, pois a troca de estabelecida apenas pelo Reacters.

4.1.1.3 Processos Verbal e Mental

Os processos verbal e mental se aproximam diretamente aos objetivos desta investigação, haja vista que comumente esses processos estão relacionados às histórias em quadrinhos. Kress e Van Leeuwen (2006) afirmam que esses tipos de vetores são, principalmente, observados nas Histórias em quadrinhos devido às saliências dos balões de pensamento e diálogo, os quais se conectam aos personagens. Entretanto, no cotidiano, esses processos aparecem em diversos contextos: livros didáticos, citações, em telas, ou seja, foi um recurso que se ampliou com o tempo. Evidencia-se, principalmente, pelo fato de se conectar a um personagem, em uma relação transacional, a um balão de fala ou pensamento, firmando-se enquanto um processo mental ou verbal.

Logo, nota-se que a teoria proposta por Kress e Van Leeuwen (2006) passou por alterações ao longo dos anos, os textos se transformaram à medida que a sociedade evoluiu. Os processos linguísticos relacionados aos textos visuais foram diretamente impactados pelo avanço das tecnologias digitais e as constantes modificações nas práticas de linguagem. Ao longo das análises esses processos serão aplicados em textos a fim de demonstrar seu funcionamento no âmbito real dos textos, de modo prático e esquematizado.

4.1.2 Representações Conceituais

No âmbito das representações conceituais, não há a presença de vetores, uma vez que os participantes não estão presentes para executar as ações. Ou seja, não desenvolvem ações como nas representações narrativas, pois dedicam-se aos elementos conceituais das organizações semióticas em um processo que taxonômico, buscando classificar objetos, pessoas, contextos, os quais estão presentes nas imagens. Nesse contexto, a seguir são apresentados os processos descritos por Kress e Van Leeuwen (2006) no que tange às

representações conceituais, as quais se apresentam em uma relação taxonômica e não narrativa entre os participantes, denominando-se de processos classificacional, analítico e simbólico.

4.1.2.1 Processo Classificacional

Os processos classificacionais estão diretamente ligados à classificação dos participantes em taxonomias. Diferentemente das representações narrativas, nas quais os participantes representados estabelecem algum tipo de ação sobre os elementos da imagem, nos processos classificacionais o intuito é estabelecer uma relação taxonômica, subdividindo os participantes em classes e categorias de acordo com as suas características e singularidades. Kress e Van Leeuwen (2006) apontam que os processos de classificação relacionam os participantes entre si de modo que um grupo desempenha um papel de subordinação em relação a outro. Essas categorias são alcançadas por meio das semelhanças que o participante interativo percebe a partir das semioses visuais.

Nesse panorama, nota-se que no interior das imagens há categorias que são percebidas pelos participantes interativos. Em um exemplo concreto, o processo classificacional apresenta-se como uma espécie de separação em categorias de semelhanças, como separar camisas das calças e, dentro do grupo das camisas fazer a separação por tons. Kress e Van Leeuwen (2006) argumenta que fazer taxonomias é uma característica visual e que, de certo modo, são composições simétricas. Logo, as organizações textuais partem de bases as quais são simétricas e estão relacionadas aos processos de classificação da GDV. Fazer um estudo das imagens é ter um campo amplo e cheio de análises à disposição, inclusive no que tange aos processos em que estabelecer classificações é necessário.

4.1.2.2 Processo Analítico

Os processos analíticos relacionam os participantes no que tange a estrutura parte-todo. Ou seja, divide-se em elementos que fazem referência ao todo, que também é denominado de portador, e nos elementos que fazem referência às partes, os atributos possessivos. Em linhas gerais, esse processo está diretamente relacionado aos gráficos, tabelas e a outras construções gráficas que subdividem o todo em partes para explicar características de uma parte específica. Nesse contexto, Kress e Van Leeuwen (2006) propõem que:

Alguns mapas se concentram em características geográficas, como cursos d'água, altitude, etc., enquanto outros se concentram em fronteiras sociais e políticas. A análise sempre envolve seleção. Alguns atributos ou características do portador são apontados como critérios no contexto dado ou, geralmente, enquanto outros são ignorados, tratados como não essenciais e irrelevantes²⁰. (p.88)

Assim, é possível compreender que os processos analíticos estão ligados diretamente ao próprio contexto de análise no qual a parte é retirada do todo para se compreender as características daquele mecanismo. Observa-se determinados pontos e outros não são considerados necessários, visto que não fazem parte do processo de análise. As escolhas feitas pelos produtores orientam o processo de recepção dos textos por parte dos leitores. Quando os textos em questão são imagéticos, essas orientações precisam ser ainda melhor pensadas, pois, além de fazer sentido para o produtor, também precisa fazer sentido para o leitor. Tal classificação analítica pode ser observada no mapa/meme abaixo, uma vez que do todo (O Brasil) são selecionadas apenas partes relacionadas às características culturais de cada lugar.

Figura 2 – Meme 2



Fonte: iFunny Brasil (2023)²¹

Nesse cenário, observa-se os processos analíticos propostos por Kress e Van Leeuwen (2006), nos quais o conjunto maior de características de Estados e regiões brasileiras são substituídas por apenas um atributo dessas localidades. Além disso, é necessário mencionar que

²⁰ No original: “Some maps focus on geographical features such as waterways, altitude, etc., while others concentrate on social and political boundaries. Analysis always involves selection. Some attributes or characteristics of the Carrier are singled out as criterial in the given context or, generally, while others are ignored, treated as non-essential and irrelevant.”

²¹ Disponível em: <https://br.ifunny.co/picture/onde-vcs-moram-no-mapa-xenofobico-do-brasil-fim-do-A2zWiL569>. Acesso em 04 de jan. 2023.

as semioses verbais são complementares às semioses visuais, pois o leitor precisa de ambas as informações para construir o sentido no meme. Logo, os processos conceituais analíticos estão relacionados aos atributos que tem a ordem reduzida a uma parte do todo.

4.1.2.3 *Processo Simbólico*

Para finalizar os processos conceituais, apresentam-se, agora, os processos simbólicos. De acordo com Kress e Van Leeuwen (2006), os processos simbólicos inserem-se sobre o que o participante significa ou papel que desempenha. Além disso, quando há dois participantes seus significados estabelecem uma correlação para construir o sentido simbólico final. Em outras palavras, os processos simbólicos estão diretamente relacionados às construções sociais as quais determinados objetos, cores, construções, personagens, entre outros, desempenham uma determinada função. Pode-se mencionar a cor branca, por exemplo, que está relacionada a paz, a limpeza. Essa construção simbólica está inserida nas imagens e construções visuais, como é o caso que acontece no meme abaixo, cuja personagem está toda de vermelho devido a uma simbologia que a cor carrega.

Figura 3 – Meme 3

"usar vermelho na virada traz um amor
no ano que está por vir"



Fonte: Techwek (2023)²²

O vermelho nas sociedades ocidentais desempenha uma simbologia relacionada ao amor, à paixão, ao desejo. Porém, também pode ser vista como a cor do sangue, da guerra. Nesse contexto, observa-se que a participante representada está coberta de vermelho, de sua

²² Disponível em: <https://techwek.com/imagens-de-memes-sobre-a-virada-do-ano-para-compartilhar-e-se-divertir/>. Acesso em 04 de jan. de 2023.

roupa até o rosto pintado que juntamente às semioses verbais é possível perceber que ela procura um amor para o próximo ano e, com certo exagero, inclusive. Nesse contexto, os processos simbólicos, os quais se encontram no âmbito conceitual, estão diretamente relacionados a fatores e construções sociais. As múltiplas semioses são por meio dos quais esses significados são difundidos socialmente.

Entretanto, ao fazer a leitura de uma imagem no âmbito da GDV, torna-se inviável excluir as demais metafunções propostas por Kress e Van Leeuwen (2006), uma vez que a presença de uma metafunção, na grande maioria das vezes, não exclui a outra. Por isso, mesmo o foco deste estudo ser as representações Narrativas e Conceituais, a seguir é traçado um breve panorama de como pode ocorrer no interior dos textos multimodais alguns dos desdobramentos das funções interativa e textual. É importante ressaltar, por fim, que, ao longo das análises, poderão ser tecidos breves alusões a esses conceitos, sem deixar, necessariamente de ter o foco na metafunção representacional e seus desdobramentos teóricos.

4.2 METAFUNÇÃO INTERATIVA (INTERPESSOAL)

A metafunção interativa está conectada à relação entre texto e leitor, ou seja, como determinado texto é interpretado e tem os seus sentidos ampliados pelos interlocutores/espectadores de uma determinada mensagem. Para Kress e van Leeuwen (2006), a comunicação visual possui meios para manter a interação entre o produtor e o espectador da imagem. Sob esse viés, os autores apontam que as imagens envolvem dois tipos de participantes: aqueles que estão representados nas imagens e os cenários que lhes cercam, e os participantes interativos, ou seja, aqueles que se comunicam por meio das imagens.

Além disso, esses participantes estabelecem diversos tipos de relações, seja no interior das imagens, seja a partir delas. Por isso, nesta sessão, serão apresentados os preceitos teóricos sobre a Metafunção interativa, que se baseia na interação visual, pois os memes, em muitos casos, possibilitam a existência de relações interacionais entre os sujeitos representados e os observadores, sejam relações por meio do olhar, do ponto de visto e também da distância.

A imagens são instrumentos de comunicação elaborados e complexos, devido às suas potencialidades comunicativas. Assim sendo, elas deixaram de apenas retratar os participantes e as relações que eles estabelecem entre si, assim como acontece nas interações narrativas, nas quais existe uma espécie de subordinação entre os elementos. Dessa forma, é possível haver

interações entre os produtores e os observadores das imagens, uma espécie de diálogo que ocorre por meio dos elementos visuais (NOVELLINO, 2007).

Nesse sentido, segundo Kress e Van Leeuwen (2006), os participantes interativos são pessoas reais que dão sentidos às imagens nos diversos âmbitos sociais, de diferentes formas e em diferentes contextos. Dito de outra forma, são os participantes que constroem os sentidos dos textos, pois eles têm o controle do que é dito, como é dito e como é interpretado (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006). Essa interação é um processo natural dos textos, haja vista que a partir do momento que são designados como textos, já conseguem se estabelecer como uma unidade de sentido que possui significação e interage com o observador. Sobre isso, Santos (2021) salienta:

As relações ou interações entre o observador de uma imagem e aquilo que é representado imagetivamente – objetos, pessoas, lugares – são instanciadas por meio das estruturas visuais da metafunção interativa. Essa interação envolve três diferentes participantes, nomeadamente: o observador ou leitor, denominado de participante interativo (PI); o(s) elemento(s) presente(s) na estrutura imagética, ou participante representado (PR); e o produtor da imagem (p. 377).

Esses participantes são essenciais nos processos de construção do sentido nos textos visuais e, principalmente, no que tange à relação entre texto e observador. O meme é um gênero de texto que possui essa necessidade de interagir com o observador, com seus conhecimentos prévios e com seu repertório das suas distintas relações sociais. No âmbito da GDV, há uma vasta gama de análises que podem ser feitas sobre um mesmo texto visual, já que uma imagem pode congrega mecanismos para promover significação dos mais diferentes modos. Todavia, nesta sessão, discute-se sobre a perspectiva interacional e em seus elementos constituintes, não excluindo as ramificações existentes dentro da própria função interacional, mas dando destaque àquilo que realmente será necessário para a análise de *corpus*. Torna-se necessário, pois, analisar como essas diversas maneiras de interação são possíveis no âmbito dos textos visuais e como conceitos como *olhar*, *distância* e *ponto de vista* são abordados na teoria da GDV.

Um dos elementos essenciais no âmbito da metafunção interativa é o olhar, o qual se destaca pelo contato direto entre os participantes representados e o interativo. Essa conexão auxilia na produção de determinados significados, visto que uma conexão imaginária é criada em a representação o observador. De acordo com Novellino (2007), esse contato possui duas funções: estabelecer contato direto e provocar alguma. Esse processo pode ser observado nos memes, pois em alguns exemplares o olhar voltado ao observador é essencial para produzir o sentido. Apenas os elementos verbais, em alguns casos, não são capazes estabelecer um contato

com o observador, é necessária uma interação para que o sentido seja alcançado por completo ou parcialmente.

Figura 4 – Meme 4



Fonte: Gerarmemes (2023)²³

No meme da figura 4, a metafunção interativa se materializa a partir do olhar do personagem representado e também pelo seu gesto, no âmbito visual. Existe também uma espécie de chamamento ao observador no âmbito verbal, que se materializa com a palavra “Você!”, a qual exerce a função sintática de vocativo. Apesar de o olhar estar direcionado ao observador, outros fatores também influenciam o sentido desse texto. O personagem em questão possui um papel importante, uma vez que seu papel no seriado em que é personagem principal é de um adulto que, mesmo sendo levemente irresponsável, sempre busca passar ensinamentos aos seus pares. Logo, a intertextualidade se faz presente de modo implícito, porém não é essencial na produção do sentido quanto a organização das imagens no texto.

A partir da figura 4, é possível também abordar outro elemento da metafunção interacional: a distância. A imagem está dividida em três planos sobrepostos, os quais se integram para construir um significado. Novellino (2007) afirma que o participante representante pode ser mostrado mais perto ou mais distante do observador. Essa configuração direciona ao observador uma informação com mais propriedade, pois o participante representado é posicionado de modo a estabelecer contato direto com o observador por meio da distância de cada plano.

²³ Disponível em: <https://www.gerarmemes.com.br/meme/937871-o-goleiro-da-selecao-brasileira-tem-que-ser>. Acesso em: 04 de jan. de 2023.

Por fim, também é possível observar as questões propostas por Kress e Van Leeuwen (2006) relacionadas ao ponto de vista na figura 4, uma vez que o participante representado está olhando diretamente para o participante interativo, em uma espécie de conselho ou ordem. De acordo com Novellino (2007) quando em uma o participante representado e o interativo estão em uma espécie de contato visual direto, tem-se uma posição de demanda. Dessa maneira, é possível observar que as imagens podem ser analisadas a partir de configurações que influenciam seu sentido, transformando os textos visuais em uma fonte de fértil de análises estruturais.

4.3 METAFUNÇÃO COMPOSICIONAL (TEXTUAL)

A metafunção composicional analisa os diferentes elementos estruturais dos textos visuais e como a mudança de posição dessas estruturas interfere na sua construção de sentido. Nas metafunções anteriores, é possível perceber que a preocupação central se pautava nas relações dos personagens no interior das imagens e, também, com a interação que ocorre entre texto visual e o observador. Enquanto isso, na metafunção composicional, é posto em destaque o modo como são distribuídas as informações no espaço imagético, ou seja, a maneira como os elementos representativos e interativos são dispostos no plano semiótico do texto (SANTOS, 2020).

De acordo com Kress e Van Leeuwen (2006), os padrões nos textos visuais não se esgotam apenas nas relações existentes no interior das imagens. Com isso, a composição do todo está ligada à maneira como os elementos representativos e interativos estabelecem relações entre si, de modo que o todo se transforma em uma unidade significativa, a partir do encaixe dos elementos semióticos. Sobre esse ponto, os autores afirmam que se um objeto é colocado da esquerda para a direita e, depois, se fizer uma inversão, o sentido seria alterado. A partir desse exemplo, pode-se observar que assim como nos textos verbais, a disposição das informações no plano textual é um mecanismo de produção de sentidos.

O gênero textual meme, que será analisado mais adiante, sob a perspectiva da GDV e de suas metafunções, é um bom exemplo de como a composição textual interfere nos sentidos dos textos. Isso porque a simples repetição de uma imagem, a retirada de um personagem da cena, a ampliação de uma local, entre outras decisões do produtor, altera e produz (novos) sentidos para o texto. Logo, os recursos composicionais são utilizados de modo integrado aos elementos interativos e representacionais, a fim de construir um texto visual que seja

significativo aos seus leitores. Devido a essas possibilidades de integração para construir sentidos, Novellino (2007) propõe que:

As funções tanto na linguagem quanto nos visuais se relacionam entre si para formar um todo que integra e relaciona os elementos entre si. Para que esse todo seja significativo a função composicional é fundamental, sendo ela responsável para que essa integração entre elementos representacionais e interacionais ocorra (p. 81).

Em vista dessa consideração de Novellino (2007), torna-se necessário fazer um apanhado teórico detalhado acerca de como a metafunção composicional se materializa nos textos verbo-visuais, a partir de uma abordagem que traga discussões sobre os elementos composicionais como *valor de informação*, *enquadramento* e *saliência*. Assim, nos próximos parágrafos, tais conceitos serão detalhados, a partir das proposições de Kress e Van Leeuwen (2006), Novellino (2007) e Santos (2020), haja vista a relevância de suas investigações para esse campo de estudos.

No que tange ao valor da informação, Santos (2020) afirma que os elementos que integram uma imagem são posicionados de maneira proporcional aos valores que exercem no plano imagético. Dessa forma, um elemento passa a ocupar uma posição no texto de acordo com a integração que possui com outros componentes e que, também, fazem parte da malha textual. Visto isso, Santos (2020) disserta sobre os recursos que são dados e os novos, de modo que o elemento dado viria posicionado à esquerda e o novo à direita. Essa afirmação estaria relacionada à sintaxe das imagens, ou seja, como os elementos semióticos possuem regras de organização estrutura. No meme abaixo é possível perceber essa informação, uma vez que o sentido subentendido do texto é alcançado a partir do elemento novo que é apresentado à direita.

Figura 5 – Meme 5

assim



Fonte: Instagram (2022)²⁴

Nesse caso, é possível perceber que o posicionamento do elemento novo modifica o sentido do meme, mesmo que o elemento dado continue posicionado à esquerda. Entretanto, Santos (2020) afirma que o meme caminha em estruturas composicionais que fogem às regras que são aplicadas em outros textos multimodais, como os anúncios publicitários, as artes plásticas, as imagens de livros didáticos, entre outros. Isso, então, faz com que o pesquisador precise buscar meios para analisar as possíveis aproximações às regras pré-estabelecidas para o gênero, seja elas aproximações quanto aos elementos verbais e visuais, à plasticidade do gênero ou, até mesmo, pela possibilidade de transformar que o meme possui.

Além disso, é essencial destacar que o meme apresentado dialoga diretamente com o objetivo geral desta pesquisa, uma vez que o sentido do texto é possibilitado devido à integração dos elementos multimodais aos intertextos, tornando evidente a presença da intertextualidade multimodal. Há, na figura 5, uma referência explícita a canção “A maior saudade”, da dupla sertaneja Henrique e Juliano. Esse intertexto auxilia no sentido do meme, pois o participante da esquerda faz um questionamento à participante da direita sobre apreciar música sertaneja. No entanto, quando obtém uma resposta negativa, utiliza-se do trecho da canção sertaneja para sinalizar o abandono de seu amor, ato que fica perceptível na imagem pelo fato de a participante à direita já aparecer fora do veículo no segundo enquadramento.

²⁴ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CjtN9AGOpWD/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em 15 de out. de 2022.

Nesse contexto, nota-se que as imagens possuem determinadas convenções no que tange a sua estruturação composicional. Isso interfere nos sentidos do texto e em como esse texto será recepcionado pelo leitor/observador. No escopo de enquadramento, Kress e Van Leeuwen (2006) ainda abordam discussões sobre os processos de leitura dos textos imagéticos, os quais estariam relacionados a padrões culturais, a exemplo, o padrão ocidental propõe a leitura da esquerda para a direita, de cima para baixo.

Esse processo possuiria um valor *Ideal*, enquanto o real, fugiria desses padrões e focando na informação mais relevante ao leitor, ou seja, aquela que o observador procura para construir seu sentido pessoal do texto. Não obstante, Santos (2020) também aborda, dentro do contexto do valor da informação, acerca dos elementos centrais e marginais, os quais auxiliariam na significação de uma imagem de acordo com a posição do elemento, estando no centro ou às margens. Todavia, essa abordagem será mais detalhada nas análises e discussões.

Ademais, Kress e Van Leeuwen (2006) abordam sobre *enquadre* e *saliência* nos textos visuais. Devido, no entanto, o enquadre não ser tão relevante nas análises do *corpus*, desenvolver-se-á apenas comentários sucintos sobre esse elemento, destinando atenção maior à *saliência*. De acordo com Santos (2020), a *saliência* pode ser entendida como um recurso importante na hierarquia dos constituintes visuais, ou seja, está relacionada à atenção que o produtor irá destinar a um elemento do texto visual.

Isso pode acontecer de diferentes maneiras, como tamanhos, formas, enquadramento, desfoque, sobreposições. Infere-se, portanto, que os textos visuais possuem, mesmo que implicitamente, convenções sobre a maneira pela qual se organizam. Esse processo em muitos casos pode ser natural para o produtor, mas na gramática também a maioria das regras utilizadas pelo leitor foram internalizadas pelo seu contato com a língua. Logo, a partir das teorias apresentadas até aqui, os próximos capítulos serão destinados ao detalhamento dos encaminhamentos metodológicos e à apresentação das análises e resultados da pesquisa, de modo que os objetivos específicos e o geral sejam alcançados.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

5.1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo, serão apresentados os caminhos metodológicos que serão utilizados para conduzir os processos de análise deste estudo, visando dar um direcionamento ao leitor sobre

as abordagens e encaminhamentos que serão tomados. De modo geral, busca-se analisar o processo de construção da intertextualidade multimodal em memes do Instagram a partir da GDV. Para tanto, partiu-se da seguinte pergunta de pesquisa: como as múltiplas semioses contribuem para que o leitor construa a intertextualidade. Logo, utilizou-se como base teorias relacionadas à intertextualidade, à Multimodalidade e à GDV para conseguir responder a esse questionamento, de modo que seja possível atingir também o objetivo geral que procura analisar o processo de construção da intertextualidade multimodal em memes do Instagram a partir da GDV.

5.2 O CARÁTER DA PESQUISA

A metodologia utilizada nesta investigação definiu o encaminhamento que foi seguido e os instrumentos e métodos que foram utilizados para abordar os fenômenos da linguagem em discussão: intertextualidade e multimodalidade, os quais se apresentam nos textos de modo interconectado. De acordo com Silva (2015, p. 38) o “método corresponde a uma série de regras para tentar resolver uma situação”. Dessa maneira, pretende-se realizar uma abordagem qualitativa e de objetivo exploratório, visto que as análises realizadas neste trabalho são mais voltadas para a compreensão e interpretação de determinadas construções de linguagens e de gêneros textuais.

Conforme Silva (2015), a abordagem qualitativa dispõe de métodos indutivos e tem como objetivo descobertas, identificação e descrições detalhadas sobre determinado fenômeno. Além disso, Paiva (2019) propõe que a **abordagem qualitativa** inclui análises de experiências individuais, ou coletivas, de interações, de documentos, sejam eles textos, imagens, filmes, músicas.

Desse modo, as discussões propostas nesta pesquisa buscarão compreender o fenômeno da intertextualidade multimodal a partir da análise de um conjunto de textos que constituirão o *corpus* de análise. Nesse contexto, aplicou-se as teorias apresentadas no referencial teórico como intertextualidade, multimodalidade e a GDV na busca por responder um problema de pesquisa que se materializa nos textos tanto verbais quanto visuais, apresentando respostas sobre a integração existente entre a intertextualidade e a multimodalidade para construir sentidos, sob a perspectiva da GDV – a gramática das imagens.

Tendo em vista que o objetivo geral deste estudo busca analisar o processo de construção da intertextualidade multimodal em memes do Instagram a partir da GDV, pretende-se

contribuir com as discussões teóricas acerca da intertextualidade multimodal, a fim de atingir ao objetivo geral, a partir de reflexões que estão inseridas no âmbito dos objetivos específicos que são: (i) investigar como as múltiplas semioses auxiliam o leitor na construção da intertextualidade; (ii) compreender como determinadas organizações multimodais se integram aos intertextos para estabelecer relações de sentido; e (iii) interpretar como as categorias de análise da GDV podem ser utilizadas para compreender como acontece a intertextualidade multimodal nos memes. A intertextualidade multimodal é um conceito relativamente novo e que possui potencial teórico-metodológico para colaborar com novos conceitos e perspectivas no âmbito da LT, da GDV e da Multimodalidade.

Por fim, no que tange às análises dos textos visuais selecionados para o *corpus*, a abordagem é, em relação aos seus objetivos, uma **pesquisa exploratória**. De acordo com Paiva (2019, p. 13), “a pesquisa exploratória é um estudo preliminar voltado a familiarizar o pesquisador com o fenômeno sob investigação”. Devido ao fato deste estudo estar relacionado à intertextualidade multimodal, é necessário primeiramente explorar esse campo, para depois propor estudos mais detalhados.

Logo, Gonsalves (2003) aponta que o objetivo de pesquisa exploratório é aquele que se caracteriza pelo desenvolvimento de novas ideias com o intuito de oferecer uma visão mais ampla sobre o determinado fenômeno que é pouco explorado. Assim, cabe a esta investigação apresentar proposições e hipóteses sobre o fenômeno da intertextualidade multimodal, de modo que pesquisas futuras sobre esse fenômeno possam tomar como base as discussões e análises propostas para apresentar respostas mais conclusivas.

5.3 O CONTEXTO DA INVESTIGAÇÃO

Inicialmente, é preciso contextualizar sobre os processos de significação que os textos verbo-visuais promovem, já que tanto os elementos verbais quanto os visuais dependem de diversos mecanismos para ser significativo ao leitor – interlocutor. De certo modo, esses mecanismos estão interligados no interior do texto e coexistem em um processo interdependente. Assim, faz-se necessário observar que, em alguns momentos, o intercâmbio de fenômenos linguísticos possibilita a existência de novas formas de analisar determinado texto, o que possibilita a aplicação dessa mesma análise em outros textos que apresentam o mesmo processo em sua construção de sentidos.

Nesse contexto, o meme, enquanto objeto de análise, é um gênero de texto que permite a materialização da intertextualidade multimodal, pois a intertextualidade e os elementos multimodais estão na base desses textos em um processo interdependente. O meme, apesar de ter surgido fora das mídias, ganhou força com a expansão da internet. Por isso, começou a ocupar lugar de destaque na sociedade, uma vez que passou a compor a memória textual de leitores e se fazer presente nas práticas de linguagem, principalmente nas digitais.

Porém, Godoy (2020) afirma que o meme não possui uma composição fixa e que, de fato, é um gênero que está em um processo de evolução constante. Além disso, ao se analisar os processos de criação de memes, nota-se que os produtores, em grande parte das situações, não se sujeitam às discussões acadêmicas para compor seus textos. Pelo contrário, buscam os conteúdos culturais consumidos pelas grandes massas para constituir seus discursos. Nessa perspectiva, quando foi colocado o meme como objeto de análise nesta investigação, buscou-se analisar esses textos de modo objetivo e sistêmico, pois não cabe ao pesquisador emitir juízos sobre o gênero, mas sim sobre os processos linguísticos em seu interior.

Nesse contexto, sabendo que os memes são populares nas mídias digitais, o *corpus* foi composto a partir de perfis temáticos do Instagram, os quais foram encontrados a partir de buscas por conteúdos que traziam assuntos relacionados à literatura brasileira e mundial. A escolha da rede social Instagram foi pautada no fato de que essa rede social abriga um grande número de usuários. Além disso, possui diversos perfis focados em produzir conteúdo que faz intertextualidade com diversos assuntos, temas, livros, reportagens, personagens, contextos, fatos históricos entre outros.

O Instagram ocupa, atualmente, papel de destaque entre as redes sociais com mais usuários no Brasil. Essa rede tem como característica principal o compartilhamento de imagens, pequenos vídeos e a interação entre usuários, denominado na rede também como engajamento. Os sujeitos cadastrados na plataforma têm acesso a milhares de perfis: amigos, celebridades, políticos, perfis de humor, de memes. De acordo com o interesse e afinidade de cada usuário, as páginas são disponibilizadas, ficando a critério do usuário começar a seguir e, conseqüentemente, consumir aquele conteúdo. A dinâmica do Instagram acontece a partir do próprio usuário, o qual pode produzir seu próprio conteúdo e/ou consumir conteúdos de outros usuários.

Um ponto que se destaca é o caráter multimodal do Instagram. As diversas semioses são combinadas nas publicações, sejam estas: vídeos, imagens, filtros, nas quais as diferentes modalidades da língua são reunidas para apresentar ao usuário determinado conteúdo de modo

atrativo. Sobretudo, essa plataforma atrai seus usuários devido à liberdade de criação de seus participantes e a sua relação dinâmica com as imagens.

Os usuários criam, compartilham, interagem, copiam, reeditam, ou seja, exercem domínio sobre o conteúdo. Atuam em diferentes frentes como no humor, na moda, na informação, entre outras áreas da sociedade. De acordo com Silva (2012), o Instagram está na moda, pois expõe as relações de consumos, as experiências dos sujeitos de maneira muito semelhantes às narrativas contemporânea, se for firmar-se em obras bibliográficas. Nesse contexto, os atores e esferas da sociedade se integram em uma interação constante em suas diversas estruturas sociais, as quais são apresentadas nessa rede social por meio de imagens, vídeos e outras semioses.

Dessa maneira, uma rede social como o Instagram se apresenta, segundo Recuero (2009), enquanto uma espécie de metáfora em que os padrões sociais de determinados grupos são observados a partir das conexões existentes entre os diversos atores das comunidades integrantes, nesse caso, *on-line*. Por isso, ao ser escolhido a rede social Instagram para serem retirados os memes desta pesquisa, observa-se que os textos selecionados refletem padrões dos grupos que os produziram. A relação direta que o Instagram possui com os textos visuais possibilita não só a criação e reedição desses textos, mas também a socialização das criações meméticas aos demais usuários.

No âmbito do Instagram, atualmente, nota-se a presença de diversos recursos semióticos. Entretanto, a imagem ainda mantém seu destaque na plataforma. Para Santaella (2012), a imagem é recebida mais rapidamente do que os textos verbais, visto que elas possuem um maior valor de atenção, fazendo com que suas informações permaneçam mais tempo no cérebro. Diante disso, o leitor tende a ser atraído mais pelas imagens do que pelos textos verbais, evidenciando que a popularidade de plataformas como o Instagram tem seu sucesso atrelado aos processos mentais de recebimento das informações por parte dos sujeitos.

A partir do exposto, é necessário salientar a importância das páginas de humor, de memes e de conteúdos humorísticos no processo de tornar uma rede social que traz o meme como um de seus suportes para divulgação de conteúdo. Nesta investigação, a exemplo, os memes que constituem o *corpus* são provenientes de perfis que publicam memes que fazem referência a obras literárias. Esses perfis, comumente, não são profissionais, abrigam textos em sua maioria de caráter informal e com autoria incerta, como uma espécie de domínio público. Devido à popularização do Instagram, houve a surgimento de muitos perfis que se dedicam a

um determinado assunto ou tema para criar memes, vídeos, enquetes, entre outros recursos que a plataforma possibilita, ou seja, oferecem determinado padrão de organizações semióticas.

Desse modo, quando se busca analisar os elementos intertextuais e multimodais dos memes é essencial avaliar seus suportes de produção e divulgação. Os perfis dos quais foram retirados os memes são populares, porém não contam com uma quantidade tão expressiva de seguidores. Isso pode ser explicado pelo fato de o tema dos memes que compõem o *corpus* de análise não ser tão popular. Em síntese, a escolha dos memes se deu, não a partir da quantidade de seguidores da página, mas sim a partir das características inerentes aos textos as quais auxiliam no alcance do objetivo geral e na constituição de uma resposta para a pergunta que norteia esta investigação.

5.4 DESCRIÇÃO DO CORPUS

O *corpus* de análise foi composto por memes veiculados no Instagram da seguinte maneira: durante os anos de 2022 e 2023, o pesquisador executou buscas na barra de pesquisa do Instagram, utilizando-se de duas *hashtags* que estão relacionadas às obras selecionadas nos processos de análise. A primeira *hashtag* foi **#romeuejulieta** e, a segunda, **#domcasmurro**, as quais eram constantemente monitoradas no âmbito da rede social Instagram. A partir dessas *hashtags* apareceram inúmeras imagens relacionadas às obras Dom Casmurro e Romeu e Julieta, desde trechos das obras, memes, mensagens motivacionais, dentre outros gêneros textuais.

Os memes selecionados, no âmbito do corpus de análise, fazem alusão a duas obras da literatura ocidental difundidas mundialmente: Romeu e Julieta, de William Shakespeare e Dom Casmurro, de Machado de Assis. Essas obras foram selecionadas devido ao fato de que a intertextualidade, em muitos casos, depende do conhecimento que o leitor dispõe. Por isso, os memes que compõem as análises fazem alusão a esses grandes clássicos da literatura ocidental. Os memes selecionados para a constituição do corpus, apesar de tratarem de obras diferentes, fazem um processo de intertextualidade com os clássicos literários apresentados anteriormente, recorrendo ao humor, à crítica e aos intertextos.

A obra Romeu e Julieta, de William Shakespeare, surgiu em um processo intertextual, pois foi escrita a partir de outro texto e possui características que a torna uma espécie de reelaboração intertextual. Braun (2016) afirma que, mesmo a peça Romeu e Julieta ter sido reescrita a partir do poema *The Tragical History of Romeus and Juliet* (1562), de Arthur

Brooke, Shakespeare continua sendo um brilhante escritor, com características e métodos de escrita únicos.

De acordo com Heliadora (2009), *Romeu e Julieta* é uma obra que, além de ser envolvente, também é apaixonante, destacando-se em dois aspectos: os males da guerra civil e o fato de se ir além uma história de amor, somente. No que tange às análises, é preciso destacar que esse clássico tornou muito conhecido entre os mais distintos públicos, uma vez que, ao longo dos anos ganhou diversas adaptações para o cinema, teatro, literatura infantil, entre outros suportes. Ou seja, faz para da memória textual de muitos leitores.

Dom Casmurro (1899) é um clássico da literatura brasileira e universal. Escrita por Machado de Assis no fim do século XIX, a obra realista é considerada uma das principais obras do autor, conquistando muitos leitores até os dias de hoje. A obra narra a vida do protagonista Bento Santiago, o Dom Casmurro, que, ao longo de sua trajetória, passa por diversas situações um tanto que sugestivas. Em resumo, a história conta o romance vivido por Capitu e Bentinho, ambos se conhecem desde criança e vivem um amor adolescente proibido, pois Bentinho estaria destinado a se tornar padre devido a uma promessa de sua mãe. No seminário, o protagonista conhece Ezequiel Escobar, que logo vira seu melhor amigo. No desenvolver da trama, Bentinho não se torna padre para conseguir se casar com Capitu, e seu amigo Escobar acaba por se casar com uma amiga de Capitu, Sancha.

Os dois casais continuaram a ser amigos, mas, ao longo da obra, Bentinho passa a nutrir uma desconfiança sobre sua esposa Capitu ter tido um caso com seu amigo Escobar. Em uma fatalidade, Escobar morre afogado. No funeral, as lágrimas de Capitu deixam Bentinho ainda mais transtornado com a situação, levando sua desconfiança a níveis ainda mais absurdos. Bentinho e Capitu têm um filho, o qual se chama Ezequiel em homenagem ao amigo do casal Ezequiel Escobar, e, ao longo da narrativa, a criança passa a ser vista com certa desconfiança por parte de Bentinho. O garoto, aos olhos do futuro Dom Casmurro, é muito semelhante ao seu amigo Escobar, mas Capitu afirma, com veemência, que tudo não passa de invenção de Bentinho.

Por fim, o suposto traído não resiste olhar para a criança todos os dias e se separa de Capitu. A esposa abandonada se muda para a Suíça com seu filho e anos depois, morre. Ezequiel, já crescido, retorna ao Brasil, porém ainda recebe o desprezo do pai, pois, na visão de Bentinho, quando adulto as semelhanças com Escobar passaram a ser ainda mais nítidas. No fim de sua vida, Bentinho retorna para o bairro onde nasceu e passou a sua infância. Por ser um

homem recluso, sozinho e rancoroso, recebe a designação de Dom Casmurro, termo que dá nome ao livro.

Posto isso, o processo de seleção do *corpus* foi guiado pelos seguintes requisitos: os textos deveriam possuir características do gênero textual meme²⁵, ser possível observar a presença de algumas das classificações da intertextualidade *stricto sensu*, que são a intertextualidade temática, estilística, explícita ou implícita. Além disso, deveriam ser passíveis de análises que estivessem relacionadas à Metafunção representacional, tanto no âmbito das representações narrativas como das representações conceituais, porém não se exclui a possibilidade de análise relacionadas às demais metafunções propostas pelo GDV, cunhadas por Kress e Van Leeuwen (2006).

Por fim, foram selecionados 27 memes/textos, sendo 13 memes oriundos das buscas utilizando a *hashtag* #romeuejulietta e 14 memes provenientes das buscas utilizando a *hashtag* #domcasmurro. Dentre esses memes, foram selecionados 5 exemplares (Dois memes da obra Romeu e Julieta, e três de Dom Casmurro), nos quais os processos de intertextualidade eram mais evidentes, mesmo que a intertextualidade presente no texto fosse implícita.

Quadro 1 – Síntese da análise do *corpus*

Memes de Romeu e Julieta		Memes de Dom Casmurro	
Meme “Romeu na escola”	Serão analisadas as representações narrativas, mais especificamente os processos de ação.	Meme “Aula de Literatura”	Compreensão de como os processos de ação acontecem nos memes a partir da identificação de vetores, atores e objetos.
Meme “Morte de Romeu e Julieta”	Observação de como o posicionamento dos elementos visuais auxiliam na construção de sentidos e captação de intertextos.	Meme “Olhar indiscreto”	Análise de como acontece o processo reacional a partir da observação contextual de um meme que contém a existência de referência explícitas ao texto-fonte.
		Meme “Sem sono”	Interpretação de como acontecem os processos verbal e mental no interior dos memes.

Fonte: elaboração do autor.

A partir do quadro síntese, é necessário salientar que as produções selecionadas, mesmo estando em páginas do Instagram que possuem criadores/produtores, sua autoria é desconhecida e podem, inclusive, terem sido cunhadas e divulgadas em outras plataformas digitais e, somente depois de alcançar a popularidade, terem chegado ao Instagram.

²⁵ As características consideradas pelo pesquisador são: ser uma ideia ou situação replicada constantemente, possuir traços de humor, mesclar diferentes semioses para se constituir enquanto um texto verbo-visual.

5.5 PROCEDIMENTOS E CATEGORIAS DE ANÁLISE

O processo de análise de dados acontece a partir de diversas etapas, começando ainda na coleta de dados, perpassando pelas análises, as quais envolvem muitas interpretações e relações entre diferentes teorias. Para interpretar uma informação é necessário estabelecer objetivos a serem alcançados ao fim desses processos interpretativos. Diante disso, neste estudo optou-se pelas categorias de análise da própria GDV, partindo do pressuposto que o meme é um gênero de texto cujos recursos visuais exercem grande relevância em seus processos constitutivos. Além disso, também foi observado o fenômeno da intertextualidade nos textos analisados, uma vez que a pergunta de pesquisa busca compreender a relação das múltiplas semioses com a construção dos sentidos.

Para tanto, as análises do corpus foram construídas a partir dos pressupostos teóricos da GDV (KRESS; VAN LEEUWEM, 2006), da intertextualidade (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2012); e da multimodalidade (KRESS, 2010). Nesse contexto, tais teorias foram abordadas de modo interligado para conseguir explicar determinados mecanismos que interferem na construção dos sentidos nos memes. Primeiramente, buscou-se ofertar ao leitor discussões teóricas sobre as teorias utilizadas nos processos de análises do corpus. A partir disso, notou a necessidade de promover um recorte temático no âmbito dessa teoria a fim de que as análises não fossem superficiais, haja vista a complexidade das discussões.

No que tange à intertextualidade, serão observados e propostas interpretações levando em consideração as classificações da intertextualidade *stricto sensu*: intertextualidade temática, estilística, explícita ou implícita, com destaque para as duas últimas classificações (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2012). Enquanto isso, no que se relaciona à GDV, serão feitas análises levando em consideração a Metafunção representacional, em suas representações narrativas e conceituas, com maior destaque para as representações narrativas (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006). Por fim, a multimodalidade será retomada em seus desdobramentos sobre as múltiplas semioses dos textos, apontando a influência das tecnologias digitais nas práticas de linguagem e nos processos de constituição de gêneros de texto como o meme.

Esse recorte tornou-se necessário para não perder de vista o objetivo geral deste estudo e seu alinhamento à pergunta de pesquisa que deve ser respondida a partir das discussões teóricas e análises. Entretanto, ao longo das discussões teóricas foram apresentados apontamentos sobre as demais categorias da GDV e outras classificações de intertextualidade.

Assim, ao longo das análises do corpus tais categorias podem ser retomadas de forma breve, de modo a apontar que a presença de uma categoria da GDV ou de um tipo de intertextualidade não exclui, em grande parte dos casos, os demais mecanismos de construção de sentidos.

A partir dos memes selecionados, cinco deles se destacaram pelos seus processos de composição que estariam mais próximos da metodologia proposta para elucidar as análises que se dedicam ao conteúdo, mas também aos elementos visuais e à junção dos elementos intertextuais, multimodais e semióticos. Em vistas disso, os textos selecionados serão analisados com as teorias integradas, de modo que o leitor consiga visualizar os diferentes contextos e mecanismos que estão presentes em um texto.

Abordou-se considerações sobre os processos de intertextualidade que estão presentes no texto: qual é o tipo de intertextualidade predominante, como ela auxilia na construção do sentido, buscando responder ao objetivo específico de investigar como as múltiplas semioses auxiliam o leitor na construção da intertextualidade. Além disso, foram analisados os elementos multimodais e semióticos dos memes, uma vez que a organização desses mecanismos linguísticos, em muitos casos, auxilia na construção dos sentidos. As cores, o posicionamento dos itens nas imagens, os movimentos, os próprios intertextos visuais, e os elementos verbo-visuais estabelecem uma interconexão a fim de construir sentidos. Logo, tornou-se possível responder o objetivo específico que busca compreender como determinadas organizações multimodais se integram aos intertextos para estabelecer relações de sentido.

Por fim, as análises discutem acerca da gramática das imagens – a GDV, observando como os elementos visuais estão organizados para construir sentido. Esse processo tem como aporte teórico as categorias da GDV propostas por Kress e Van Leeuwen (2006), e que também são abordadas em Novellino (2007) e em Santos (2020), as quais auxiliam na análise sistêmica das imagens. Dessa maneira, as discussões propostas possibilitaram responder ao objetivo de interpretar como as categorias de análise da GDV podem ser utilizadas para compreender como acontece a intertextualidade multimodal nos memes. Assim, a intertextualidade multimodal, enquanto um fenômeno inerente aos textos, foi detalhada em diferentes contextos, apresentando aproximações e distanciamentos de outras teorias do texto ao longo da análise de *corpus*. Esse é um processo comum, uma vez que o texto possui diversos fenômenos em seu interior, cabendo ao leitor, de forma intuitiva ou não, mobilizá-los para construir sentidos.

Por fim, é necessário salientar que, apesar das análises terem os elementos visuais dos memes como objeto principal, constitui-se enquanto um processo integrado, ou seja, análises verbo-visuais, uma vez que os elementos verbais podem exercer influência sobre os elementos

visuais. Desse modo, a intenção é deixar evidente que um mecanismo é importante para o outro na construção de sentido e que as diferentes semioses presentes nos memes auxiliam para que o leitor assimile os intertextos presentes. Sob esse viés, tornou-se possível defender o posicionamento de que os textos são multimodais e intertextuais, sendo assim, a intertextualidade é um fenômeno multimodal.

Dessa forma, as interpretações propostas estarão alinhadas de modo que seja possível fazer deduções sobre o papel das semioses dos textos na assimilação de intertextos, compreendendo que as categorias da GDV auxiliam no entendimento das nuances desse processo. O próximo capítulo, que traz as análises de *corpus* e resultados, apresentará, a partir das discussões propostas nos capítulos anteriores, interpretações de como determinados fenômenos, podem ser observados nos textos, concretizam-se nas mais diversas semioses textuais, baseando em inferências feitas a partir de um corpus constituído por meme do Instagram.

6 ANÁLISE DE CORPUS E RESULTADOS

Inicialmente, cabe destacar que este capítulo será destinado às análises do *corpus* selecionado para esta investigação, de modo a socializar as análises que buscam responder aos objetivos geral e específicos. As discussões estão ancoradas em teóricas como a intertextualidade, a multimodalidade e a GDV, pois essas abordagens auxiliam na interpretação de fenômenos que ocorrem no interior do texto, além de que, em alguns momentos, integram-se para constituir novos significados a um texto, como é o caso da intertextualidade multimodal. Ademais, é necessário ressaltar que, no que tange à intertextualidade, as discussões propostas ancoram-se em preceitos que foram constituídos no âmbito da Linguística Textual, LT. Este capítulo discorre sobre os memes e a construção da intertextualidade multimodal sob a perspectiva da GDV.

Tendo em vista a presença de três teorias distintas nos processos de análise, buscou-se desenvolver as discussões de modo conjunto, perpassando pela compreensão dos mecanismos intertextuais do texto, interligando-se as discussões acerca dos elementos multimodais e, por fim, detalhando algumas construções que podem ser analisadas a partir da GDV e suas categorias de análise. Esse processo tem o intuito de demonstrar que esses fenômenos mencionados são interdependentes e que a intertextualidade de um texto é possibilitada, também, pela presença dos recursos multimodais presentes no plano textual.

6.1 MEMES DE ROMEU E JULIETA

A intertextualidade é um fenômeno que está presente nos textos, seja pelo seu conteúdo, seu gênero ou, até mesmo, pela organização dos seus elementos imagéticos e textuais no interior do texto. Diante disso, os memes são intertextuais, uma vez que sempre fazem e estabelecem relações com outros textos. Surgem a partir de textos, filmes, livros, entre outros meios, e começam a integrar a memória textual e a fazer parte dos diversos tipos conhecimentos que os sujeitos adquirem ao longo da vida, por meio das interações sociais e ao estabelecer contato com outros textos. Além disso, essas ligações entre os textos também são possibilitadas pelos elementos multimodais, os quais agem como operações de sentido, e se materializam de maneira interdependente aos intertextos.

Nesta investigação, entende-se esse processo como intertextualidade multimodal. Esse mecanismo pode ser explicado a partir de um cenário no qual as diversas semioses existentes em um plano textual se integram e interagem para construir sentidos. De certo modo, para que a intertextualidade aconteça, principalmente nos textos visuais, é necessário que haja uma articulação de semioses, sejam elas verbais, visuais, sonoras, a fim de que o leitor consiga perceber os intertextos presentes no plano textual. Kress e Van Leeuwen (2006) concebem a noção das imagens enquanto texto. Nesse sentido, as organizações composicionais que existem no interior desses textos visuais necessitam de explicações sistematizadas, assim como com os textos verbais. Seguem as apreciações cujo objetivo é analisar o processo de construção da intertextualidade multimodal em memes do Instagram, a partir da GDV.

Figura 6 – Meme 6



Fonte: @minhashistorias.oficial (2022)

No meme da figura 6, é possível identificar referências explícitas à obra *Romeu e Julieta*, de Shakespeare. Isso pode ser comprovado pelos elementos textuais que mencionam as personagens protagonistas da tragédia e que também dão nome à obra: *Romeu e Julieta*. Diante disso, o tipo de intertextualidade que predomina nesse meme está no âmbito da intertextualidade *stricto sensu*, uma vez que faz parte da memória social do interlocutor, partindo dos conhecimentos anteriormente adquiridos para produzir sentidos na nova estrutura textual. Ademais, nota-se que no escopo da intertextualidade *stricto sensu* está a intertextualidade explícita, que se configura, de acordo Koch, Bentes e Cavalcante (2012), pela menção, no próprio texto, da origem do intertexto.

Os significados almejados pelo produtor dependem que o interlocutor identifique o texto-fonte para fazer a associação entre os elementos verbais e os elementos visuais, produzindo, assim, uma narrativa visual. Além disso, também é possível perceber que a organização dos elementos semióticos no texto auxilia na produção dos sentidos, pois os elementos verbais estão combinados aos visuais, de modo que o leitor consiga estabelecer uma sequência de acontecimentos, assim como subir uma escada. Logo, quando o participante representado pula alguns degraus indica, também, no sentido da narrativa, que etapas foram puladas, como uma espécie de quebra de expectativa do que deveria ter acontecido.

Dessa maneira, respondendo ao objetivo específico que busca investigar como as múltiplas semioses auxiliam o leitor na construção da intertextualidade, é possível inferir que os elementos semióticos se integram no plano textual para que sentidos sejam alcançados. Desse ponto de vista e com base nas teorias apresentadas até então, a intertextualidade e a

multimodalidade são fenômenos interdependentes. Isso pode ser comprovado no meme em análise, uma vez que apenas os elementos multimodais não contribuiriam para que o leitor produzisse os sentidos do texto, nem os intertextos conseguiriam apresentar a mensagem desejada sem o auxílio dos elementos multimodais. Diante disso, essa interrelação entre intertextualidade e multimodalidade constitui a intertextualidade multimodal, a qual opera na construção dos sentidos de um texto, principalmente os textos visuais.

Assim como Koch, Bentes e Cavalcante (2012) propõem que a intertextualidade acontece a partir de um texto-fonte, pode-se mencionar que para se manifestar a intertextualidade também são necessários que outros mecanismos sejam articulados, não somente o texto-fonte. É um processo que depende de vários fatores. Na figura 6, há uma composição discursiva a qual é apresentada por meio de semioses que vão desde palavras, até mesmo a escolha de participantes representados. Quando se pensa no texto-fonte que o meme da figura 6 faz intertextualidade, é necessário ter conhecimento que o personagem Romeu, da tragédia do escritor inglês William Shakespeare, tinha outros moldes, era um jovem proveniente de uma família abastada e sempre aparece, nas cenas descritas na tragédia, fazendo uso de roupas mais refinadas.

No entanto, o participante representado na figura 6 é, aparentemente, um rapaz com trajes um tanto que modernos, fazendo inclusive o uso de um boné. Há uma tentativa de reconstruir a imagem desse participante, de modo que o sonhado príncipe encantado não seguiria mais os moldes tradicionais, podendo inclusive vestir-se de com roupas não tão refinadas. Esses traços apontados estão inseridos no âmbito das semioses visuais, mas é possível perceber que não há como o leitor promover os processos de intertextualidade sem as semioses verbais que estão presentes no texto. Diante disso, percebe-se que a articulação de semioses possibilita a existência de significados em um texto.

Além disso, o meme “Romeu e Julieta”, na figura 6, encaminha-se para uma apreciação mais detalhada de como os elementos multimodais estão organizados no texto, na tentativa de responder ao objetivo específico que busca compreender como determinadas organizações multimodais se integram aos intertextos para estabelecer relações de sentido. Nesse contexto, é importante ressaltar que o sentido apresentado em um texto depende de diversos mecanismos, sendo os elementos multimodais um dos mais importantes na construção dos sentidos, pois buscam promover a articulação entre as diferentes semioses do texto.

Os sujeitos combinam imagens, recursos visuais, palavras, entre outros recursos a fim de construir um significado. Isso acontece visto que estão surgindo novas relações entre a

linguagem e as imagens, de modo que as imagens não estão substituindo as a linguagem verbal, mas sim, complementando-se para sejam percebidas enquanto um conjunto. Logo, o ato de construir sentidos por meio de mecanismos multimodais é, semelhante aos outros modos semióticos, uma forma de se posicionar em si e com os outros.

A partir da premissa de que os recursos disponíveis são mobilizados para construir sentidos, a disposição da escrita no texto é um dos primeiros pontos de articulação dos elementos semióticos do texto. As palavras, na figura 6, estão distribuídas cada uma em um degrau da escada, de modo que a sequência lógica das informações estaria organizada de baixo para cima, pois o participante representado, no âmbito da GDV, estaria em uma *representação narrativa*, no qual o participante da imagem, um adolescente de roupa vermelha, executa uma ação, a de subir uma escala.

Kress e Van Leeuwen (2006) discorrem, dentro das discussões sobre representações narrativas, sobre os processos de ação. Os processos de ação estariam relacionados a padrões narrativos que servem para apresentar ações. Na gramática tradicional de textos verbais, esse processo é desenvolvido por meio de verbos de ação, porém, nas imagens, acontece a partir de vetores (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006). O vetor, na figura 6, é concebido pela direção que o participante representado está seguindo na escada. Observa-se uma ação que pode ser descrita como: “Romeu está subindo a escada”, porém como essa ação está em uma imagem, tal ação é construída pela presença de vetores que ajudam o leitor a construir esse sentido.

Entretanto, o modo como o participante representado sobe a escada não é convencional, uma vez que ele pula três degraus, causando uma espécie de fuga aos padrões. Essa fuga aos moldes clássicos retoma a narrativa de Romeu e Julieta, na qual as personagens pertenciam a famílias rivais e, por isso, viviam um amor impossível. Mesmo com todos os impedimentos, Romeu e Julieta se relacionam, casam-se e consomem seu amor. Todavia, diante de embate mortal entre Romeu e um primo de Julieta, Romeu é exilado de Verona e a moça é obrigada a se casar com outro homem.

Na tentativa de evitar o matrimônio, Julieta consome uma porção que a deixaria com as características de uma pessoa morta, fazendo com que fosse colocada na cripta da família. Uma mensagem seria enviada a Romeu para que ele soubesse do plano, mas isso não aconteceu. Quando Romeu chegou à cripta e viu sua amada morta, decidiu, sem demora, tomar um veneno mortal para se juntar a Julieta no mundo dos mortos. No entanto, como Julieta estava apenas sob efeito da porção, logo acordou e viu seu amado morto ao seu lado. Nesse instante, com uma adaga também decide se matar, pois a vida não teria sentido sem Romeu.

No meme apresentado na figura 6, que faz intertextualidade com a tragédia de Shakespeare, é possível observar uma crítica a atitude de Romeu que, ao encontrar o corpo de Julieta aparentemente sem vida, não realiza determinadas ações que poderiam afirmar se a amada havia realmente morrido, ou seja, pulou etapas que são representadas no meme como cada degrau da escada. O episódio da morte de Romeu, que na tragédia de Shakespeare é apresentado por meio de uma extensa e descritiva narrativa, no meme é condensado em apenas uma imagem com algumas informações verbais para situar o leitor. Esse processo é possível devido a integração de fenômenos que auxiliam na construção de sentidos, como a intertextualidade e a multimodalidade.

A maneira como os recursos semióticos são apresentados ao leitor não é aleatório, ou seja, há uma organização desses elementos de modo que consigam atingir ao objetivo comunicativo proposto pelo produtor. Essa organização pode ser descrita pela GDV, uma vez que ela é uma gramática voltada aos textos visuais, analisando os padrões de experiências presentes nesses textos. Porém, a GDV não se prende a padrões, como acontece na gramática tradicional, pois a GDV “permite aos seres humanos construir um quadro mental de realidade, para dar sentido à sua experiência do que se passa ao seu redor e dentro deles (HALLIDAY, 1985, p.101, citado por NOVELLINO, 2007, p. 51).”

Desse modo, com o intuito de interpretar como as categorias de análise da GDV podem ser utilizadas para compreender como acontece a intertextualidade multimodal nos memes, faz-se necessário analisar a constituição do meme de modo integral, analisando a maneira que os elementos semióticos estão dispostos no plano imagético e se essa organização modifica ou contribui na construção dos sentidos no texto. Além disso, é essencial observar a influência das categorias de análise da GDV na constituição de uma intertextualidade multimodal.

Na figura 6, observa-se que o participante representado exerce influência direta sobre a construção dos sentidos no texto. Isso está relacionado diretamente à posição e o modo que esse participante está localizado no texto visual. De início, é possível notar que há a presença de uma representação narrativa na qual o participante, mesmo que em uma imagem estática, oferece indícios de que ele está subindo a escada. De acordo com Santos (2020), no campo visual, a representação dos processos narrativos acontece de modo que os processos de ação permitem diversas funções ao participante representado. No meme em questão, tem-se o exemplo de uma narrativa não-transacional, na qual o ator executa uma ação, mas não fica clara a quem essa ação está destinada.

Outro ponto que está presente no âmbito da GDV e que explica a intertextualidade enquanto um fenômeno multimodal está inserido nos processos verbal e mental, os quais se desdobram em outros processos que não cabem às análises no momento. Santos (2020, p.105) propõe que “embora não apresentem o uso regular de balões de diálogo, os Memes, com frequência, apresentam falas ou diálogos (conteúdo verbal) entre os participantes ou mesmo pensamentos (conteúdo mental)”. Nesse viés, é possível deduzir que as informações verbais presentes no meme da figura 6 partem dos processos mentais do participante representado como uma construção articulada entre o verbal e o visual. Sem a integração entre as informações textuais, os intertextos e os recursos multimodais o sentido seria alterado, uma vez que esses mecanismos são interdependentes.

As construções visuais, que podem ser explicadas por meio da GDV, congregam diversos fenômenos linguísticos e, apesar de não serem regidas por regras fixas, possuem padrões sociais que fazem parte das experiências dos interlocutores. Kress e Van Leeuwen (2006) quando apresentam a GDV enquanto uma maneira de representar padrões da experiência e que possibilita novas formas de se trabalhar com os textos visuais, observando conteúdo, contexto e os padrões formais os quais se inserem nos estudos analíticos-descritivos de língua e linguagem. Ainda seguindo a vertente da narrativa de Romeu e Julieta, a seguir é apresentado um meme que faz referência explícita à obra, mas o contexto apresentado na imagem é possível de ser identificado a partir da sequência visual, firmando-se enquanto uma narrativa visual e intertextual.

Figura 7 – Meme 7



Fonte: memesliterariosbr (2023)²⁶

A sequência visual apresentada na figura 7, caracteriza-se como exemplar visual passível de considerações acerca de seus elementos verbo-visuais e intertextuais, os quais estão entrelaçados de modo a constituir traços narrativos. Kress e Van Leeuwen (2006) apresentam as *representações narrativas* que se desdobram em uma série de temas capazes de explicar determinadas organizações visuais. Entretanto, os autores evidenciam que os processos de análise da linguagem não são os mesmos utilizados com as imagens. Por isso, é essencial compreender que, apesar de se apresentar com características semelhantes, os estudos sobre linguagem verbal e visual se distanciam em diversos setores.

Diante disso, na figura 7, é possível visualizar que os olhares, ou a falta deles, possui uma função sintática visual. Os participantes representados, apesar de serem apresentados pela mesma personagem, distinguem-se devido aos elementos verbais que são apresentados na sequência visual: à esquerda Romeu, à direita Julieta. Retomando as discussões propostas por Kress e Van Leeuwen (2006) é possível afirmar que, no primeiro enquadre, a personagem designada como Romeu ocupa a função de Dado, uma vez que foi disposto à esquerda e é a primeira informação dada ao leitor, do lado direito a informação *Nova*. A sintaxe visual está organizada em seis enquadres distintos em relação à narrativa a qual o meme faz referência. Nesse sentido, é possível afirmar que os elementos imagéticos são dependentes dos intertextos para que os sentidos almejados pelo produtor sejam alcançados, ou seja, os elementos visuais estão em um processo de interdependência aos elementos intertextuais, ou seja, são indissociáveis. Assim, as discussões teóricas da GDV auxiliam no processo que explica a intertextualidade enquanto um fenômeno multimodal.

A GDV é uma teoria com muitas ramificações, podendo acontecer situações nas quais um texto visual tenha mais de um processo explicado por essa teoria. Na figura 7, por exemplo, observar a existência clara de saliência. A saliência, em síntese, pode ser definida como um encaminhamento de leitura que acontece nas imagens, de certo modo, alguns elementos são dispostos para atrair a atenção do leitor (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006). Percebe-se que as informações foram dispostas para que o leitor fizesse uma leitura convencional: direita para a esquerda e retornar na esquerda no próximo quadrante. No entanto, devido às escolhas metodológicas, focou-se nos processos de ação.

²⁶ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CnkcX6FvI0s/?utm_source=ig_web_copy_link . Acesso em 18 de jan. de 2023. (ADAPTADO)

Na figura 7, a narrativa é constituída inicialmente por processos de ação, nos quais há a presença de dois atores que promovem as ações, apesar de ser a mesma imagem para os dois atores, são personagens representados diferentes. Essa informação pode ser assimilada a partir das semioses verbais presente no meme. Se for retomada as proposições propostas por Kress e Van Leeuwen (2006), nota-se que os atores executam ações que podem ser descritas também na língua escrita. Assim, ao longo da narrativa visual, é possível retomar as referências à tragédia de Romeu e Julieta, as quais relacionam ao momento em que Romeu e Julieta morrem. Apesar de os vetores não serem tão aparentes, nota-se a presença de ações nas imagens que podem ser descritas na linguagem escrita com verbos de ação. Assim, a ação de fechar os olhos, por exemplo, pode ser considerada um processo de ação.

As semioses visuais estão organizadas de maneira que os sentidos sejam alcançados a partir da junção com outras semioses. Como é o caso das semioses verbais, que ajudam os leitores a estabelecer uma intertextualidade com o texto-fonte: Romeu e Julieta, de William Shakespeare. Essas referências corroboram para a produção de sentido, uma vez que não seria possível a compreensão do cenário sem as demais informações que estão apresentadas a partir de semioses visuais. Kress e Van Leeuwen (2006) dispõem que há uma priorização, nos textos visuais, do procedimento sobre o conteúdo. Diante disso, a forma que o texto foi organizado para apresentar a mensagem ao expectador tornou-se mais importante do que a própria cena descrita, já que a mensagem principal do texto é alcançada pelo posicionamento das imagens.

A partir da pergunta de pesquisa a qual busca compreender como as múltiplas semioses contribuem para que o leitor construa a intertextualidade, observa-se que o meme da figura 7 está disposto em enquadres que levam o interlocutor a seguir uma linha narrativa, não muito linear, de modo que estabeleça correlações com o drama Romeu e Julieta. Kress (2010) afirma que os significados criados e encontrados em todos os aspectos da vida social são complexos, desde os textos falados até as combinações semióticas, há uma gama extensa de sentidos que, muitas vezes, passam despercebidos por aqueles que entram em contato com determinada mensagem. Nesse viés, percebe-se que, mesmo havendo interpretações acerca das intenções comunicativas de um autor/produtor, ainda assim muito sentidos não são assimilados pelos interlocutores.

As semioses de um texto são dispostas de diferentes maneiras e cada elemento semiótico possibilita um vasto número de interpretações, mas no que tange a intertextualidade multimodal, nota-se que essas semioses precisam ser organizadas com o intuito de levar o leitor a assimilar a referência ao texto-fonte. Koch e Elias (2010) argumentam que a intertextualidade

está presente na constituição de todos os textos, porém a maneira como ela é apresentada depende dos propósitos comunicativos. Assim, infere-se que um dos propósitos comunicativos do meme da figura 7 é promover uma retomada, a partir das semioses visuais, ao momento em que Romeu e Julieta morrem, pois, a narrativa visual sugere a cena em que Romeu encontra Julieta “morta” e também se mata. A composição visual é construída de modo que o leitor, inicialmente, a partir das semioses verbais, saiba que a referência é o drama de Shakespeare, mas a cena em si é construída apenas pelas semioses visuais.

Diante disso, é possível compreender que as múltiplas semioses auxiliam o leitor na construção de sentidos, ou seja, fazem parte da constituição do proposto comunicativo. A intertextualidade multimodal parte da interdependência entre semioses e intertextualidade de modo que os sentidos propostos são alcançados a partir da junção desses fenômenos. Assim, a intertextualidade multimodal presente no meme vai além da existência de intertextualidade e semioses, mas sim como união necessária para que o propósito comunicativo do texto seja alcançado.

6.2 MEMES DE DOM CASMURRO

No decorrer das proposições desta sessão serão abordados memes cujas análises estarão pautadas nas representações narrativas propostas por Kress e Van Leeuwen (2006). Além disso, buscou-se compreender como as múltiplas semioses presentes nesses textos auxiliam o leitor a perceber as intertextualidades presentes nos memes. Os elementos multimodais característicos dos memes são essenciais para a construção dos sentidos, visto que determinadas informações precisam unir mais de um modo semiótico para estarem completas. Por vezes, semioses verbais e visuais são complementares.

A partir desse contexto, é necessário situar o leitor acerca do assunto dos memes selecionados para compor esta sessão. Todos são memes fazem intertextualidade com a obra Dom Casmurro (1899), de Joaquim Maria Machado de Assis. Além disso, podem ser analisadas por alguma das categorias das representações narrativas e conceituais da GDV, de modo a discorrer sobre a organização semiótica desses memes enquanto um mecanismo de construção de sentidos.

No âmbito da literatura há um questionamento constante se Capitu traiu Betinho ou não. Esse questionamento não pode ser respondido com certeza, uma vez que o autor Machado de Assis morrera sem deixar uma resposta clara sobre esse assunto, apenas pistas. A partir desse

contexto, atualmente, muitos memes são elaborados com o intuito de fazer referência a esse mistério. Na imagem a seguir, mesmo sem uma referência explícita sobre a obra, infere-se que ela faz intertextualidade com o livro *Dom Casmurro* (1899), principalmente pelo fato de as semioses verbais darem pistas sobre uma possível traição.

Figura 8 – Meme 8



Fonte: @literabrasil²⁷ (2023)

A partir do contexto da imagem acima, percebe-se a junção de semioses verbais e visuais para compor a narrativa. Além disso, há a presença de representações narrativas no que tange aos processos de ação e reacional, os quais serão detalhados mais adiante. De acordo com Kress e Van Leeuwen (2006), os processos de ação são definidos, principalmente, por linhas/vetores que vão de um participante representado até o outro. Essas linhas dão indícios das ações que ocorrem no interior do texto visual e auxiliam o leitor a compreender o contexto da imagem, mesmo que se apresente de modo estático. Na imagem, nota-se que apenas as semioses visuais não conseguiriam apresentar ao leitor todo contexto de significação pretendido pelo produtor, que busca fazer referência à obra *Dom Casmurro*. Por isso, modos semióticos verbais e visuais foram combinados para que o sentido fosse alcançado.

Os elementos textuais presentes na figura 8: “TRAIU”, “NÃO TRAIU”, “PROF. DE LITERATURA”, dão indícios de qual é a obra que esse meme faz referência. No entanto, esse

²⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CZecljauPtO/>. Acesso em 06 de jan. de 2023. (ADAPTADO)

processo acontece de maneira implícita, ou seja, o leitor precisa fazer inferências para deduzir a qual obra o produtor está se referindo, uma vez que não há menção ao texto-fonte. Pode-se afirmar, portanto, que essa imagem abriga a intertextualidade implícita proposta por Koch, Bentes e Cavalcante (2012). A intertextualidade implícita acontece quando é introduzido, no texto, um intertexto sem que a fonte seja explicitamente mencionada, de modo que uma linha argumentativa é posta para contradizer, ridicularizar ou exercer algum outro papel sobre o texto fonte (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2012).

Diante disso, observa-se que o produtor do meme da figura 8, ao construir esse texto, deixou pistas implícitas que levam o leitor a saber qual é o texto fonte e, principalmente, qual é a situação abordada nesse meme. Essas pistas foram deixadas a partir de múltiplos modos semióticos, permitindo uma articulação entre diferentes estruturas multimodais para construir o significado. De certo modo, as semioses estão articuladas na imagem para produzir sentido, mas nem sempre tal sentido é alcançado por todos os leitores. É necessário compreender que um texto pode ser interpretado de múltiplas formas, mesmo que os elementos tenham sido organizados com um intuito comunicativo.

Seguindo essa vertente, subentende-se que o meme em questão faz referência a um debate literário muito presente nas aulas de literatura, principalmente no ensino médio: se Capitu traiu ou não Betinho. Na figura 8, esse debate é posto como um ringue de boxe, no qual dois dos participantes representados promovem processos de ação. Os processos de ação para Kress e Van Leeuwen (2006) há a presença de vetores que são representados por linhas, ferramentas, corpos, dentre outros recursos. Além disso, tais vetores são conduzidos por atores que realizam uma ação. Essas ações na linguagem verbal seriam abordadas por meio de verbos de ação, mas no que tange às semioses visuais, são retratados a partir de vetores. Percebe-se que os dois atores em primeiro plano são elementos bidirecionais, uma vez que ao mesmo tempo que sofrem a ação, também são considerados objetos.

A composição visual da figura 8 foi essencial para que a situação proposta pelo produtor fosse assimilada. Mesmo sem intertextos explícitos que fazem referência a obra Dom Casmurro (1899), nota-se que essa retomada pode ser alcançada pelo leitor. No entanto, tal processo depende de muitos fatores, pois os conhecimentos acumulados do leitor são essenciais para definir se ele fará ou não tal retomada. Koch, Bentes e Cavalcante (2012) propõe que o produtor de um texto espera que o leitor/ouvinte seja capaz de retomar o texto-fonte por meio da ativação de sua memória discursiva.

Na imagem, vários fatores precisam ser observados, como é o caso de a narrativa estar situada em um ringue de boxe, demonstrando que as discussões acerca desse assunto podem tomar rumos um tanto que acalorados. Quando é inserida a figura do professor de literatura enquanto um participante representado que aparece em segundo plano, infere-se que os atores que entram em luta corporal para defender seu ponto de vista, podem assumir o papel de alunos. As semioses presentes nessa imagem ajudam o leitor a construir diversas organizações narrativas, nas quais os participantes representados desempenham funções essenciais, mas ainda assim precisam das pistas intertextuais para que aconteça a intertextualidade. Por isso, observa-se uma interdependência de semioses e intertextos na construção dos sentidos.

Outro ponto que merece atenção é o papel desempenhado pelo ator cuja designação foi “prof. de literatura” e aparece em segundo plano. No que tange às representações narrativas, ele não desempenha a mesma função dos demais participantes, uma vez que não desempenha ações na semiose visual, apenas observa os demais participantes em uma linha de olhar. Na GDV e em suas representações narrativas, pode-se propor que essa narrativa pode ser incluída nos processos reacionais.

Kress e Van Leeuwen (2006) argumentam que os processos reacionais podem ser caracterizados por uma linha de olhar de um participante que é possível definir uma expressão facial. Nesse contexto, o participante deixa de ser um ator e passa a ser um Reactor, o qual observa os vetores que recebem o processo de ação, ou seja, os fenômenos. No meme da figura 8, observa-se que o personagem que está observando o conflito exerce a função de Reactor, visto que ele observa a ação dos atores em seus processos de ação a partir de uma linha de olhar.

No meme a seguir esse processo será detalhado mais com propriedade, pois é apresentado outro meme intertextual de Dom Casmurro (1899) e com o processo reacional mais evidente.

Figura 9 – Meme 9



Fonte: @diariodeumestudantedeletras²⁸ (2023)

Em *Dom Casmurro*, muitas interpretações são feitas sobre o ciúme exagerado que Bentinho tinha de Capitu com seu amigo Escobar. Uma delas, e mais moderna, é que Bentinho poderia nutrir um afeto por Escobar, que iria além de um afeto de amigos. No entanto, Oliva (2017) menciona que devido aos padrões patriarcais da época em que o livro foi escrito, Machado de Assis deixou apenas pistas dessa possível paixão velada. Nota-se que as descrições feitas por Bentinho sobre Escobar são tão minuciosas e afetivas, que podem ser vistas como uma espécie de sedução implícita. Esses indícios que os estudos literários oferecem possibilidades de criação à sociedade que se tornam fanfics, memes, recontos e uma infinidade de outras maneiras de partilhar significados a partir de semioses verbais e visuais.

Os processos intertextuais nesse meme, figura 9, acontecem a partir de duas vertentes propostas por Koch, Bentes e Cavalcante (2012), de modo a se manifestar de maneira explícita e implícita no âmbito das semioses visuais e verbais do texto. Porém, a construção dos sentidos do texto vai além desses dois itens, fazendo uma conexão que não utiliza apenas os elementos intertextuais, uma vez que os participantes representados, fora do âmbito do meme, fazem parte de um contexto que também apresenta significados quando estão inseridos em um determinado contexto cultural. O meme da figura 9 foi construído a partir de uma imagem do programa televisivo “Big Brother Brasil”, doravante BBB, mais especificamente em sua temporada 22, na qual alguns personagens ganharam destaque em sua participação, como é o caso dos participantes Arthur Aguiar e Naiara Azevedo, que estão representados no meme.

²⁸ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CZucKuEOIAA/>. Acesso em 06 de jan. de 2023.

Esses traços culturais exercem influência sobre a significação do meme, haja vista que possibilita a ampliação de contextos e, conseqüentemente, mais possibilidades de construir significados. Devido ao fato de o BBB ser um programa que atende à cultura de massa, ou seja, tem objetivos de atender aos interesses do capitalismo e obter lucros, é um programa bem conhecido e que busca atrair espectadores a fim de obter mais faturamento. A partir desse ponto, os participantes são, na maioria dos casos, escolhidos devido à capacidade de promover e se envolver em polêmicas, as quais misturam personagens famosos e anônimos. Os conteúdos apresentados no BBB são polêmicos e envolvem brigas, traição entre casais e amigos, sexualização de corpos e outros temas de bastante evidência na atualidade.

Sobre esse viés, nota-se que a escolha da cena e dos personagens para serem os participantes representados também fazem parte de um processo intertextual. Pode-se mencionar a própria escolha, intencional ou não, do personagem Arthur Aguiar e da cantora Naiara Azevedo como uma escolha de semioses visuais para promover sentidos no texto. Esse ator e cantor brasileiro é conhecido pelos inúmeros casos de traição envolvendo seu nome e as constante vezes que sua esposa o perdoou. Não somente, a cantora Naiara Azevedo ficou conhecida nacionalmente pela canção “50 reais”, a qual aborda um caso de traição. Os dois personagens desempenharam papel importante ao longo de toda a temporada, inclusive Arthur Aguiar, mesmo com condutas controversas, saiu campeão da temporada.

Diante disso, é possível observar que a construção de sentidos de um meme vai muito além do que está na superfície do texto, as semioses se integram aos intertextos, sejam eles explícitos ou implícitos e possibilitam a construção de diversas possibilidades. Em Dom Casmurro, um dos principais temas que estão inseridos nas discussões é a traição. Nesse contexto, a partir do momento em que se faz a escolha composicional na qual utiliza o personagem Arthur Aguiar para representar Escobar há indícios de uma relação de caráter dos dois sujeitos, porém em contextos diferentes. Por se tratar de uma narrativa na qual o próprio personagem Bentinho em sua velhice conta sua história aos leitores, em diversos momentos os detalhes da possível traição são dados pelo suposto traído, mas sem prova, apenas a partir de suposições.

Em um processo constante de intertextualidade a partir de semioses visuais, outro ponto de destaque é a presença da cantora Naiara Azevedo na composição visual enquanto representante do personagem Bentinho. Há algumas possíveis conexões intertextuais que podem ser estabelecidas entre o romance "Dom Casmurro" de Machado de Assis e a música "50 Reais" de Naiara Azevedo, música que deixou essa cantora nacionalmente conhecida e que

continua a ser uma de suas referências enquanto artista. Uma das possibilidades é relacionar a temática do ciúme presente em ambas as obras. Em "Dom Casmurro", o narrador Bentinho vive atormentado pela suspeita de que sua esposa Capitu o traiu com seu melhor amigo Escobar, gerando uma tensão que permeia toda a narrativa. Já em "50 Reais", a letra da música retrata uma mulher que descobre que seu companheiro a traiu com outra mulher e, movida pelo ciúme, resolve confrontá-lo sobre a situação.

Além disso, é necessário abordar que o texto visual permite diversas interpretações e que cada interpretação é única. Abordar uma obra como Dom Casmurro em um meme abre diversas possibilidades argumentativas, fato que também pode ser observado no texto-fonte. Um mesmo cenário pode ser interpretado de variadas maneiras, pois as organizações semióticas e multimodais permitem que a informação seja apresentada de modo dinâmico e com diversas possibilidades de interpretação. No âmbito das semioses visuais nota-se a presença do personagem representado sem camisa. Essa representação se relaciona diretamente ao contexto do programa televisivo BBB, o qual tenta abordar certos padrões sociais das sociedades atualmente.

Há, nos casos dos memes, uma necessidade de atrair a atenção do leitor para depois apresentar o conteúdo. De maneira análoga, acontece no BBB, pois os telespectadores são atraídos por conteúdos e personalidades de cunho polêmico e, em alguns casos, sensual que depois tornam-se consumidores daquele conteúdo. Devido à grande popularidade do BBB, diversos recortes do conteúdo audiovisual são divulgados nas mídias, principalmente redes sociais, o que possibilita uma mesma cena se tornar viral e ser adaptada a diversos contextos, aproximando-se diretamente do conceito de meme.

No meme da figura 9 é possível observar a proximidade entre a multimodalidade e a intertextualidade, pois os elementos multimodais e semióticos permitem que os contextos sejam ampliados de modo a permitir, também, a ampliação dos sentidos, inferências e possibilidades de inserção de mecanismos intertextuais que aparecem no texto a partir de elementos como o jogo de luzes, a escolha dos personagens e os sentidos que seus contextos sociais produzem. Além disso, as semioses de um texto possuem diversas particularidades que podem ser analisadas como o olhar de um personagem para o outro, as ações dos personagens expressos por meio de vetores, entre outros mecanismos presentes em um texto multimodal.

Partindo para os processos relacionais, o participante representado como "Betinho", e que exerce a função de Reactor, ou seja, o observador das ações de outros participantes representados, traça uma linha de olhar para o outro participante representado, o qual recebe a

denominação de “Escobar”. Kress e Van Leeuwen (2006) argumentam que nos processos relacionais, o participante que é observado pelo Reacter deixa de desempenhar a função de ator e torna-se um fenômeno. O olhar traçado com uma linha imaginária pode ser interpretado de diversas maneiras, porém se for observado o que foi proposto por Oliva (2017), em que Bentinho poderia nutrir um sentimento amoroso por Escobar, percebe-se que essa observação constante pode ser vista como um desejo. Inclusive, a expressão facial oferecida pelo participante representado como “Bentinho”, o Reacter, possibilita essa inferência.

Nesse contexto, observa-se uma junção dos processos de construção da intertextualidade aos mecanismos de composição das imagens, mais especificamente no âmbito da GDV. É possível observar uma referência explícita aos personagens do livro Dom Casmurro, de Machado de Assis, enquadrando-se na intertextualidade explícita propostas por Koch, Bentes e Cavalcante (2012). Mesmo que não tenha sido mencionado diretamente a fonte da qual a situação descrita no meme foi retirada, ao apresentar os nomes dos personagens, o produtor deixa evidente qual foi a referência no processo de criação do meme.

Essa união das semioses visuais com as verbais, em intertextos, mais especificamente, possibilita que sentidos sejam construídos pelos leitores. Apesar de ser apresentado o mesmo texto, há diversas possibilidades de inferência. Logo, os processos de intertextualidade no âmbito dos textos multimodais são subjetivos, pois dependem dos conhecimentos que o leitor dispõe para construir os significados.

As semioses visuais e verbais foram articuladas para levar o leitor a construir um determinado sentido. Entretanto, nem todos os leitores vão articular as semioses da mesma maneira e, conseqüentemente, vão chegar a significados diferentes. Dessa maneira, quando o meme foi construído, mesmo que o produtor não tenha tido a intenção de levar o leitor a fazer algumas conexões com outros textos, é inevitável que essas relações aconteçam. Koch, Bentes e Cavalcante (2012) afirmam que a intertextualidade pode se materializar de diversas maneiras, sejam no que tange ao tema, ao estilo, ocorrendo tanto de modo explícito como implícito.

Além disso, pode-se inserir o meme da figura 9 no contexto dos processos simbólicos propostos por Kress e Van Leeuwen (2006). Esses processos estariam relacionados ao papel que os participantes representados desempenham em um viés conceitual. Em síntese, os processos símbolos estão relacionados ao fato de uma imagem trazer valores extras a partir de uma composição visual, podendo acontecer a partir de semioses como cores, tamanhos, posicionamento, entre outros (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006). O meme da figura 9 faz uso desses processos simbólicos, uma vez que deixa, de maneira sutil, a ideia de um possível desejo

do participante representado como Bentinho, pelo outro participante representado como Escobar.

A presença de um personagem masculino e sem camisa sendo observado por outro personagem remete uma simbologia relacionada ao desejo. No meme da figura 9, nota-se que o personagem não percebe que está sendo observado. Esse contexto pode ser uma referência a observação constante que Betinho fazia a seu amigo Escobar, tornando em alguns momentos, uma espécie de interesse, o qual partia apenas de Bentinho e sem que Escobar percebesse. A simbologia por trás da imagem pode ser interpretada de diferentes maneiras, mas é importante ressaltar que esse mecanismo altera os sentidos propostos para um texto.

Mais uma vez, é possível perceber uma relação de construção de sentidos entre as semioses do texto o sentido proposto pela intertextualidade, demonstrando a interdependência desses mecanismos de produção de sentidos. No plano de elaboração de sentidos, nota-se que as referências explícitas à obra de Machado de Assis são necessárias, pois sem tal gatilho não seria possível que o leitor fizesse as associações necessárias. Por isso, propõe-se que a intertextualidade e a multimodalidade acontecem nos textos a partir de um processo de interdependência, podendo ser denominada como uma intertextualidade multimodal.

Nesse contexto, a intertextualidade multimodal é um conceito que se refere à interação de diferentes formas de linguagem e mídia em um único texto ou obra. A intertextualidade envolve referências a outros textos ou obras, enquanto a multimodalidade se refere ao uso de diferentes formas de comunicação, como texto, imagem, som e vídeo, para apresentar informações e significados. Assim, a intertextualidade multimodal ocorre quando um texto ou obra faz referência a outras obras, mas utiliza diferentes semioses para produzir sentidos, podendo ser evidenciada de modo implícito, explícito, entre outros moldes intertextuais.

No meme da figura 9, houve uma adaptação de um contexto da obra Dom Casmurro, utilizando-se recursos visuais provenientes de uma reprodução do programa televisivo BBB. Nessa reprodução, a interação entre as semioses e o contexto intertextual abordado foi essencial para a construção dos sentidos. Esses sentidos podem ser compreendidos de diversas maneiras o que depende dos conhecimentos prévios do próprio leitor.

Kress e Van Leeuwen (2006), em suas proposições acerca da GDV, mencionam que todos os textos são multimodais, uma vez que eles congregam múltiplas maneiras de promover um significado. Kress (2010) afirma também que a multimodalidade é uma característica comum da comunicação humana e que os sentidos construídos socialmente são complexos, mas podem ser melhor compreendidos a partir da união de múltiplas semioses, como cores, imagens

e, não menos importante, a escrita. Nesse contexto, percebe-se que a construção de sentidos está diretamente relacionada à junção de diversos recursos e fenômenos linguísticos no âmbito do texto, seja ele escrito ou visual.

Além disso, o termo intertextualidade multimodal discute uma união que está presente nos textos, mas que não é tão evidenciada de modo conjunto. Kress (2010) afirma que as semioses estão presentes em diversos níveis e modalidades, sendo que a própria passagem de um texto do ambiente impresso para uma tela digital já facilita o aprimoramento e junção entre semioses distintas. Tendo em vista que a intertextualidade está presente além da menção ou referência a um texto-fonte, é necessário compreender que os novos gêneros digitais presentes nas mídias, a exemplo, são uma reapresentação intertextual de gêneros que já existiam em outros moldes e finalidades comunicativas.

Dito isso, Koch, Bentes e Cavalcante (2012), propõem estudos sobre intertextualidade de modo mais pautados aos mecanismos do texto. Porém, o termo nasceu a partir das premissas de Kristeva (1974), a qual aborda que todos os textos são intertextuais, já que são produzidos a partir da união de outros textos, como uma espécie de mosaico de citações. Nessa perspectiva, os próprios intertextos são apresentados, em muitos casos, a partir de múltiplas semioses. Todavia, é essencial ter a noção que o conceito de texto vai além do verbal e do visual, mas como o objeto desta investigação possui um caráter verbo-visual, as discussões propostas estão direcionadas a essas duas modalidades dos textos.

No meme da figura 9, observa-se a presença de processos intertextuais conjuntos às semioses verbo-visuais, pois a construção do sentido nesse meme se dá pela junção dos elementos semióticos, intertextuais e contextuais. Kress e Van Leeuwen (2006), quando afirmam que todos os textos são multimodais, partem da premissa que os textos são constituídos de semioses, mesmo sendo apresentados de modo simples. No plano textual, é importante salientar que tanto intertextualidade e multimodalidade coexistem, tornando-se inviável uma abordagem fragmentada desses fenômenos. Assim, ao apresentar as teorias de Koch, Bentes e Cavalcante (2012) acerca da intertextualidade pode-se compreender que esse termo está relacionado à influência de um texto em outro, influência a qual pode-se manifestar por meio de diversas semioses.

A presença de outros textos pode ocorrer de diversas maneiras e, inclusive, por meio de semioses. A partir dessa concepção de que há um tipo de intertextualidade que emerge no texto a partir de semioses, criou-se o conceito de intertextualidade multimodal. Garcia e Marchon (2021) propõem que a intertextualidade é uma estratégia de argumentação, pois novos sentidos

são construídos a partir de textos já construídos os quais são produzidos por meio de diversos modos semióticos da linguagem. Na figura 9, os sentidos do meme são construídos a partir da junção das semioses aos intertextos, em retomadas a textos visuais, verbais, orais, ou seja, múltiplas semioses. Torna-se, portanto, um processo indissociável, visto que a criação desse novo texto não foi independente, ocorreu a partir do diálogo com outros.

A intertextualidade multimodal é comum em mídias contemporâneas, como publicidade, cinema, televisão e internet, que frequentemente combinam diferentes formas de comunicação para apresentar mensagens e significados complexos. É um conceito importante para entender como diferentes formas de comunicação se relacionam e influenciam umas às outras em uma sociedade mediada pela tecnologia. O meme, enquanto gênero de texto que ganhou evidência na atualidade, possui grande possibilidade de construção de sentidos. Isso fica perceptível a partir das composições semióticas as quais conseguem incluir intertextualidades a partir de diversas pistas para os textos-fonte e, ainda assim, possibilitando a construções de sentidos que dialogam com o humor.

Nesse contexto, partiu-se para a última análise de corpus em que são abordados os processos verbal e mental, abordando a relação entre as múltiplas semioses e os processos intertextuais na constituição de sentidos. Kress e Van Leeuwen (2006) discorrem que nos processos mentais e verbais são característicos o uso de balões de fala e de pensamento. Além disso, os personagens presentes no meme que antes eram atores nos processos narrativos, deixam de ser atores e tornam-se dizentes, já que passam a expressar seus próprios dizeres ou, no caso dos pensamentos, projetos de dizer.

Os processos metaís e verbais acontecem nos memes e em outros gêneros de textos, porém, no caso em análise, figura 10, ocorre também um processo no qual uma tirinha passa a exercer a função de meme, pois a mesma situação tornou-se popular e passou a ser compartilhada em diversos contextos, recebendo o atributo memético de texto viral. Koch, Bentes e Cavalcante (2012) argumentam que cada gênero de texto possui características singulares. Entretanto, em alguns momentos essas características passam a manter relações intertextuais, seja em conteúdo temático ou quanto à forma composicional. Para esse processo as autoras designam enquanto intertextualidade intergenérica, pois há um diálogo entre as características e finalidades do gênero.

No âmbito da intertextualidade multimodal, pode-se analisar que há, nos textos, uma constante relação entre os elementos semióticos visuais e os verbais. Nesse contexto, há, também, um diálogo constante entre informações e textos, característica da intertextualidade.

Koch, Bentes e Cavalcante (2012), importantes estudiosas no campo da intertextualidade apresentam diversos tipos de intertextualidade, que vão desde as mais tradicionais, até aquelas que dependem de um maior nível de análise e abstração. Porém, nota-se que todos os textos possuem algum elemento intertextual. Em combinação, Kress e Van Leeuwen (2006) propõem os textos também são construídos a parte de diversas combinações multimodais, tornando-se evidente a relação entre intertextualidade e multimodalidade.

Kress e Van Leeuwen (2006) argumentam que, para entender como diferentes formas de comunicação trabalham juntas para criar significado, é necessário examinar os processos mentais envolvidos na produção e compreensão dessas formas de comunicação. Eles sugerem que diferentes formas de comunicação requerem diferentes processos mentais e verbais, e que a compreensão de uma mensagem multimodal envolve a integração de diferentes processos. Assim, a abordagem multimodal da linguagem proposta por Kress e Van Leeuwen (2006) destaca a importância de considerar a relação entre diferentes modos de comunicação e como eles trabalham juntos para criar significado. Por isso, a partir dessa interdependência de processos, a análise da figura 10 busca compreender esse processo interdependente entre elementos multimodais e intertextuais, estabelecendo conexões entre essas temáticas a fim de compreender sua manifestação nos memes.

Figura 10 – Meme 10



Fonte: @lombadadolivro²⁹ (2023)

Observa-se, na figura 10, a presença de dois dizentes distribuídos em 4 quadrantes. Os personagens são caracterizados como dizentes visto que expressam seus dizeres a partir dos

²⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CZPMOirrDag/>. Acesso em 06 de jan. de 2023.

balões de fala. No entanto, os dois dizentes constituem-se como apenas um personagem porque o participante o qual é representado como cérebro faz parte da participante que possui questionamentos existenciais, ou seja, é uma extensão da participante. A participante estabelece um diálogo com si própria, demonstrando que há um questionamento interno que precisa ser respondido e que lhe faz perder o sono. O assunto principal do meme está relacionado ao mesmo questionamento abordado na figura 8: se Capitu traiu ou não o personagem Bentinho no livro Dom Casmurro de Machado de Assis.

Em uma análise que busca compreender os processos de interação entre intertextualidade e multimodalidade, pode-se observar que tal processo pode ser interdependente, ou seja, um exercer influência sobre o outro, ou podem apenas coexistirem no interior do texto. Na figura 10, observa-se que as semioses visuais estão em um processo de interação com os elementos intertextuais, uma vez que a construção do sentido do texto depende tanto das semioses verbais quanto dos intertextos que fazem referência ao texto-fonte em um processo explícito. Ao longo da construção memética, observa-se um constante processo de combinação entre intertextualidade e multimodalidade para construir sentidos. Esse processo pode ser observado em níveis diferentes, pois depende da intencionalidade comunicativa e de como o texto foi construído.

Além disso, nota-se que os processos mentais estão presentes no meme da figura 10, visto que os balões de pensamento representam a consciência da personagem, transformando o conflito interior da personagem em um diálogo no qual há um autoquestionamento sobre a questão da possível traição de Capitu. Diante disso, observa-se uma relação direta entre a intertextualidade e a multimodalidade, já que foram utilizados elementos multimodais para construir o cenário onde são utilizados intertextos para produzir o sentido do meme. Essa relação interdependente vai além apenas de apresentar a informação, construiu-se o cenário a partir de processos organizados e que são estudados no âmbito da GDV: os processos mentais e verbais.

Kress e Van Leeuwen (2006) apontam que os processos mentais e verbais estão presentes a partir de balões de fala e de pensamento. Os participantes desses processos, comumente, são humanos, conjuntos de humanos ou seres que possuem a capacidade de pensar, sentir, desejar, entre outras características humanas. Nesse contexto, é possível perceber que a participante do meme da figura 10 expressa, por meio dos elementos multimodais, um momento de calma e relaxamento para dormir e, logo após promover um processo mental de pensamento, começa a demonstrar outra expressão, ficando assustada, alerta e, provavelmente, sem sono.

Esse contexto é produzido a partir da apresentação de uma informação intertextual, a qual leva a participante a pensar no texto-fonte, isto é, no romance *Dom Casmurro*.

Os elementos multimodais são recursos que permitem a assimilação de informações por meio de diferentes modalidades, como imagens, cores, fontes, entre outros. Esses elementos são especialmente relevantes na apresentação de emoções em textos visuais, pois ajudam a criar uma atmosfera emocional que pode ser percebida pelo leitor. A apresentação de emoções em textos visuais pode ser realizada de diversas maneiras, e a escolha dos elementos multimodais pode variar de acordo com o objetivo do texto e do público-alvo.

A partir das escolhas composicionais para construir o sentido do meme da figura 10, nota-se que os elementos multimodais mais utilizados na apresentação de emoções, destacam-se as cores. As cores podem transmitir diferentes sensações e emoções, como alegria, tristeza, raiva, medo, entre outras. Por exemplo, tons de azul podem transmitir tranquilidade, enquanto vermelho pode representar raiva. A escolha das cores pode variar de acordo com o objetivo do texto e da emoção que se quer transmitir. Na figura 10, é possível observar que a personagem se encontra em um ambiente escuro que traz inferências de que ela deveria estar dormindo, mas isso não ocorre devido ao desconforto causado pelo questionamento interior da possível traição de Capitu.

As emoções podem ser apresentadas por meio das imagens, possibilitando criar interpretações a partir das semioses visuais e que interagem com os intertextos. Na figura 10, observa-se que a participante está alerta. A retomada intertextual juntamente aos elementos intertextuais possibilita inferir que o humor acontece a partir da junção desses dois fenômenos os quais se materializam no texto verbo-visual. As imagens podem representar visualmente a emoção que se quer transmitir. Por exemplo, uma imagem de um rosto chorando pode transmitir tristeza, enquanto uma imagem de pessoas abraçando pode transmitir amor e carinho.

Koch e Elias (2010) argumentam que a escrita em si é um ato intertextual, visto que todos os textos remontam a outro texto. Nesse sentido, observa-se explicitamente que a figura 10 é um texto que foi constituído de outro texto em vários aspectos. Somente por fim, percebe-se que a união dessas semioses aos intertextos possibilitou a construção de sentidos. a tirinha tornou-se um meme a partir de um processo no qual Koch, Bentes e Cavalcante (2012) designarem enquanto intertextualidade intergenérica. Além disso, os processos intertextuais emergem também a partir da referência explícita ao texto-fonte, *Dom Casmurro*.

Esses mecanismos foram utilizados a fim de construir um sentido novo a esse texto, podendo ser interpretado de modo subjetivo pois a construção do sentido de um texto com essas

características depende dos conhecimentos de cada leitor, tornando-se uma análise subjetiva a partir do ponto de vista de quem analisa. Não é possível fazer conclusões, apenas hipóteses interpretativas, uma vez que a intertextualidade necessita que o leitor tenha conhecimento do texto-fonte e, mesmo que as semioses visuais estejam organizadas de modo a possibilitar determinada inferência, ainda assim tal processo acontece a partir de cada leitor, individualmente.

Quando se investiga de qual forma as diversas semioses auxiliam na construção da intertextualidade, pode-se trazer para a discussão a intertextualidade explícita que acontece no texto, segundo Koch, Bentes e Cavalcante (2012), a partir de uma referência evidente ao texto-fonte. Assim como na obra *Dom Casmurro* (1899), em que o personagem Bentinho sofre uma constante desconfiança da paternidade de seu filho por não saber se sua esposa o traiu com seu amigo Escobar. No meme da figura 10, observa-se que o questionamento deixado por Machado de Assis sobre a veracidade ou não de uma traição por parte de Capitu provoca inquietação na personagem.

Kress e Van Leeuwen (2006) ao longo da constituição da gramática das imagens, a GDV, apresenta diversas maneiras que uma imagem pode ser analisada, ou seja, que há amplas possibilidades de apreciação de um mesmo texto visual. Na figura 10, os enquadres presentes no texto são, propositalmente, apresentados de modo a designar quatro diferentes momentos na narrativa visual. Essa constituição é característica de textos que não apresentam movimento, visto que é necessário construir a narrativa em diferentes momentos, mas como são textos sem movimentos, torna-se necessário apresentar enquadres que designam passagem de tempo.

Além disso, os balões de fala e de pensamento são necessários no meme da figura 10, visto que o texto estático impossibilita que os participantes representados expressem seus dizeres por meio da língua falada. Kress e Van Leeuwen (2006) argumentam que os processos verbais e mentais são característicos de personagens humanos, pois têm a capacidade de pensar. No entanto, observa-se que o personagem representado por um cérebro, mesmo sendo apenas um componente de um ser humano, passa a desempenhar a função em sua totalidade.

A relação entre intertextualidade e multimodalidade aparece diretamente a partir da necessidade de existir uma composição visual a qual possibilite a assimilação de um contexto conflituoso. A personagem representada, a partir de um balão de pensamento, estabelece um diálogo com o outro participante representado, o cérebro. Ambos dialogam acerca de um questionamento que está presente em *Dom Casmurro*. As semioses presentes no texto integram-

se aos intertextos em um processo interdependente, possibilitando que tanto intertextualidade quanto semioses visuais sejam essenciais no processo de constituição do texto.

Nota-se que a personagem possui um questionamento interior, em seus pensamentos, que leva a refletir se Capitu traiu ou não Bentinho. A intertextualidade presente no meme demonstra que a dúvida deixada por Machado de Assis foi além de sua obra e permaneceu viva, visto que leitores ainda produzem textos que debatem sobre acontecimentos ocorridos no interior dessa obra a qual foi escrita há mais de um século. Por isso, a articulação entre as semioses de um texto e a intertextualidade pretendida por um autor dependem, também, dos conhecimentos que cada leitor dispõe.

Diante disso, pode-se dizer a intertextualidade multimodal presente nos memes está relacionada à articulação que existe entre as múltiplas semioses para possibilitar a construção de intertextos. No entanto, o processo de assimilação dos intertextos depende também dos conhecimentos que o leitor/espectador dispõe. Assim, as semioses são articuladas pelo produtor para construir determinado sentido, todavia como esses textos serão recepcionados pelo leitor depende dos conhecimentos que o próprio leitor dispõe. Tendo em vista as discussões propostas nas análises, seguem as considerações finais deste estudo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo, que foi intitulado como “A intertextualidade multimodal em memes do Instagram: uma análise baseada na gramática do design visual”, foi guiado pelo seguinte questionamento: como as múltiplas semioses contribuem para que o leitor construa a intertextualidade em um texto. Posto isso, buscou-se desenvolver as discussões de maneira a atingir o objetivo geral deste estudo que consistiu em analisar o processo de construção da intertextualidade multimodal em memes do Instagram, a partir da Gramática do Design Visual (GDV). Para tanto, foi apresentado nos capítulos teóricos um recorte de teorias como intertextualidade, multimodalidade e GDV, de modo que os aprofundamentos aconteceram em áreas dessas teorias cujas discussões seriam mais essenciais para atingir o objetivo específico e para responder à pergunta a qual guia este estudo.

Dessa maneira, é necessário salientar que os objetivos específicos propostos para alcançar o objetivo geral e para responder ao questionamento deste estudo foram essenciais para a delimitação dos campos que seriam abordados dentro de teorias complexas como intertextualidade, multimodalidade e GDV. Por isso, apesar de serem grandes áreas de

discussão as quais foram apresentadas em uma síntese geral, optou-se por promover recortes que estariam em consonância aos objetivos específicos e à metodologia de análise proposta. Assim, no capítulo teórico inicial, intitulado “a intertextualidade e seus desdobramentos”, propôs-se discussões acerca da intertextualidade no âmbito da LT, com foco especial na intertextualidade *strictu sensu*. Isso devido ao fato de que, na metodologia, propõe-se uma análise de dados a qual discutiu sobre classificações inseridas intertextualidade *strictu sensu*, como intertextualidade explícita, implícita, estilística, temática.

Seguindo as considerações acerca da estrutura da pesquisa, nos demais capítulos teóricos também foi apresentado o panorama geral das teorias, porém sempre com foco nos recortes necessários para alcançar os objetivos do estudo. No capítulo sobre multimodalidade, apresentou-se as discussões gerais da área, mas o foco principal esteve relacionado à multimodalidade e as tecnologias digitais, destinando um olhar especial às teorias relacionadas ao gênero de texto meme e suas múltiplas semioses, visto que esse gênero de texto foi o objeto deste estudo para explicar o fenômeno da intertextualidade multimodal.

Além disso, para finalizar as discussões teóricas, foi apresentado um capítulo com os desdobramentos da GDV propostos por Kress e Van Leeuwen (2006). Tendo em vista que a GDV é uma teoria destinada à compreender os processos inerentes às imagens, apresentou-se um panorama da GDV, mas com foco na Metafunção Representacional, em suas representações narrativas e conceituais, a fim de fazer um recorte temático da teoria que se adequasse ao estudo com mais propriedade. As demais metafunções também foram apresentadas, porém de modo menos aprofundado, pois não são essenciais nos procedimentos de análise de dados.

A partir dos objetivos e quadro teórico apresentados, observa-se que trouxe contribuições relevantes no que tange aos estudos da linguagem, pois une teorias já consolidadas para abordar os memes e o fenômeno da intertextualidade multimodal. Os memes desempenham um papel de destaque nos processos de comunicação, principalmente no que tange às tecnologias digitais. Por isso, estudos sobre esse gênero de texto que buscam explicar como se dá o processo de construção da intertextualidade a partir das diversas semioses presentes nesses textos são necessários, visto que muitos sujeitos estabelecem atos comunicativos por meio de memes. Diante disso, a metodologia utilizada buscou compreender, a partir de memes selecionados do Instagram, como ocorrem as interações entre as diversas semioses para promover os processos intertextuais em um texto, partindo das categorias de análise da GDV, mais especificamente no âmbito da Metafunção representacional.

Sendo assim, a partir da pergunta de pesquisa a qual questionava sobre como as múltiplas semioses contribuem para que o leitor construa a intertextualidade, observou-se que os textos são compostos por diversas semioses: verbais, visuais, orais, sonoras. Diante disso, é possível inferir que o processo de construção de sentidos depende de muitos fatores, inclusive dos próprios conhecimentos que os leitores/interlocutores tiveram contato ao longo de suas práticas sociais. Koch e Elias (2008), que argumentam sobre os diferentes tipos de conhecimentos que os sujeitos sociais podem dispor, menciona que alguns processos de intertextualidade podem estar diretamente relacionados aos conhecimentos acumulados pelos leitores.

A manifestação da intertextualidade estaria diretamente relacionada, portanto, aos conhecimentos que o leitor acumula ao longo de suas práticas sociais de linguagem. Assim, mesmo que o produtor tenha determinada intenção comunicativa ao elaborar um texto, seja ele, escrito, verbais, visual, a construção dos sentidos e a própria assimilação dos intertextos estaria relacionada aos conhecimentos acumulados pelo leitor, ou seja, é um processo subjetivo e particular. Ao investigar como as múltiplas semioses auxiliam o leitor na construção da intertextualidade, pode-se chegar à inferência de que os textos, em seus processos de constituição, congregam diferentes tipos de linguagem e semioses.

Nesse contexto, os sentidos muitas vezes dependem de mais de uma semiose para serem alcançados. Em alguns casos, essas semioses estão em interdependência com outros fenômenos que coexistem no interior do texto, a citar, a intertextualidade. Por isso, propôs-se, neste estudo, que a intertextualidade seria um fenômeno multimodal, uma vez que, no mesmo texto que abriga múltiplas semioses, também há a presença da intertextualidade em seus diversos desdobramentos. Ou seja, são fenômenos que estão no interior dos textos e podem acontecer de várias formas, porém a presença de um não exclui o outro, pelo contrário, em alguns casos, estão interconectados.

A partir das análises do *corpus* deste estudo, foi possível observar que para compreender como determinadas organizações multimodais se integram aos intertextos para estabelecer relações de sentido, é necessário estar ciente, primeiramente, que o modo o qual as imagens estão compostas interferem nos sentidos propostos. A GDV, em suas teorias basilares propostas por Kress e Van Leeuwen (2006), discute sobre a organização composicional das imagens e seus processos de constituição de sentidos. Assim, todos os componentes das imagens passam a ser considerados como mobilizadores de algum sentido, já que possuem um objetivo comunicativo que apresenta determinada mensagem. Os intertextos presentes nos textos podem

aparecer inclusive em forma de imagem, visto que carregarem informações de um texto-fonte que não necessariamente é um texto verbal.

Os memes que, por natureza, são multimodais estão, na grande maioria das vezes, carregados de intertextos. No entanto, observa-se que não são todos os leitores que fazem as conexões necessárias para construir sentidos a partir da retomada dos textos-fonte. Dito isso, essa compreensão da organização semiótica dos textos para possibilitar a retomada de um intertexto pelo leitor se deu a partir das categorias de análise da GDV a fim de compreender a intertextualidade multimodal.

Em linhas gerais, observou-se ao longo da elaboração deste estudo que os textos são mecanismos linguísticos amplos e com variadas especificidades. Os textos passaram por diversas transformações ao longo dos anos, inclusive o próprio conceito de texto foi se ampliando progressivamente. Nesse viés, é necessário salientar que diversos fatores influenciaram diretamente nessa transformação, um dos fatores mais importantes foi o advento dos recursos digitais, os quais possibilitaram maior capacidade de edição dos textos. No âmbito textual, as múltiplas semioses tornaram-se fatores ainda mais evidentes, congregando diversas possibilidades semânticas.

O termo intertextualidade multimodal surge dessa crescente integração entre mecanismos no interior dos textos. A intertextualidade, que já é um campo de grandes discussões teóricas, torna-se um mecanismo que auxilia nos processos de construção de sentidos a partir das diversas semioses dos textos. Koch e Elias (2010) mencionam que a intertextualidade é um mecanismo linguístico que está presente em todo e qualquer texto. Enquanto isso, Kress e Van Leeuwen (2006) afirma que todos os textos são multimodais. A partir dessas afirmações é possível perceber que esses fenômenos coexistem no interior do texto de modo que ambos, em diversos momentos, integram-se para possibilitar a construção de sentidos.

Os memes analisados neste estudo possibilitaram perceber que tanto intertextualidade quanto multimodalidade são fenômenos complementares, ou seja, auxiliam na construção de sentidos a partir da coexistência de ambos no interior do texto. Mesmo sem uma conexão explícita entre esses fenômenos, ambos exercem influência sobre o sentido de um texto. Os memes, enquanto gêneros de texto de caráter intertextual e multimodal, permitem que essas ligações teóricas sejam mais evidentes, visto que são construções semióticas e intertextuais de fácil compreensão pois as informações normalmente fazem parte do contexto social vigente, sendo amplamente conhecidos. Inclusive, a capacidade viral, ou seja, espalham-se com muita

facilidade, foi uma das características observadas como critério da análise de corpus. Assim, a intertextualidade multimodal nos memes do Instagram está relacionada à apresentação semiótica desses textos, aos processos intertextuais que estão presentes em seus processos de construção de sentidos e, por fim, à capacidade de replicação desses textos nas mídias.

As categorias de análise da GDV utilizadas neste estudo são destinadas a análise da composição semiótica do texto, visto que as informações são dispostas de modo organizado no plano textual e funcionam na composição textual como um todo. Dessa maneira, foi possível observar que, quando um texto é produzido, há determinadas intenções comunicativas, mas que tais intenções só ocorrerão se o leitor dispuser de conhecimentos prévios para fazer algumas retomadas. As categorias de análise auxiliam na composição da mensagem, mas ainda assim é um processo interdependente.

Inclusive, uma das limitações desta pesquisa está relacionada diretamente ao fato de este estudo não abordar também a perspectiva do leitor, ficando somente sob o ponto de vista do pesquisador, em suas análises e compreensões acerca dos fenômenos estudados. Quando se faz considerações acerca do processo de compreensão de semioses e de intertextualidade(s) de modo conjunto, os conhecimentos que cada leitor dispõe influenciam na maneira como os textos são assimilados, pois o sentido intertextual depende, em muitos casos, dos conhecimentos prévios de cada leitor. Assim, as interpretações ficam sob a perspectiva delimitada do próprio pesquisador.

A partir desse ponto, em estudos futuros sobre a intertextualidade multimodal em memes do Instagram, seria interessante estudar sobre a perspectiva do próprio usuário, ou seja, a perspectiva do leitor, em um processo interativo, de modo que sejam analisados comentários e outras devolutivas dos usuários que consomem esses textos nas mídias digitais. Inicialmente, esta pesquisa trouxe contribuições no que tange a uma abordagem conjunta entre multimodalidade e intertextualidade. Observou-se, pois, que são fenômenos interdependentes e que coexistem no interior dos textos. Além disso, foi possível compreender que o meme é um gênero de texto em que intertextualidade e multimodalidade se integram para construir sentidos.

No que tange à intertextualidade multimodal em memes do Instagram, nota-se que é um fenômeno presente nos memes, pois esses textos são constituídos de diferentes modos de comunicação, como texto, imagem e som. São combinados enquanto um texto semiótico para criar uma nova significação. Essa nova significação é criada a partir da interação entre os diversos elementos presentes no meme, como imagens, textos e fontes, e também a partir de referências culturais e contextos prévios. A GDV auxilia no processo de compreensão de como

essas semioses são organizadas para construir sentidos, uma vez que, a partir das categorias de análise dessa gramática das imagens, percebe-se que a cada elemento visual é disposto de modo a produzir determinados sentidos, mesmo que o produtor não tenha essa compreensão.

Assim como nas gramáticas tradicionais em que os falantes de determinada língua, mesmo sem ter realizado estudos sobre a organização da língua, possuem regras internalizadas, na gramática das imagens também acontece esse fenômeno. Pois, nos casos dos memes, a exemplo, os a maioria dos textos é construída sem um rigor metodológico a fim de seguir determinados teóricos, mas, ainda assim, conseguem apresentar produções passíveis de análise no âmbito da GDV. Logo, a análise dos memes constituída a partir da GDV possibilita que as características do meme do Instagram sejam observadas de modo organizado, pois são textos que estão presentes nas práticas de linguagem de muitos leitores.

Por fim, os resultados propostos nesta pesquisa não podem ser considerados conclusivos, tornando-se necessário que estudos complementares sejam elaborados no que tange a relação entre multimodalidade e intertextualidade. Há diversas possibilidades de análise quando se unem campos tão ricos e que podem ser mais aprofundadas em estudos posteriores nessa temática. Com o avanço cada vez mais acelerado das tecnologias digitais, gêneros característicos dos ambientes digitais como o meme despertarão cada vez mais interesse de pesquisadores da área de estudos linguísticos, uma vez que esses textos estão presentes nas práticas de linguagem dos sujeitos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, D. B. Do texto às imagens: as novas fronteiras do letramento visual. In: PEREIRA, R. C. M.; ROCA, M. P. (Orgs.). **Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 173-202.
- ALVES, L. E.; XIMENES, E. **Uma revisão do conceito de texto e suas implicações para os estudos filológicos**. Filologia e Linguística Portuguesa, v. 21, n. 1, p. 25-42, 25 ago. 2019.
- ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. 105 p. (Obras Completas. v. 1). Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=1888>. Acesso em: 09 dez. 2022.
- AZEREDO, José Carlos de. **Ensino de português: fundamentos, percursos, objetos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- BAKHTIN, M. Problemas da poética de Dostoiévski. 5. ed. revista. Tradução, notas e prefácio de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. [1963]
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética de la creación verbal**. Trad. Tatiana Bubnova. 1. ed. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2002 [1979].
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de e FIORIN, José Luiz (orgs.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade em torno de Bakhtin**. São Paulo: Edusp, 2003.
- BAUMAN, Richard; BRIGGS, Charles L. Poetics and performance as critical perspectives on language and social life. **Annual Review of Anthropology**, n. 19, 1990, p. 59-88.
- BLIKSTEIN, I. Intertextualidade e polifonia. O discurso do plano “Brasil Novo”. In: BARROS, Diana L. P. de; FIORIN, J. L. (Org.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**. São Paulo: Edusp, 1994. p. 45-48.
- BRAGA, Betânia. Um protótipo didático para o multiletramento com gênero meme para um nono ano. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Profletras, Universidade Estadual de Maringá, 2018.
- BRAUN, A. K. B. **O tratamento da polissemia nas traduções de Romeu e Julieta de Shakespeare**. Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2016.
- CARMELINO, Ana Cristina; KOGAWA, Lídia. A intertextualidade como marca dos stickers do WhatsApp. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 14, n. 27, p. 156-176, jul. 2020.
- CARVALHO, Flaviane Faria. 2013. **Temas Contemporâneos em Semiótica Visual**. Brasília: CEPADIC. 93 p

CASTRO, L. G. F. **O meme digital**: construção de objetos de discurso em textos multimodais. 2017. 79 f. (Dissertação), Mestrado em Letras, Curso de Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2017.

CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V. Revisitando o estatuto do texto. **Revista do GELNE**, v. 12, n. 2, 2010.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2018.

CHAGAS, V.; FREIRE, F.; RIOS, D.; PAZ, L. F. **Museu de Memes**. 2011. Disponível em: . Acesso em: 16 dez. 2022.

CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn. A nova história cultural. Trad. Jefferson Luiz Camargo. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

COPE, Bill; KALANTZIS, Mary. A grammar of multimodality. *International Journal of Learning*, Champaign, v. 16, n. 2, pp. 361-427, 2009.

DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DIONISIO, Â.P. Gêneros Textuais e Multimodalidade. In: KARWOSKI, A.C.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K.S.(Or g.) Gêneros textuais, reflexões e ensino. 4 ed. São Paulo: Parábola editorial, 2011.

_____. Gêneros multimodais e multiletramento. In: KARWOSKI, A.M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K.S. (Orgs.). Gêneros textuais: reflexões e ensino. Palmas e união da Vitoria, PR: Kaygangue, 2005.

DUARTE, M. E. L.; SERRA, C. R. Gramática(s), ensino de português e “adequação linguística”. *Revista Matruga*. Rio de Janeiro, v.22, n.36, jan/jun, 2015.

FIORIN, J. L. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 161-193.

FIORIN, JOSÉ Luiz. Polifonia Textual e Discursiva. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz. (Orgs.). *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: Em torno de Bakhtin Mikhail*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1994, p. 29-36.

FONTANELLA, Fernando. **O que é um meme na Internet?** Proposta para uma problemática da memesfera. Trabalho apresentado no III Simpósio Nacional da ABCiber, São Paulo, 2009.

GARCIA, C. E. N. Intertextualidade Multimodal. **Diacrítica**, 34(1), 2020, 122–134.

GODOY, Eduardo Corrêa de. **Mememes na internet**: uma análise da produção, dos usos e dos sentidos. 2020. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

GOMES, F. W. B.; BARBOSA, I. M. F.; LIMA, R. A.; GOMES, J. P. **Texto, imagem e letramento visual**. Teresina: EDUFPI, 2019.

GONSALVES, E. P. **Iniciação à pesquisa científica**. 3. ed. Campinas: Alínea, 2003.

GUALBERTO, C. L.; SANTOS, Z. B. DOS. Multimodalidade no contexto brasileiro: um estado de arte. DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, v. 35, n. DELTA, 2019 35(2), p. e2019350205, 2019.

GUERREIRO, A.; SOARES, N. M. M. Os memes vão além do humor: uma leitura multimodal para a construção de sentidos. **Texto Digital**, Santa Catarina, v. 12, n. 2, p.185-205, 20 dez. 2016. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

HALLIDAY, M.A.K. **An introduction to functional grammar**. Edward Arnold, 1985.

HEINE, L; HEINE, P. Incursões sobre a linguística no século XX com foco na linguística textual. Salvador, EDUFBA, 2012. (Coleção eLivro EDUFBA – PROPCI).

HELIODORA, Bárbara. Falando de Shakespeare. 2º ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2009.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2ª ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JENNY, Laurent. A estratégia da forma. In: JENNY, Laurent et al. Intertextualidades. Poétique –Revista de teoria e análise literária. Coimbra: Almedina, 1979, p. 21.

KNOBEL, Michele; LANKSHEAR, Colin. Online memes, affinities, and cultural production. In: KNOBEL, Michele; LANKSHEAR, Colin (org.). A New Literacies Sampler. New York: Peter Lang Publishing, 2007, p. 199-227.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Desvendando os segredos do texto. São Paulo: Cortez, 2002.

Koch, Ingedore Grunfeld Villaça; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Intertextualidade**: diálogos possíveis. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

KOCH, Ingedore Vilaça & Vanda Maria ELIAS. 2010. *Ler e escrever. Estratégias de produção textual*. São Paulo: Editora Contexto. 220 p.

KOCH, Ingedore Villaça. **Introdução à linguística textual**: trajetória e grandes temas. São Paulo: Contexto, 2015. 173 p.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. Ler e Compreender os sentidos do texto. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Multimodal discourse**: the modes and media of contemporary communication. London: Arnold, 2001.

_____. **Reading images**: the grammar of visual design. London Routledge, 2006.

- KRESS, Gunter; VAN LEEUWEN, Theo. Critical layout analysis. *Internationale Schulbuchforschung*. Vol. 17, No. 1 (1995), pp. 25-43 (19 pages)
- KRESS, Gunter; VAN LEEUWEN, Theo. Front Pages: (The critical) analysis of newspaper layout. In: BELL, Allan; GARRET, Peter. (Eds.) *Approaches to media discourse*. Blackwell Publishing, 1998. p. 186-219.
- KRESS, Gunther. *Literacy in the new media age*. London: Routledge, 2003.
- KRESS, Gunther. **Multimodality**. A social semiotic approach to contemporary communication. New York, Routledge, 2010.
- KRISTEVA, Julia. *Introdução a semiótica*. Trad. Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974 (Debates semióticos).
- LIMA, C. *Semiótica da propagabilidade: Uma abordagem sistemática de memes e virais de Internet*. Punctum, International Journal of Semiotics, 2018.
- LIMA-NETO, V. Meme é gênero? : questionamentos sobre o estatuto genérico do meme. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, v. 59, n. 3, p. 2246–2277, 2021.
- MARCHON, A. H; GARCIA, C. E. N. **Intertextualidade multimodal como estratégia argumentativa**. (CON)TEXTOS LINGUÍSTICOS, v. 15, p. 126-145, 2021.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: Definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A.P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MARTINO, L. M. S.; GROHMANN, R. **A longa duração dos memes no ambiente digital: um estudo a partir de quatro geradores de imagens online**. *Revista Fronteiras - estudos midiáticos*, v. 19, n. 1, p. 94 a 101, jan./abr. 2017.
- MEILI, A. M.. **Os memes no YouTube**: uma aplicação da intertextualidade como categoria analítica. *C&S: Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo, v. 35, n. 2, p.353-381, jun. 2014.
- MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2012.
- MENDES E SILVA, Maria Alice Siqueira. *Sobre a Análise do Discurso*. *Revista de Psicologia da UNESP*, 4(1), 2005.
- NOVELLINO, M. O. *Fotografias em livro didático de inglês como língua estrangeira: análise de suas funções e significados*. 2007. 203 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/10597/10597_5.PDF. Acesso em: 20 jul. 2022.

OLIVA, O. P. Amizade masculina e homoerotismo em Dom Casmurro, de Machado de Assis. Machado de Assis em Linha [online]. 2017, v. 10, n. 22 [Acessado 7 Janeiro 2023], pp. 74-93. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1983-6821201710226>>. Epub Dez 2017. ISSN 1983-6821. <https://doi.org/10.1590/1983-6821201710226>.

OTAOLA, Luis Casado de. Per vistbiUa ad invisibilia: Bepnsentaciones figurativas en documentos aU&medievales como símbolos de validación y autoría, «SIGNO. Revista de Historia de la Cultura Escrita 4 (1997).

PAIVA, Vera Lúcia de Menezes Oliveira. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2019.

PASSOS, M.V.F. **O gênero “meme” em propostas de produção de textos**: implicações discursivas e multimodais. Anais do SIELP. v. 2, n. 1. Uberlândia: EDUFU, 2012.

PERUZZO, Denise Leite. **Os memes como recurso pedagógico na construção de valores morais no Ensino Médio**. 2020. 76 f. Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Docência para a Educação Básica – Unesp, Faculdade de Ciências, Campus Bauru, 2020.

PORTO, Lilian Mara Dal Cin. **Memes**: construção de sentidos e efeito de humor. 2018. 189 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

RAMOS, Ana Adelina Lôpo. Um caminho estrangeiro na compreensão do gênero: estratégias cognitivas em produção textual do CELPE-Bras. 2007. 240 f. Tese (Doutorado em Lingüística)—Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROJO, R. A teoria dos gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e os multiletramentos. In: ROJO, R. (Org.). **Multiletramentos e as TICs**: escol@ conect@d@. São Paulo: Parábola Editorial. 2013. p. 9-32.

_____, R. H. R.; MOURA, E. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

_____, R.; BARBOSA. J.P. **Hipermodernidade, Multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola, 2015.

_____, Roxane. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ROSÁRIO, Heloisa Monteiro. **Um périplo benvenistiano**: o semiólogo e a semiologia da língua. 2018. 174p. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

RUIZ, E. M. S. D.; FARIA, M. B. A intertextualidade no gênero resenha. **Linguagem em (Dis)curso** [online]. 2012, v. 12, n. 1 [Acessado 29 Outubro 2022] , pp. 99-128. Disponível

em: <<https://doi.org/10.1590/S1518-76322012000100005>>. Epub 18 Maio 2012. ISSN 1982-4017. <https://doi.org/10.1590/S1518-76322012000100005>.

SANTAELLA, L. **Leitura de imagens**. São Paulo: Editora Melhoramento, 2012.

SANTOS, S. S.; MURIALDO, C. REPRESENTAÇÕES DE ESCOLA EM UM LIVRO DIDÁTICO DE INGLÊS À LUZ DA GRAMÁTICA DO DESIGN VISUAL. **Organon**, Porto Alegre, v. 36, n. 71, p. 373–394, 2021. DOI: 10.22456/2238-8915.113455. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/113455>. Acesso em: 22 jul. 2022.

SANTOS, Wilquer Quadros dos. **A gramática das construções mêmicas de Internet no português do Brasil**: uma interface da Gramática Sistemico-Funcional e da Gramática do Design Visual. 2020. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/13292>. Acesso em: 20 jul. 2022.

SHELL, L. V. de A. Memes e multimodalidade: uma análise do caso bela, recatada e ‘do lar’. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 9, n. 4, 2020, p. 664-685.

SIEBRA, M. A. B. O gênero tira na perspectiva do letramento visual crítico. / Maria da Anúcia Brito Siebra. - Mossoró, 2019. 151p. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

SILVA, A. M. **Metodologia da pesquisa**. 2a. ed. revisada. Fortaleza: EdUECE, 2015.

SILVA, M. M. P; ALMEIDA, D. B. L. 2018. Linguagem Verbal, Linguagem Visual: Reflexões teóricas sobre a perspectiva Sócio-Semiótica da Linguística Sistemico-Funcional. **Odisseia**, v. 3, n. 1, jan./jun., p. 36-56.

SILVA, Polyana I. R. Dinâmicas comunicacionais na vida cotidiana – Instagram: um modo de narrar sobre si, fotografar ou de olhar pra se ver. In: XVII Congresso de ciências da comunicação na região sudeste, 2012, Ouro Preto. Artigo Científico. Ouro Preto: **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, 2012.

SILVA, Zenilda Rodrigues. O gênero meme da Internet [manuscrito]: dialogismo e semiótica na construção textual / Zenilda Rodrigues Silva. – Montes Claros, 2018. 166 f.: il.

TÁVORA, Edilene Gomes. **Utilização dos memes no desenvolvimento da compreensão leitora do 8o ano**. 2021. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2021

VIEIRA, Cristiane Rodrigues; MOURA, Ana Célia Clementino. A multimodalidade e seus significados em textos publicitários. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato (CE), v. 7, n. 2, p. 41-56, jul./dez. 2018.